

A woman with dark hair, wearing a black halter-neck dress and a necklace with large, dark, teardrop-shaped pendants, is shown from the chest up. She is looking upwards with her head tilted back, and her eyes are closed. The background is dark and out of focus.

Livro 3

Acabe Comigo

AUTORA #1 DAS LISTAS INTERNACIONAIS DE MAIS VENDIDOS

CHRISTINA ROSS



Acabe Comigo,

Livro 3

De

CHRISTINA ROSS

Para meus queridos amigos.

E minha família.

E especialmente para os meus fãs.

Obrigada por lerem a história de Jennifer e Alex.

Direitos Autorais e Aviso Legal: esta publicação está protegida pelo Ato de Direitos Autorais dos EUA de 1976 e por todas as outras leis internacionais, federais, estaduais e locais aplicáveis. Todos os direitos são reservados, incluindo os direitos de revenda.

Quaisquer marcas registradas, marcas de serviços, nomes de produtos ou características nomeadas presumem-se ser de propriedade de seus respectivos donos e são usados somente como referência. Não há endosso implícito em caso de uso de nenhum desses termos. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma por qualquer meio eletrônico ou mecânico (inclusive fotocópia, gravação ou armazenamento e recuperação de informações) sem permissão por escrito do autor.

Primeira edição do e-book © 2013.

Isenção de Responsabilidade:

Este é um trabalho de ficção. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas (a não ser que explicitamente mencionado) é mera coincidência. Copyright © 2013 Christina Ross. Todos os direitos reservados no mundo todo.

ÍNDICE

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Livros de Christina Ross](#)

ACABE COMIGO

Vol. 3

De Christina Ross

CAPÍTULO 1

Cidade de Nova Iorque
Setembro

— Eles estão nos vendo na calçada! — gritei aterrorizada para Alex.

Olhei em volta. As pessoas andando pela calçada nos ignoravam completamente ou olhavam-nos de relance, provavelmente porque Alex deixara a porta do carro aberta e era óbvio que estávamos no meio de uma discussão.

Olhei para a esquerda, para a direita, para o outro lado da rua. Àquela hora da noite, o tráfego era relativamente tranquilo na Quinta Avenida, mas os faróis brilhantes dos carros indo para o centro tornava difícil ver alguma coisa.

— Em algum lugar, neste exato momento, alguém está nos observando.

Ele segurou meu braço. — Se é verdade, então volte para o carro. Não seja burra.

Apesar de estar furiosa com ele, eu não tinha outra opção além de concordar. Ficar na calçada *era* burrice. O carro estava a poucos metros de distância. A porta de trás estava aberta. Com a arma em punho, o motorista saiu do carro, mas ficando protegido atrás dele.

Mas não conseguiu completamente.

A visão da arma fez com que as pessoas na calçada apressassem o passo. Algumas começaram a correr. Vi olhos arregalados e bocas abertas. Minha atitude colocava todos à minha volta em perigo. Precisava voltar para o carro e resolver as coisas com Alex mais tarde. Portanto, abaixei a cabeça e corri para o carro com ele.

Sentamos no banco de trás. Alex bateu a porta, ordenando ao motorista que entrasse e fosse embora o mais rápido possível.

Naquele momento, soou o disparo de uma espingarda. Instintivamente, eu me afastei da janela no momento em que uma bala a atingiu. O vidro rachou em volta dela, mas a janela não quebrou. Em vez disso, pareceu segurar a bala como uma aranha envolvendo a próxima refeição em uma teia. Eu ouvi meu próprio grito, mas parecia que estava fora de mim, que não estava lá, que não estava presente. A bala veio diretamente na linha da minha cabeça. Sem o vidro, sem o carro blindado, eu estaria morta.

Os próximos momentos pareceram envoltos em uma névoa.

Alex me puxou para perto de si quando o carro começou a se mover, entrando no tráfego da Quinta Avenida e quase sendo atingido pelos carros que se aproximavam.

Buzinas soaram. Freios guincharam. O carro ziguezagueou ao avançar. Do outro lado da rua, vi outro carro começar a se afastar do meio fio. Estávamos indo na direção dele tão depressa que o motorista gritou para que nós nos abaixássemos como proteção.

Ele vai bater naquele carro...

Alex segurou minha cabeça e colocou-a sobre o colo antes de cobrir meu corpo com o dele. A colisão nos jogou para a frente com tanta força que eu teria caído do banco e provavelmente sofrido

ferimentos graves se Alex não estivesse segurando-me. Ainda assim, o solavanco foi tão forte que machucou meu pescoço e senti alguma coisa no ombro direito ceder.

Do lado de fora, pessoas gritaram. Olhei para Alex, vi que parecia estar bem — pelo menos, fisicamente — e senti-me aliviada e grata por isso, apesar da raiva de antes. Eu me sentei, alonguei o pescoço ainda meio estonteada e olhei pelo vidro da frente enquanto esfregava o ombro. Na rua, havia uma multidão afastando-se lentamente da cena.

O motorista batera no carro preto com tanta força que a porta do lado do motorista ficou irreconhecível. Um pouco de fumaça começou a sair por baixo do capô. Vi sangue na janela quebrada — sangue demais para que eu conseguisse compreender o que acontecera —, mas não havia sinal do motorista. Nenhum sinal de que alguém estava ferido e tentando sair. Minhas entranhas se contraíram quando pensei nos piores cenários possíveis. A pessoa no interior daquele carro estava morta ou pronta para reagir, apesar dos ferimentos.

— Fiquem onde estão — disse o motorista. — Não saiam do carro, a não ser que eu lhes diga para fazer isso.

Com a arma em punho à frente do corpo, ele saiu do carro, abaixou-se um pouco e lentamente deu a volta no carro. Ao redor, os carros avançavam depressa para evitar o que estava acontecendo ou reduziam a velocidade para que os passageiros pudessem matar a curiosidade antes de serem obrigados a avançar.

Novamente, buzinas soaram. À distância, sirenes da polícia gritaram. Alguém na calçada devia ter ligado para a emergência. Devia ter informado que vira alguém dentro de uma Mercedes preta com uma arma apontada para um alvo do outro lado da rua. Eu me virei para Alex e vi a expressão sombria no rosto dele. Em seguida, olhei para o motorista que se aproximava do outro carro com cuidado.

— Ele pode levar um tiro — disse eu para Alex.

— Ele está usando um colete à prova de balas.

— Na cabeça? O peito é o único lugar onde ele pode levar um tiro?

— Ele é treinado, Jennifer. É muito mais do que apenas um motorista.

— Chame-o de volta. Diga a ele para esperar a polícia.

Mas Alex não respondeu nem fez nada. Os olhos dele permaneceram fixos no motorista. Notei que ele tinha a mão na maçaneta da porta, preparado para se envolver, se fosse necessário. O medo me invadiu, repleto de adrenalina e alimentado pelo instinto. Se ele planejava sair do carro para ajudar o motorista, eu não conseguiria segurá-lo. Ele era forte demais. E não havia como impedi-lo, se era o que pretendia fazer. Pelo jeito, achava que os punhos seriam o suficiente para ajudar o motorista se o atirador no carro estivesse vivo e esperando para atirar em quem surgisse primeiro.

— Há alguma outra arma aqui dentro? — perguntei.

Quando falei, Alex pareceu voltar a si. Ele piscou rapidamente, olhou para mim com uma fúria que eu nunca vira e colocou a mão sob o banco. Com um puxão firme, retirou uma pistola de aparência sofisticada. Era uma arma fina com acabamento em metal cinza-escuro. Exceto pelo que vira na televisão e nos filmes, eu não sabia nada sobre armas. Mas era suficiente para que eu tivesse algum conhecimento básico sobre como elas funcionavam.

Quanto a Alex, obviamente se sentia confortável com uma arma. Com facilidade, removeu a parte inferior da coronha, que deslizou para fora, e verificou a parte interna da câmara, provavelmente para ver se havia balas. Satisfeito, ele empurrou o pente de volta e observou o motorista chegar mais perto do carro danificado, que soltava tanta fumaça que fiquei ainda mais preocupada com uma explosão.

— Fique abaixado! — gritou o motorista perto do carro. Ele estava na calçada, avançando lentamente para a janela do lado do passageiro. — Fique abaixado ou eu *vou* atirar em você!

A pessoa lá dentro está viva?

A multidão na calçada pareceu fluir para perto e depois para longe, como uma maré em correntes de curiosidade antes de ser afastada pelo medo. Mas a cidade era cheia de heróis e pude ver, pela forma como alguns dos jovens na multidão se comportavam — na ponta dos pés, esforçando-se para encontrar uma posição melhor, procurando uma forma de se aproximar e ajudar — que a situação estava prestes a sair do controle.

— Olhe a fumaça — disse eu para Alex. — O carro vai pegar fogo ou explodir. Faça com que ele volte para dentro do carro. Precisamos ficar a uma distância segura e esperar a polícia. Ela está a caminho. Deixe que os policiais cuidem disso.

— A polícia poderá chegar tarde demais.

— Por que está fazendo isso?

— Porque eles dispararam uma maldita bala em você. Eles tentaram matá-la. Quem fez isso com você está dentro daquele carro. Acha mesmo que eu ou o motorista iríamos deixar que a pessoa se safasse? Que não a faríamos pagar por isso? Acha que eu permitirei isso? Está falando sério, Jennifer?

Antes que eu conseguisse dizer mais alguma coisa, ele abriu a porta do carro e saiu. Congelada, eu observei quando ele se abaixou e andou na direção do motorista e do carro que fora arruinado.

Aterrorizada com a ideia de perdê-lo, prendi a respiração e vi quando ele avançou com a arma firmemente erguida em frente ao corpo. Ele começou a se mover na direção do motorista, que subitamente recuou quando uma chama surgiu sob o capô. Vi Alex se afastar do carro surpreso.

Apesar de as sirenes estarem chegando mais perto e de a polícia estar realmente quase lá, eu precisava fazer alguma coisa. Precisava afastar Alex daquele carro antes que alguma coisa grave acontecesse com ele.

Eu saí do carro.

— Todos vocês, movam-se para longe! — gritei para ele e para a multidão. — Afastem-se do carro! Vão para um lugar seguro!

Naquele momento, o fogo começou a aumentar. As chamas surgiram sob o capô, passando pelas beiradas e subindo pelo ar. As pessoas na calçada imediatamente começaram a se afastar, sabendo o que poderia acontecer a seguir.

— Jennifer! — gritou Alex.

Mas foi tarde demais.

Um dos homens que eu notara mais cedo no meio da multidão avançou correndo e chutou a janela do passageiro do carro, estilhaçando o vidro. Ele era jovem e forte. Coloquei a mão sobre a boca quando ele recuou instintivamente e rolou no chão, caso a pessoa no lado de dentro reagisse com tiros. Uma mulher gritou para que ele voltasse. Ele obedeceu e voltou para o meio da multidão. Alex olhou para mim e mandou que eu fosse para longe do carro.

Mas eu fui mais para perto dele. Senti o calor na pele, esticando-a. Fiquei muito assustada, mas não pretendia perdê-lo, não importava o quanto estivesse furiosa com ele. Ele só conseguiria me fazer sair dali se fosse comigo. Eu o encarei firmemente. — Não vou sair daqui sem você.

Ele se virou e olhou para o motorista, que agora estava perto do carro e apontando a arma pela janela quebrada. Ele avaliou a situação e, depois de um momento, colocou o braço dentro do carro. Vi quando ele moveu a mão e, subitamente, assumiu uma atitude totalmente profissional.

— Ele está morto — disse ele para Alex ao abrir a porta do lado do passageiro. — Preciso que

você e Jennifer saiam daqui. Agora. Antes que esta coisa exploda. Saiam daqui. Vão para longe para que eu possa fazer o meu trabalho.

Alex e eu começamos a recuar. O motorista puxou um homem para a calçada e arrastou-o para longe do carro. Nós o observamos por sobre o ombro, demos as costas para o carro e começamos a correr.

Demos alguns passos.

Foi quando o carro explodiu.

Foi quando a força da explosão nos ergueu do chão e jogou-nos pelo ar quente.

Caímos com força, um de nós no meio da rua.

E foi quando tudo mudou.

CAPÍTULO 2

De alguma forma, nenhum de nós se machucou gravemente. Cortei o braço quando caí e feri os quadris de tal forma que, dois dias depois do incidente, ainda sentia dor ao caminhar.

Os ferimentos de Alex foram piores.

Ele machucou o rosto e as mãos e foi diagnosticado com uma concussão, resultado de bater a cabeça no chão. Não corria perigo e ficaria bem, mas os médicos do hospital o deixaram sedado para que pudesse descansar. Planejaram mantê-lo lá um dia a mais para ter certeza de que estivesse bem antes de ser liberado.

O que eu sabia com certeza era que podia tê-lo perdido naquela noite, caso ele tivesse sido atingido por um carro, mas todos conseguiram desviar. Ele tivera sorte. Eu tivera sorte. Tudo poderia ter sido muito pior.

Mas aquilo precisava ter acontecido?

Era a pergunta que me consumia. Em algum momento da vida, todos enfrentamos decisões difíceis, que devem ser tomadas em uma fração de segundo. Em retrospectiva, questionamos se foram decisões acertadas. Se tivéssemos a chance de passar por aquilo de novo, a decisão seria a mesma? Ou, no calor do momento, teríamos feito algo diferente, se fosse possível?

Se houvesse a oportunidade, teríamos agido de outra forma?

Quando era jovem e meu pai abusava de mim, eu teria feito algo para que ele parasse de me bater, especialmente sabendo o que sabia depois de adulta? Eu teria procurado um vizinho, um professor, talvez o orientador da escola, e contaria a eles que, apesar da vergonha que sentia por não ser a filha que o meu pai queria, se era que algum dia ele me quisera, havia uma verdade medonha e indesejada acontecendo comigo em casa? E que, talvez, um lar melhor para mim seria com uma nova família que talvez passasse a me amar?

Sabendo o que eu sabia agora, claro, teria feito isso. Mas, quando criança, cega para o fato de que os ataques de fúria do meu pai tinham menos a ver comigo do que com o fato de que ele era um bêbado, permaneci em silêncio. Aceitei o abuso dele porque, durante anos, era tudo o que conhecia. Levar socos e ser atacada verbalmente era tão comum que acabei acostumando-me. O abuso dele estava em todos os cantos e, como um cão de guarda, sempre aparecia correndo com os dentes arreganhados.

Antes de crescer o suficiente para entender, a frequência com que meu pai explodia comigo parecia normal. Era como eu achava que a vida era. Eu era totalmente indefesa. Olhando para trás, eu conseguia encontrar desculpas para meu comportamento quando criança. Mas agora? Depois de passar dois dias no hospital cuidando de Alex? Não sabia se o que fizera naquela noite fora certo.

Aquela noite passava na minha mente repetidamente, como um filme. Ele me traíra ao não me contar que estava sendo ameaçado? Naquele momento, achei que sim. Eu acabara de receber uma ameaça contra a minha vida, o que alimentara minha raiva e as decisões que se seguiram quando literalmente ficamos sob fogo cruzado. Naquele momento, agi por causa do medo que senti por mim e

por ele. Devido à raiva que senti dele. Depois daquilo, o impensável aconteceu e chegamos ao ponto em que estávamos agora.

Ele estaria deitado nesta cama de hospital agora se eu não tivesse me metido?

Era a pergunta que me assombrava. Era a pergunta a que eu não podia responder. Porque, se não tivesse tentado tirá-lo de perto daquele carro em chamas, não sabia o que poderia ter acontecido com ele.

Ele teria perdido a vida se tivesse permanecido perto do carro um momento a mais? Era possível. Ou, sem a minha intervenção, estaria apenas se recuperando de uma concussão? Quem sabia? Eu não sabia e nunca saberia. O pior de tudo era que sempre havia a chance de que, se eu não o tivesse distraído naquela noite, ele poderia ter se afastado e não ter sofrido nada. Talvez não estivesse naquela cama. Talvez não estivesse em recuperação.

Olhei para ele e senti o coração apertado. Ele dormia profundamente. Os médicos disseram que se recuperaria. Somente naquela manhã ele ficara acordado por tempo suficiente para conversarmos brevemente.

— Isso é ridículo — disse ele quando descobriu que precisaria ficar mais um dia. Estava sonolento por causa dos remédios e enrolava a língua para falar, mas os olhos estavam relativamente lúcidos, o que era um bom sinal.

Eu não discuti com ele porque concordava com o hospital e queria que saísse de lá saudável. Só estendi o braço e apertei a mão dele. Ele dormira durante a maior parte do dia anterior e trocara apenas algumas palavras comigo, a maioria das quais não consegui entender.

— Estamos bem? — perguntou ele mais tarde.

— Estamos bem. Melhor do que bem.

— Fiquei preocupado.

— Não há com o que se preocupar.

— Achei que era um trote, Jennifer. Juro por Deus...

— Eu sei disso. Eu exagerei.

— Não, não exagerou. Eu devia ter lhe contado. Devia ter levado aquilo a sério antes de irmos para o Maine. Não fiz isso. E lamento por não ter feito isso.

— Se alguém devia estar pedindo desculpas, sou eu. Se eu não tivesse saído do carro, nada disso teria acontecido.

Ele fechou os olhos. — Nós não sabemos. — A voz dele ficou mais suave e percebi que estava exausto. — De qualquer forma, aquele filho da puta tentaria alguma outra coisa. Mesmo que tivéssemos continuado no carro.

Quando ele pegou no sono novamente, pensei no que ele dissera e cheguei à conclusão de que não sabia se era verdade. Nunca saberia. O que acontecera naquela noite fora tão rápido que eu não tinha certeza de nada além da culpa que me consumia, mesmo que não fosse merecida. A culpa fora o meu parâmetro durante anos e lá estava ela novamente, parada sobre o meu ombro e incitando-me, como fizera quando eu era criança, quando sentira culpa por não ser a filha que meu pai queria.

Observei Alex dormindo. Olhei para os machucados no rosto e nas mãos dele e comecei a chorar novamente. Chorei por Alex, pelos erros que eu talvez cometera e por tudo o que acontecera naquela noite, apesar de provavelmente nunca saber de tudo o que acontecera, mesmo com as investigações da polícia e do FBI.

Foi naquele momento, quando eu estava mais vulnerável, que Blackwell entrou no quarto.

CAPÍTULO 3

Por um momento, nós nos encaramos. Em seguida, ela desviou o olhar para Alex, que roncava de leve. E olhou para mim novamente. Ela segurava um vaso cheio de flores brancas, que colocou silenciosamente sobre uma mesa já cheia de flores enviadas pelos vários amigos de Alex.

Logo depois, ela se aproximou de mim. Sem dizer uma palavra, ela se inclinou para a frente e segurou meu rosto com as mãos. Em seguida, soltou-me para pegar um lenço de papel na bolsa que tinha pendurada no ombro. Ela limpou as lágrimas dos meus olhos, passando o lenço com cuidado sob eles, provavelmente porque a maquiagem escorrera, e sorriu tão de leve que foi estranhamente confortante.

Ela ergueu meu queixo com o dedo, avaliou meu rosto com um olhar crítico e colocou a mão novamente dentro da bolsa. Tirando um pó Channel, passou-o sob meus olhos e pelo restante do rosto. Silenciosamente, apontou para os próprios lábios, depois para os meus. Em seguida, acenou para a minha bolsa que estava no chão.

Ela estendeu a mão. Eu peguei a bolsa e entreguei-a a ela, que pegou um batom, segurou meu rosto com firmeza e reaplicou a maquiagem.

— *Voilà* — sussurrou ela perto do meu ouvido quando terminou.

— Obrigada — sussurrei de volta.

— Estou de olho em você. Não come há dois dias, o que é inaceitável, até mesmo para mim. Portanto, venha comigo — disse ela baixinho. — Eu e você vamos comer, conversar e resolver pelo menos parte disso tudo.

* * *

Saímos do quarto de Alex para o corredor, onde havia dois guardas parados do lado de fora da porta, o que me deixou gelada. Estávamos no hospital New York-Presbyterian na rua East Sixty-Eighth. Por dez minutos, segui Blackwell por corredores movimentados, elevadores e saguões até chegarmos ao porão do prédio F, onde ficava o Garden Café.

Um dos guardas nos seguiu. Estava à paisana e era discreto, mas, mesmo assim, a presença dele me lembrava de tudo o que eu queria esquecer.

Concentre-se em Blackwell. Deixe que ele faça seu trabalho.

O restaurante parecia ter de tudo. Havia um balcão com comidas quentes, um bar de saladas, saladas gourmet e sanduíches, sushi e até mesmo uma exposição com tema de feira mundial. Para minha surpresa, Blackwell não foi para o bar de saladas. Em vez disso, foi diretamente para o balcão de hambúrgueres e cachorros-quentes.

— O que desejam? — perguntou o homem atrás do balcão.

Ela olhou para o cardápio e tomou uma decisão tão rápida quanto todas as que tomava. —

Hambúrguer duplo com queijo triplo, tomate, bacon, abacate, catchup e maionese. Bastante maionese. Não seja mesquinho. Aperte o pote até que a maionese escorra pelos lados. E batatas fritas, porção grande. Muito grande. Pagarei extra, se for preciso. E quero que estejam quentes. Não tolerarei nada que tenha passado por uma morte lenta na última hora em um balcão sob uma daquelas luzes quentes medonhas. Quero batatas quentes fritas em óleo quente. E uma Coca Diet. — Ela fez uma careta, pareceu cair em si e balançou a cabeça. — Esqueça a última parte. Apague da memória. Dê-me uma Coca, das grandes. Com pouco gelo. Não tente me enganar na bebida.

Ela estava pedindo para mim? Não podia ser para ela. Aquela era a mulher que comia gelo no jantar. — Isso tudo é para mim? — perguntei.

— Não, Jennifer. É para mim. Não me julgue. Hoje, vamos comer muito bem no Garden Café. Quer o mesmo?

Não consegui esconder a surpresa. — Isso vindo da mulher que me manda comer só folhas?

— Só responda à pergunta.

— Quero tudo igual, sem o abacate.

— Sem o quê?

— Sem o abacate.

— Você é uma idiota.

— Não gosto de abacate.

— E o que diabos há de errado com o abacate?

Dei de ombros.

— Está bem. Sem abacate. Que desperdício. Quer um *milk shake* para compensar? Baunilha?

Chocolate? Pare de me olhar desse jeito. É seu passe de ouro. Estou entregando a você de bandeja.

— Bem que eu gostaria de um de chocolate...

— Achei que sim. — Ela se virou para o homem. — A mesma coisa para ela, mas sem o abacate, por mais que isso seja errado. E um *milk shake* de chocolate em vez da Coca. Sempre dou gorjetas gordas, mesmo em lugares como este, em que as pessoas não dão gorjeta. Portanto, capriche e faça com que valha a pena, ok?

Ele olhou para ela com um sorriso divertido. — Pode deixar, valerá a pena.

— O que quer dizer com isso?

— A carne — disse ele. — A carne valerá a pena.

— Por que isso soa vulgar?

O sorriso dele aumentou.

— Explique.

— Aqui, você pode escolher a carne magra, que é seca e sem gosto, algo que eu não daria nem para o meu cachorro. Ou pode escolher carne moída de peru, que é uma abominação. Ou pode fazer a coisa certa.

— E qual é a coisa certa?

— Hambúrgueres realmente bons são cheios de gordura. Trinta por cento de gordura. Quer esse tipo de gordura, madame?

— Pode me chamar de senhora. E sim, nós duas queremos esse tipo de gordura.

— Vou providenciar. O hospital me agradecerá daqui a alguns anos.

Blackwell pareceu gostar daquela conversa breve e analisou o homem com novos olhos. — Você é incomum. Por que trabalha aqui?

- Pergunto isso a mim mesmo todos os dias. Um dia vim parar aqui e acabei ficando.
- Então saia. Você é habilidoso. Posso sentir isso.
- É o que a minha mãe diz.
- Então ela tem uma excelente intuição. Você cozinha?
- Sou o cozinheiro.
- Então, por que está anotando os pedidos?
- Sheila não apareceu para trabalhar, está doente.
- Quem diabos dá o nome de "Sheila" a uma filha. Meu Deus. Você fez o curso de culinária?
- Não tenho dinheiro para isso.

Ela colocou a mão dentro da bolsa e pegou um cartão. — Entre em contato comigo. A empresa para a qual trabalho tem um fundo que oferece bolsas de estudo integrais para quem precisa. Se você for carente, e não sei se é, pois não é da minha conta, mas gostaria de cursar culinária, entre em contato comigo neste número. Julgarei você pelos hambúrgueres, e especialmente pelas batatas fritas. Parece justo?

— Você está falando sério?

— Chame-me de srta. Blackwell. E estou falando sério. Sempre falo sério. As pessoas dizem que sou séria demais. Talvez estejam certas. Não importa. — Ela acenou com a cabeça para ele sorrindo. — Nós nos sentaremos ali. Está vendo aquela mesa? A redonda? Bem ali. Você levará a comida até lá?

— Com certeza.

— Tenha um bom dia. Qual é o seu nome? Não vejo crachá nenhum.

— Charlie.

— Nenhum *chef* de respeito se chama Charlie.

— É o meu nome.

— Era o seu nome. Então, Charles, eu lhe direi o que achei da comida. Capriche. Faça o melhor possível e veremos o que servirá. Porque esta mulher... — ela bateu com o dedo no próprio peito. — Esta mulher só come desse jeito uma vez por ano.

— Farei o melhor possível, srta. Blackwell.

Ela colocou uma nota de cem dólares sobre o balcão e começou a se afastar. — Não duvido disso, Charles.

* * *

— Aquilo foi interessante — disse eu ao sentarmos à mesa.

— O que foi interessante?

— Se ele aceitar a sua oferta, talvez você tenha acabado de mudar a vida dele.

— E daí?

— Foi gentil da sua parte.

— Não sou uma megera completa, Jennifer. Só pareço ser.

Pela primeira vez em dois dias, eu ri. — Não, você não é. Você é complicada, maravilhosa, assustadora, inteligente, talentosa e, algumas vezes, comovente. Nunca conheci alguém como você, mas fico feliz por isso ter acontecido.

Ela fez um gesto indiferente com a mão. — Está dizendo isso só porque retoquei sua maquiagem

agora há pouco.

— Você sabe que não. Vamos falar sério. Estou feliz por estar aqui, por motivos que você nem imagina. Aprendi a depender de você e considerá-la uma amiga.

— Ninguém me considera amiga.

Ela me estudou por um momento com uma expressão que dizia que estava falando a verdade. Talvez ela não tivesse muitos amigos. Enquanto morasse naquela cidade de gelo e poder, particularmente no nível em que estava, talvez fosse um desafio encontrar amizades verdadeiras.

— Bem, eu considero.

— Então que seja. — Ela olhou para mim quase como uma mãe o faria. — Você estava chorando quando entrei no quarto. Por quê?

— Você sabe o porquê.

— Alex ficará bem.

— O problema não é esse.

Ela ergueu o queixo. — Não, não é. Olhe, Jennifer, vou deixar as coisas bem claras. Não vou facilitar nada. Serei lógica e atenciosa, mas não espere nada além disso. A minha presença aqui hoje é para deixá-la concentrada para que vá em frente.

— Com o quê?

— Com tudo. E sim, isso inclui seu relacionamento com Alex, que passei a considerar bem-vindo. Acho que você é a pessoa certa para ele. E eu o protejo mais do que protejo a mim mesma, portanto, leve isso em consideração. Pela forma como vejo a situação, e corrija-me se eu estiver errada, você não tinha a menor ideia de que a vida de Alex fora ameaçada até a noite da festa. Estou certa?

— Sim, está.

— E ele sabia disso tudo antes de vocês irem para aquela viagem romântica para o Maine. Estou certa?

— Sim, está.

— E aconteceram coisas entre vocês dois no Maine que fazem com que você se sinta traída porque ele manteve o silêncio. Você acha que ele deveria ter lhe contado o que sabia antes que as coisas... fossem adiante. Estou certa?

Eu suspirei. Havia alguma coisa que ela não sabia? — Sim, está.

— Então precisamos conversar.

— Eu preciso conversar com alguém.

— Você não conversou com a sua amiga, Lisa?

— Muito brevemente. Conversaremos mais depois. Mas é melhor ter duas amigas do que uma só.

Ela quase corou ao ouvir aquilo, pigarreou e pareceu se recuperar. Era como se a ideia de eu a considerá-la como amiga fosse algo inconcebível.

— De qualquer forma, foi por isso que vim aqui hoje — disse ela. — Eu a vi ontem. Não tenho certeza se você me viu. Mas, ontem, coloquei a cabeça para dentro do quarto para ver como Alex estava. Você estava tão imersa em pensamentos que não pareceu me notar. Por isso, fui embora. Mas ficou claro para mim que você estava em algum outro lugar e tenho a impressão de que estava nos pântanos da culpa. Você acha que ele está lá por sua causa, não é?

— É claro que sim. Por vários motivos, ele está lá por minha causa.

— Por que acha isso?

— Porque eu exagerei quando descobri que ele não me contara sobre as ameaças. E depois eu mesma recebi uma ameaça. A situação que eu criei depois disso nos trouxe ao cenário atual.

— A situação que você criou?

— Isso mesmo, que eu criei.

— Diga-me quem não teria exagerado naquelas circunstâncias?

— Muitas pessoas não teriam.

— Diga o nome de alguém. Eu certamente teria exagerado, se é que você quer chamar isso de exagero, coisa de que não tenho certeza. Mesmo assim, eu teria ficado furiosa com ele. Na verdade, agora que sei que ficará bem, estou furiosa por ele não ter levado aquela ameaça mais a sério.

Estamos falando sobre a sua vida, Jennifer, e a vida dele. Ele ignorou uma ameaça clara. Já fez isso antes. Ora, fez isso várias vezes desde que os pais dele morreram e ele assumiu a Wenn.

Vi minha chance e aproveitei. — Como os pais dele morreram?

Ela me olhou com expressão curiosa. — Você não sabe?

— Não sei. Esperei que Alex mesmo me contasse. No Maine, ele me contou muito sobre eles e o relacionamento que tinham. Contou que eles não gostavam muito um do outro, mas nunca me disse como morreram.

— Na verdade, ia além de simplesmente não gostarem um do outro. Eles se odiavam.

A forma como ela disse aquilo foi estranha. Uma vez, ela me dissera que era próxima da mãe de Alex. Por um momento, o clima ficou mais sombrio, coisa que se refletiu nos olhos dela.

— Eles não deviam ser muito velhos quando faleceram.

— Não eram.

— Aconteceu alguma coisa com eles?

— Você não procurou nada no Google? Não é nenhum segredo, Jennifer.

O que não é segredo?

— Pensei em procurar no Google, mas achei que seria bisbilhotar e desisti.

— E não está bisbilhotando agora?

— Estou. Eu quero saber. Preciso entendê-lo melhor. E o seu comportamento no momento não é normal por algum motivo. O que aconteceu?

— Tem certeza de que quer ouvir isso de mim? Não prefere ouvir de Alex?

— É informação pública. Eu queria ouvir dele. Mas agora? De que adianta esperar mais?

— Está bem. Foi um assassinato e um suicídio. O pai de Alex deu um tiro na cabeça de Constance. Depois, atirou na própria cabeça.

Não consegui acreditar no que ouvia nem disfarçar o choque na voz quando falei. — Você não pode estar falando sério...

— Bem que eu queria.

— Quando foi isso?

— Há quatro anos. Aconteceu um mês antes que Alex perdesse Diana. Portanto, em questão de um mês, Alex perdeu os pais e a esposa.

Eu me senti muito mal ao imaginar como aquilo o afetara. — Por que o pai dele fez isso?

— Porque ele queria o divórcio. Constance se recusava a concordar. Isso durou anos, pelo menos vinte. Ela se recusava a dar o divórcio porque estava convencida de que ele a arruinaria socialmente. E ela estava certa, ele teria feito isso.

— Foi o que Alex me disse.

— Então Alex conhecia bem o pai. Depois de uma briga particularmente violenta e cheia de álcool que durou até muito depois da meia-noite, aquele filho da puta pegou a arma e atirou em Constance, que estava no quarto dela. Suponho que, quando percebeu o que fizera e pensou no escândalo e na sentença de prisão que teria que enfrentar, o covarde deu um tiro na cabeça. Foi o fim

da história para eles, mas o início de uma grande mudança na vida de Alex. — Ela sacudiu a cabeça. — Algumas vezes, acho que ele não se importa com o que acontece consigo mesmo. Não tanto pelo que aconteceu com os pais dele, cujo relacionamento foi muito brutal para ele. Mas por causa da forma como a morte de Diana o afetou. Desde então, ele esteve totalmente concentrado no trabalho e deixou todo o resto de lado.

— Eu só contei isso a Lisa. Ele me escreveu uma carta. Uma carta de amor, foi como ele a chamou, e acho que era isso mesmo. Ele me entregou a carta naquela noite, na festa no telhado. Nela, ele disse que estava apaixonado por mim. Se isso é verdade, por que não me contou nada disso? Tanto sobre os pais quanto sobre a ameaça?

— Eu não faço a menor ideia. De forma parecida com você, Alex tem um escudo ao redor dele. — Ela olhou para mim. — Você está apaixonada por ele?

— Eu não sei. Acho que sim. Talvez.

— Como pode não saber?

— Nunca estive apaixonada antes.

— Então vou dizer o que vejo. Eu observei você e Alex, observei os dois juntos. E o que vi, cada vez mais, foi um casal apaixonando-se um pelo outro. Alex sabe o que é o amor. Você talvez não o reconheça tão depressa quanto ele, pois nunca o sentiu. Mas a mulher que vi naquele quarto há um momento? A mulher que estava chorando ao lado da cama dele? Era uma mulher apaixonada. Era uma mulher, em particular, que não estava se exibindo para os outros só porque o namorado é um bilionário e deveria mostrar sofrimento. Sozinha com Alex, que estava dormindo e incapaz de ver o estado em que você estava. Mas, quando eu a vi daquele jeito, entendi tudo. Você está apaixonada por ele. É assim que é o amor, pelo menos nesta situação. Quando é bom, também é tudo sobre o que você já ouviu falar e leu. Pode ser inebriante e maravilhoso e torná-la mais feliz do que jamais foi. Mas também pode deixá-la de joelhos, que é onde está agora. Já mostrou a Alex o que sente por ele?

— Não verbalmente. Mas já demonstrei fisicamente. — Respirei fundo e resolvi contar tudo a ela. — Isto pode soar ridículo na minha idade, mas foi ele quem tirou minha virgindade. Não há dúvida alguma em minha mente de que ele sabe como aquele momento foi importante para mim. E, depois de esperar tanto tempo, não pretendia me entregar a qualquer um. Portanto, se eu demonstrei alguma coisa importante a ele, foi com esta decisão.

— Muito bem, mas, algumas vezes, as pessoas precisam ouvir as palavras. Por que não consegue dizer a ele como se sente?

— É um assunto em que é melhor não entrar.

— Por quê?

Eu conhecia Blackwell bem o suficiente para saber que ela não desistiria. Portanto, contei um pouco do problema. — Meu pai abusou de mim quando eu era pequena. Minha mãe não fez nada a respeito. Eu apanhava rotineiramente. Como resultado, tenho uma infinidade de problemas para confiar nas pessoas.

— Lamento saber disso.

— As coisas são assim. E, certamente, não consigo mudá-las.

— Até certo ponto, concordo com isso. Você não pode mudar o passado e certamente não pode esquecê-lo. Mas você está no controle do presente e do futuro, Jennifer. Veja o que já conseguiu até agora. Você fez isso. Quando nos conhecemos, de maneira tola, tentei ficar no seu caminho. Mas você trabalhou duro e encontrou uma forma até mesmo de lidar comigo. E isso não é uma coisa insignificante, querida. Não são muitos os que conseguem. — Ela inclinou a cabeça na minha direção. — Você e Alex estão comprometidos um com o outro?

— Eu me comprometi com ele verbalmente. Ele sabe que sou dele. Mas, apesar de ele querer muito que eu diga que sou sua namorada, ainda não lhe disse isso. Por algum motivo idiota, não consigo. É claro que sou namorada dele. É claro que tenho sentimentos profundos por ele. O que há de errado comigo?

— Não há nada de errado com você. Obviamente, você precisa se sentir segura antes de dizer alguma coisa e quer ser sincera quando disser. Respeito isso. E poderá levar algum tempo. O motivo pelo qual perguntei é porque ainda estou tentando descobrir por que Alex não contou a você sobre a ameaça. Esse pode ser o motivo. Talvez ele não sinta ainda que vocês dois são um casal de verdade. Talvez ele tenha imaginado que, se lhe contasse sobre a ameaça, você se afastaria assustada. Você o deixou uma vez, Jennifer, por um motivo justo. Talvez ele tenha achado que, se lhe contasse sobre uma ameaça de morte, você o deixaria novamente.

Eu não pensara naquilo.

— Você já falou com ele? — perguntou ela.

— Hoje pela manhã. Brevemente.

— O que ele disse?

— Ele pediu desculpas. Disse que devia ter levado isso mais a sério.

— Isso é positivo. E devia mesmo.

— Não quero estragar tudo, srta. Blackwell.

— Eu realmente prefiro que me chame de Barbara.

— Acho que sempre a verei como srta. Blackwell.

— Já passei por coisas piores. Olhe, Jennifer. Você terá que fazer as pazes com o passado, deixá-lo para trás e avançar para o futuro. É a única saída que vejo. Qual é a outra opção?

— Não tenho outra opção.

— Então esqueça seu pai. Para o inferno com ele. Pense em seu futuro com Alex e no que sente por ele. Faça as pazes com isso e saiba que não há problema algum em sentir medo. O amor é assustador, eu sei. Já passei por isso. Quando for o momento certo, diga a Alex o que sente. Mas não demore demais.

— Não sei como agradecer, srta. Blackwell.

— Talvez eu tenha algo em mente — disse ela.

— O que quer dizer com isso?

Ela pareceu desconfortável por um minuto e disse: — Há um jantar hoje à noite. Aquela medonha da Peachy Van Prout será a anfitriã. Todo mundo que é alguém estará lá. O conselho se reuniu hoje cedo. Um dos membros me telefonou antes que eu viesse para cá. Você os impressionou. Pediram que você tome o lugar de Alex hoje à noite e vá ao jantar em nome dele. Você está por dentro de um negócio que eles querem que seja fechado.

— Que negócio?

— O possível negócio com Henri Dufort. Eles me pediram para providenciar para que você vá sozinha e responda a todas as perguntas dele. Pelo jeito, ele tem muitas perguntas.

— Você quer que eu deixe Alex sozinho aqui?

— Ele não ficará sozinho. Eu ficarei com ele.

— Mas eu nunca intermediei negócios antes. Não é o que eu faço. E não sei se conseguirei fazer isso.

— O conselho acha que sim. E eu também. Mas o objetivo não é fechar o negócio. É manter a conversa em andamento. Considerando a publicidade que recebeu o acidente com Alex e você, Dufort sabe que Alex não está disponível. Pelo menos, por enquanto. Mas Dufort só se importa com

Dufort. Quando Alex mencionou o potencial para que a Streamed de Dufort se juntasse à Wenn Entertainment, fez com que as coisas comesçassem a andar. Isso é algo que Dufort quer ver avançar. Ele quer se encontrar com você informalmente hoje à noite. Vocês tomarão coquetéis e você será a acompanhante dele no jantar. Contará a ele suas ideias, afinal, elas eram suas. O conselho o informou sobre isso. Agora, ele quer mais informações vindas de você, além de possivelmente fechar o negócio quando Alex estiver bem. Obviamente, Alex não tem condições de ir, portanto, o negócio terá que esperar alguns dias. Dufort quer sondar você, mas informalmente. Portanto, não será nada além de uma conversa casual sobre um assunto que você estudou. Pode fazer isso? Por Alex?

— Por Alex ou pela Wenn?

— Há alguma diferença?

Claro que não havia. Alex era a Wenn. Portanto, eu concordei.

CAPÍTULO 4

Antes de sair, eu queria ver Alex.

Blackwell e eu almoçamos. A comida estava tão gostosa que ela insistiu que Charlie a procurasse *tout suite* sobre uma possível bolsa de estudos da Wenn, que ela me confidenciou ter certeza de que ele receberia. Depois, com um guarda seguindo-nos a uma distância discreta, voltamos ao quarto de Alex.

— Por quanto tempo terei um guarda atrás de mim?

— Pelo tempo necessário para que a polícia e o FBI façam o trabalho deles e descubram quem estava por trás do tiroteio.

— Isso poderá levar dias. Ou semanas.

— Você prefere não ter proteção alguma?

Aquilo me fez calar a boca. Entramos no quarto e fiquei surpresa ao ver Alex sentado na cama. Ele não parecia tão grogue quanto antes. Na verdade, parecia alerta. Quando me viu, ele sorriu.

— Vocês dois querem um momento a sós? — perguntou Blackwell.

— Não — respondi. — Fique, por favor. Tenho certeza de que Alex quer falar com você.

— É claro que quer — disse ela. — Só um toque da minha personalidade naturalmente esfuziante dará a ele tudo de que precisa para ficar bom. — Ela deu a volta na cama e pegou a mão dele. — Está se sentindo melhor, querido?

— Quero dar o fora daqui.

— Então, está se sentindo melhor. — Ela se inclinou e deu um beijo na testa dele. — Fico feliz.

— Estou bem agora. Por que tenho que ficar mais um dia?

— Pare de se comportar como se tivesse doze anos. Está aqui para ter certeza de que não haverá complicações. Pelo que entendi, você bateu a cabeça com muita força.

— Tenho trabalho a fazer.

— O trabalho está sendo feito, mesmo sem você. Sim, é verdade, Alex. Imagine só. A Wenn consegue sobreviver sem você por alguns dias, como aconteceu quando vocês dois estavam no Maine. O conselho obviamente está preocupado e estão tocando o que você aprovou, mas mantendo tudo o mais em suspenso até que volte amanhã. Serve assim?

— Sim, mas não vejo motivo para não voltar para casa hoje à noite. Quero descansar na minha própria cama. Eu vou descansar. Prometo. — Ele olhou para mim. — Jennifer estará comigo e cuidará para que eu descanse. Não é?

Olhei para Blackwell, que entendeu a dica. — Henri Dufort está sondando — disse ela.

— Sobre o negócio da Streamed?

— Isso mesmo.

Ele deu de ombros. — Ótimo. Posso me encontrar com ele amanhã.

— Este é o problema — disse Blackwell. — Ele quer um encontro hoje à noite. Ele sabe que Jennifer conhece bem o negócio e quer se encontrar com ela para continuar a conversa e manter as possibilidades em aberto. Ele pediu que ela fosse a um jantar com ele para que possam discutir essas

possibilidades.

Por um momento, Alex ficou em silêncio. Em seguida, virou-se para mim. — O que acha disso?

— Fico feliz em fazer o que puder.

— Mas quer fazer isso?

— Se isso significa garantir que nós o pegamos, acho que devo ir. E será em um ambiente informal, o que é uma coisa boa, pois ajudará a manter as discussões leves. Responderei às perguntas dele, mas todas as negociações serão com você.

— Não fico muito confortável com a ideia de você estar em um lugar público no momento.

— Ela terá segurança — disse Blackwell. — Vou garantir isso.

— Quem está dando a festa? — perguntou Alex.

— Peachy Van Prout, na mansão dela na Park Avenue.

— Minha nossa — disse Alex. — Ela terá umas duzentas pessoas lá para os coquetéis. E umas cinquenta para o jantar. Estou certo?

— Sim, está certo.

— Não aguento a Van Prout.

— É porque a sua mãe gostava dela.

— Provavelmente.

— Com certeza. Mas Peachy é simpática e sempre adorou você. Sabe disso. Ela sempre foi gentil com você.

— Ela foi mais gentil com a própria imagem. Qual é o motivo da festa? Curar alguma doença que Peachy provavelmente descobriu por acaso? Deixe-me adivinhar. Agora ela está determinada a livrar o mundo de alguma coisa com a qual não se importa.

— Alguma coisa assim — admitiu Blackwell.

— Alguma coisa assim ou exatamente isso?

— Talvez exatamente.

— Ela é tão falsa.

— Sem comentários.

— Immaculata é amiga de Peachy. Tootie-Stauton Miller também. Jennifer, você precisa saber que estarão lá e que terá que lidar com elas por conta própria. Não que não consiga. Já vi você em ação. Sei que consegue... — Ele parou de falar e estreitou as sobrancelhas. — O que foi?

Limpei os olhos rapidamente. — Nada.

— Isso não é verdade. O que foi?

Pisquei para afastar as lágrimas e, quando falei, a voz estava embargada. — É só que você parece normal novamente e estou aliviada. Eu estava tão preocupada. Você parece melhor.

— E esta é a hora em que eu saio — disse Blackwell. — Estarei do lado de fora, se precisarem de mim.

Ela colocou a mão no meu ombro antes de sair do quarto.

— Venha cá — disse Alex depois que ela saiu. Ele se moveu um pouco para o lado e bateu na cama. — Sente aqui comigo.

Eu fui até a cama e sentei ao lado dele. Quando fiz isso, ele se inclinou e beijou-me nos lábios. — Você está bem? — perguntou ele.

— Estive tão preocupada.

— Quero dizer fisicamente. Você está bem fisicamente?

— Cortei o braço e machuquei os quadris. Não me machuquei tanto quanto você. Ficarei bem. Alex, eu sinto tanto por ter reagido daquela forma. Você está aqui agora por minha causa. Eu sei

disso.

— Você sabe que não.

— Desculpe, mas não é assim. Naquela hora, achei que estava fazendo a coisa certa? Sim. Mas, olhando para trás, fiz a coisa certa? Claro que não. Eu estava assustada e não mantive a calma. E olhe só o que aconteceu. Olhe só o que poderia ter acontecido. Eu poderia ter perdido você.

— Mas, por sua causa, não perdeu. Se eu estivesse parado perto daquele carro na hora em que ele explodiu, estaria morto agora. Nós dois sabemos disso. Ao me enfrentar, você me afastou do carro antes que a explosão causasse danos graves, o que teria acontecido. O que aconteceu naquela noite foi culpa minha. Eu devia ter contado a você sobre a ameaça antes de irmos para o Maine, mas não fiz isso porque não queria perdê-la de novo. Não queria que visse como a minha vida realmente é. Pelo menos, ainda não. Achei que, se soubesse de tudo, você me deixaria de novo, nem que fosse para se proteger. E quem a culparia se fizesse isso? A minha decisão foi egoísta. Se eu tivesse lhe contado a verdade, você estaria preparada quando foi ameaçada. Você mesma disse que teria me contado imediatamente porque saberia que os dois incidentes estavam ligados. Eu sinto muito, Jennifer. Realmente estraguei tudo.

Coloquei a mão no rosto dele. — Por que você não leva essas coisas a sério?

Ele beijou a palma da minha mão e, por um momento, fechou os olhos ao encostar o rosto nela. Em seguida, endireitou o corpo e olhou para mim. — No primeiro ano, eu levei a sério. No primeiro ano, antes da morte dos meus pais, levei cada ameaça a sério, mesmo sabendo que esse tipo de coisa era rotineira para o meu pai. Mas, no decorrer dos anos, como com o meu pai, nada nunca aconteceu. Ninguém ia adiante com as ameaças e tive uma falsa sensação de segurança. Agora, finalmente alguém fez alguma coisa.

— Quem está por trás disso?

Ele deu de ombros. — Não sei. Foi como eu lhe disse naquela noite. A Wenn fez vários inimigos. Tiramos algumas pessoas do mercado. Outras perderam tudo por nossa causa. Pode ser qualquer pessoa. Suponho que o FBI e a polícia estejam investigando. Alguma notícia sobre quem era o homem naquele carro?

— Não que eu saiba. Ele estava morto quando o seu guarda-costas chegou perto dele. Pelo que sei, ele não tinha identificação e o carro que dirigia era roubado. Portanto, não temos nada, exceto a fonte por trás das mensagens que você recebeu e dos e-mails que eu recebi. Na última vez em que um de seus homens falou comigo, que foi ontem à tarde, a polícia não sabia se elas tinham sido enviadas de um TracFone ou outro equipamento. Talvez isso tenha mudado hoje. Espero que sim.

Ele parecia desapontado. — Nem todo mistério tem uma solução, Jennifer. Você precisa estar preparada para o fato de talvez nunca sabermos quem tentou nos matar. Isso não é um livro nem um filme, em que tudo termina bem no final. Essas histórias são ilusões. Na vida real, as coisas frequentemente não dão certo. Quem nos atacou pode estar satisfeito com o fato de eu estar em uma cama de hospital. Pode ser suficiente para que a pessoa se sinta vingada. Pode terminar aqui, ou pode ter apenas começado. Até que eu fale com o meu pessoal, é tudo o que sei. E esta é a verdade.

— Obrigada por me contar a verdade.

— Eu deveria ter feito isso há uma semana.

— Já passamos disso, ok?

— Ok.

— E obrigada pelo bilhete que me deu. Foi adorável.

Uma expressão apreensiva que eu nunca vira cruzou o rosto dele. Por um momento, pareceu muito vulnerável. — Você leu?

— É claro que li.

— Quando?

— Naquela noite, no telhado. Eu li enquanto você estava com Henri Dufort.

— E depois rolou toda aquela merda. Eu esperava que o bilhete resultasse em uma noite especial entre nós depois da festa. E não foi o que aconteceu.

— Não, não aconteceu. Mas estamos aqui agora. Você está lúcido, seu olhar está claro e estou grata por isso. Eu estou bem. E meus ferimentos sararão, assim como os seus. — Naquele momento, tomei uma decisão. Empurrei meus demônios internos para o lado, aproximei-me do ouvido dele e contei-lhe a verdade sobre como me sentia. — E, como sua namorada, mal posso esperar que você saia daqui e vá para casa para podermos fazer amor em sua cama.

Eu o beijei e ele retribuiu o beijo com uma ferocidade que me surpreendeu. Achei que ele ainda estava fraco, mas percebi que não era o caso. Ele colocou a mão na minha nuca e puxou-me mais perto. Foi um beijo cheio de paixão, alívio e significado — e repleto do que Blackwell provavelmente considerava amor. Deixei que o beijo me invadisse e senti o coração bater mais depressa.

— Eu amo você — disse ele no meu ouvido.

— Ah, Alex.

— Eu sei que você precisa de tempo. Sei que isso tudo é novo para você. Mas sente alguma coisa parecida com amor?

Não sei o motivo, mas meus olhos se encheram de lágrimas novamente. Talvez a reação fosse alimentada por dois sentimentos: felicidade porque alguém me considerava merecedora de amor e um medo terrível de aquele homem me amar. Precisava me livrar daquela parte da minha vida. Precisava dar ouvidos a Blackwell. Precisava confiar nos homens novamente, mesmo que isso fosse estranho e assustador. Eu precisava confiar em Alex. Nunca esqueceria do abuso do meu pai, mas aquilo não significava que não pudesse seguir em frente. Era hora de pensar racionalmente. Nem todos os homens eram iguais ao meu pai e eu precisava acreditar nisso.

Respirei fundo e beijei-o novamente. — Estou me apaixonando por você, Alexander Wenn. E rápido, o que me deixa absurdamente assustada pelos motivos que você conhece e por outros que talvez nunca entenda. Mas estou trabalhando nisso. Estou fazendo o possível para resolver todos os meus problemas idiotas...

— Eles não são idiotas.

— Talvez sim, talvez não. Mas o que aconteceu entre meu pai e eu durante todos aqueles anos realmente aconteceu e acabou afetando-me. É claro que sim. Como não teria, quando um bêbado imbecil bate em uma criança de seis anos com um cinto sem motivo algum? E tudo isso acontecia com a minha mãe assistindo. Mas ela nunca fez nada porque também tinha medo dele.

— Jennifer...

Parei por um momento para me recompor. Fechei os olhos e, em seguida, olhei para ele novamente. Alex não precisava lidar com a minha crise emocional.

Recomponha-se.

— Blackwell e eu tivemos uma conversa maravilhosa mais cedo — disse eu. — Eu realmente passei a admirá-la e respeitá-la. Eu a considero uma amiga, coisa que ela não quer nem ouvir. Mas acho que todos nós temos problemas, não é? Ela acha que não merece a amizade de ninguém. Eu acho que não mereço o amor. Somos bem parecidas.

— Você merece ser amada. Eu amo você.

— Eu sei que sim. E fico grata por isso. Blackwell me disse o que eu já sabia: que, de alguma

forma, preciso aprender a confiar. Prometo uma coisa a você, Alex. Pretendo me entregar totalmente a você, não apenas fisicamente, mas com tudo o que tenho dentro de mim. Pode não acontecer tão depressa quanto você deseja, mas acontecerá. Estou trabalhando nisso. Eu sei que pareço ridícula agora. Mas, se você soubesse o que meu pai fez comigo e a frequência com que isso aconteceu, talvez entendesse. Não será fácil. Mas pretendo deixar isso para trás e ter um relacionamento amoroso com um homem bom: você. Eu disse que sou sua namorada. Falei sério quando disse isso, não só porque era o que você queria ouvir. E sabe de uma coisa? Estou feliz por ter dito isso. Oficialmente, é a primeira vez que tenho um namorado. Você passou a significar muito para mim. Por favor, dê-me um pouco mais de tempo para resolver o que preciso resolver. Para deixar aquele imbecil de lado e perceber o meu valor. Porque, se e quando eu disser que amo você, saberá com certeza que é a verdade.

CAPÍTULO 5

Quando deixei Alex, pendurei a bolsa no ombro e encontrei Blackwell, que estava parada do lado de fora da porta conversando com um dos guardas. Ela parou de falar quando me viu.

— Você está bem? — perguntou ela.

— Ficarei bem. Tenho muita sorte.

— Ele também.

Olhei para o guarda. Era um homem bonito, de cabelos castanhos curtos, mais de um metro e oitenta e era um brutamontes musculoso. — Já sabem de alguma coisa? — perguntei a ele.

— Infelizmente, nada de relevante, madame. O homem que atirou em vocês está morto.

— Eu sei. Nós o matamos.

— Em autodefesa — disse Blackwell.

Olhei para ela, mas não respondi.

— Ele não tinha identificação alguma, mas o FBI está usando a tecnologia de reconhecimento facial que tem para ver se consegue encontrar o rosto dele nos arquivos — disse o guarda. — Se ele foi preso alguma vez, conseguirão encontrar a identidade dele, o que nos dará algo com o que trabalhar. Do contrário, não teremos nada, pois o carro que ele usou era roubado e, obviamente, não está no nome dele. Estamos verificando todas as possibilidades, mas talvez nunca consigamos descobrir quem ele era ou para quem trabalhava. Você precisa estar preparada para isso.

— Foi o que Alex disse.

— E Alex tem razão. Quem está por trás disso, pode ter conseguido o que queria: aterrorizar vocês e mantê-los em guarda daqui em diante por causa do que aconteceu naquela noite. Não pararemos de investigar, longe disso. Mas você precisa aceitar o fato de que talvez tenham desistido.

— Duvido muito.

— Por quê?

— Por causa do que estava escrito no e-mail que eu recebi. Estão brincando conosco agora. Se quisessem atirar em Alex ou em mim, teriam feito isso. Eu sou do Maine. Sei o quanto uma espingarda é precisa, pois meus tios são caçadores. Se alguém quisesse que um de nós morresse naquela noite, estaríamos sob a mira da espingarda e teríamos morrido. Portanto, por que não fizeram isso?

— Além do que já apresentei a você, não sabemos o motivo.

— Acho que é porque querem mexer conosco ainda mais antes de nos matarem.

— Não podemos ter certeza disso, senhora.

Eu dei de ombros. — Claro que não. O que temos certeza é que a minha vida com Alex será difícil se essas pessoas não forem encontradas e levadas à justiça.

— Se estiver com o sr. Wenn, sua vida sempre estará em perigo. O sr. Wenn é um alvo por uma infinidade de motivos. Isso nunca mudará. Se estiver com ele, também precisará assumir esse risco e esse estilo de vida. Por outro lado, vocês sempre terão uma equipe de segurança altamente treinada por perto.

Absorvi aquilo por um momento. Era assim que eu queria que fosse a minha vida? Com guardas protegendo-me? Praticamente sem privacidade alguma? A resposta veio imediatamente. Se era isso que significava ficar com Alex, então era assim que viveria a minha vida. — Estarei segura hoje à noite?

Blackwell, que percebeu que eu estava ansiosa para encerrar a conversa, intercedeu com um aceno de cabeça. — O Tank aqui vai garantir que sim.

— Seu nome é Tank? — perguntei.

— Na verdade, é Mitch, senhora.

— Gosto de pensar que é Tank — retrucou Blackwell.

A voz dela saiu anormalmente leve. Ela tentava mudar o rumo da conversa para que ficasse menos sombria. E, apesar de eu admirar o esforço de me deixar mais tranquila, preferia a forma como ele estava sendo direto comigo.

— Quero dizer, olhe só para você — disse Blackwell. — É como se o exército tivesse sequestrado você, feito algumas experiências aleatórias, infundido algum tipo de energia nuclear e alterado o seu DNA.

Ele não respondeu à brincadeira. Em vez disso, olhou para mim e fiquei impressionada com a intensidade do olhar dele. — Você ficará bem comigo, srta. Kent.

Ficarei? E Alex? Ele ficará bem?

Blackwell não era tola. Ela sabia que a situação era tensa e respeitou isso. Portanto, ela recuou e virou-se para mim. — Bernie estará pronto para atendê-la na Wenn às seis e meia. Ele largou tudo o mais para fazer isso, o que significa que irei às compras amanhã. Vou comprar algo para ele que o deixará nas nuvens, por toda a ajuda que nos deu desde o início. Ele merece. Eu lhe disse qual o vestido que acho que será melhor para hoje à noite e ele a ajudará com isso também. Pare de me olhar assim, Jennifer. Bernie não vai vestir você. Você mesma fará isso. Como prometi, ficarei aqui para que você saiba que Alex está em boas mãos. Assim, você poderá se concentrar no que será uma noite desafiadora. Mas você se sairá bem. Não tenho dúvida alguma sobre isso. Você verá alguns rostos familiares na casa de Peachy e haverá muitas pessoas que não conhece. Mas elas conhecem você. Você e Alex estavam na primeira página do *Times*. Portanto, prepare-se para muitas perguntas e uma infinidade de expressões de preocupação.

Ela apontou para Tank. — O Tank estará com a você, de *smoking* e tudo. Espere até vê-lo vestido assim. *Formidável*. — Ela olhou para o relógio. — Você tem cinco horas antes de começar a se arrumar. O que quer fazer agora?

— Quero falar com Lisa.

CAPÍTULO 6

Quando chegamos ao meu prédio na Quinta Avenida, o sol estava forte e ainda fazia um pouco de calor. No meio de setembro, aquilo era incomum para mim. Se eu estivesse no Maine, provavelmente estaria usando um casaco leve e calças para enfrentar o outono, em vez da calça fina e a camiseta azul-clara que Lisa levava para mim na noite em que Alex foi para o hospital. Apesar de Manhattan e o Maine estarem a apenas uma hora de distância de avião, pareciam estar em mundos diferentes em se tratando das condições climáticas em setembro.

Mitch saiu do carro, eu peguei a bolsa e ele me protegeu ao cruzarmos a calçada movimentada até o saguão.

— Obrigada — disse eu quando chegamos em segurança na parte de dentro do prédio.

— Nada acontecerá com você durante o meu turno, senhora.

— Por favor, pode me chamar de Jennifer. É sério, ok? Jennifer.

Ele hesitou por um momento e o rosto duro suavizou um pouco. — Está bem. Mas eu não deveria.

— Eu sei que não. Isso ficará entre nós. E eu me recuso a chamá-lo de Tank.

— Eu até que gosto do apelido.

Não pude evitar um sorriso. *Homens são garotos grandes*. — Se gosta mesmo, então será Tank.

Pelo menos, quando estivermos só nós dois. Caso contrário, terá que ser Mitch e senhora, acho. Não quero que tenha problemas por minha causa.

— Parece justo.

— Então, vejo você às seis e quinze?

Ele assentiu. — Pegarei você aqui dentro. Não espere do lado de fora.

— Não se preocupe.

Quando entrei no apartamento, Lisa estava parada logo em frente à porta. Os cabelos loiros estavam soltos sobre os ombros e ela não usava maquiagem. Não que precisasse. Lisa era uma daquelas pessoas de sorte cuja pele parecia brilhar por conta própria.

— Ouvi o elevador — disse ela ao me abraçar. — Achei que fosse você. Senti muitas saudades!

— Alguma vez ficamos longe uma da outra por dois dias inteiros? — perguntei.

— Acho que na sexta série. Uma de nós ficou doente, ou algo parecido, e ficamos em quarentena uma da outra. Foi horrível.

Nós nos afastamos e fizemos uma careta.

— Como nossos pais tiveram coragem de fazer isso conosco? — perguntei.

— Que gente sem coração.

— Não podemos deixar que isso aconteça novamente.

— Você deve estar exausta. Entre, dê-me sua bolsa. Você pode tirar um cochilo e depois conversaremos. Ou podemos conversar e você vai dormir cedo. O que preferir, mas você precisa descansar.

— Isso não acontecerá hoje à noite.

— Como assim?

— Vou a um jantar na casa de Peachy Van Prout. — Vi uma expressão divertida cruzar o rosto dela e ergui a mão. — Não ria. Se você me fizer rir por causa do nome dela, vou acabar rindo também na hora em que encontrá-la.

— Está bem, mas ainda assim é um nome idiota.

— Concordo.

— Imagine ser chamada assim o tempo inteiro.

— Lisa...

— Olhe só, sou Peachy. Olhe só, o sol brilha no meu traseiro. Ah, olhe só, sou um unicórnio.

— Pare!

— Está bem. — Ela hesitou. — Mas o nome é engraçado!

— Ah, meu Deus... não vou conseguir encarar essa mulher.

Andamos até a sala de estar. Para onde eu olhava, havia algo que me lembrava Alex. Ele criara aquele espaço para nós. Só o fato de entrar lá novamente era emocionante.

— Serei boazinha — retrucou Lisa. — E o que tem lá hoje à noite?

— Henri Dufort me convidou para ser acompanhante dele. É o cara de quem lhe falei, o dono da Streamed.

— E você vai sozinha?

— Vou com Tank.

— O que é um Tank?

— Um cara gigante, ex-fuzileiro, muito gentil. Ele vai comigo para me proteger. O nome é Mitch, mas ele prefere ser chamado de Tank, o que fez com que eu gostasse ainda mais dele. Simpatizei com ele imediatamente.

— Ele é gostoso?

— Hmmmm, sim. Pode-se dizer que Tank é gostoso, sim.

— Muito?

— Daria para devorá-lo inteiro de tão gostoso.

— Que idade ele tem? — perguntou Lisa. — É solteiro?

Nós nos sentamos no sofá da sala de estar. Meu quadril ainda estava dolorido e eu me acomodei para não forçá-lo.

— Eu diria que ele tem uns trinta anos.

— Perfeito.

— E não faço ideia se é solteiro ou não.

— Inaceitável.

— Por outro lado, quando você tem uns trinta anos e a aparência de Tank, acho que aproveitaria a vida até decidir se comprometer. — Dei de ombros. — Mas não sei. Talvez ele queira uma namorada. Talvez já tenha uma. Acabei de conhecê-lo. Posso descobrir mais tarde.

— Estou pronta para arrumar outro namorado. Portanto, se descobrir que ele é solteiro e que dá para namorar, não deixe de me avisar.

— Você está pronta para arrumar outro namorado?

— Ser íntima dos meus zumbis tem um apelo um tanto limitado.

— Verei o que consigo.

— Como está Alex?

— Ele ficará bem. Quando bateu a cabeça no chão, teve uma concussão relativamente grave. Portanto, os médicos estão sendo cuidadosos e querem que ele fique lá mais uma noite. Ele será liberado amanhã.

— Jennifer, o que aconteceu naquela noite?

Contei a ela exatamente o que acontecera e o pouco mais que descobrira depois.

— Você viu o *Times*? Porque metade do que acabou de me contar não está na reportagem deles.

— E por que estaria? Ninguém do *Times* falou conosco. Alex não permitiria.

— Guardei o jornal para você, se quiser lê-lo.

— Talvez mais tarde.

— Está na sua cama. Você e Alex estão bem novamente?

— Estamos. Resolvemos tudo antes que eu sáísse do hospital mais cedo. Blackwell ajudou muito.

Foi dura, mas justa comigo durante o almoço. Ela me pressionou. Em vários aspectos, ela me lembra você — Fiz uma pausa. — Se me trouxer minha bolsa, vou lhe mostrar uma coisa.

Ela buscou a bolsa para mim, peguei a carta que Alex escrevera e entreguei-a a ela. — Leia isto.

Ela leu. Quando terminou, dobrou o papel cuidadosamente, pois sabia que era precioso, e entregou-o de volta a mim. — Isso é amor — disse ela.

— Eu sei que é.

— Ninguém nunca escreveu nada parecido para mim. É lindo. Como se sente?

— Emocionada. Acho que não mereço. O de sempre. Meu pai realmente conseguiu me estragar.

Um lampejo de irritação cruzou o rosto dela. — Nem tanto.

— O que quer dizer com isso?

— Exatamente isso. Olhe, depois de ler a carta de Alex, vou ser bem honesta com você, Jennifer. Pode deixar para trás o que quiser, no momento em que quiser. Só depende de você. Sempre dependeu só de você. Mas você não deixa porque, por algum motivo, ainda acredita em tudo o que o seu pai lhe disse quando a surrava. Por quê? Você tem vinte e cinco anos. Está a centenas de quilômetros de distância dele. Deixe isso para trás.

— Não é tão fácil.

— É mesmo?

— O que você sabe sobre ser surrada?

— Nada.

— Então, acha que está em posição de me dizer como eu deveria me sentir?

— Alguém precisa fazer você botar o pé no chão.

— Estamos entrando em uma discussão?

— Talvez esteja na hora. Você não vai voltar no tempo. Está desperdiçando a vida por causa de um passado de merda. Você sabe perfeitamente que a única coisa que representava para ele era uma vítima fácil. Mesmo assim, continua agarrando-se ao que ele fez. Por quê? Eis o que eu acho: porque é um tipo estranho de cobertor de segurança que usa para afastar os homens. Você sabe que tudo o que o seu pai disse e fez foi por causa da bebida, mas, mesmo assim, não esquece. Por quê? Por que não se livra disso, simples assim? Por que deixa que isso continue a puxá-la para baixo? Nem todos os homens são como seu pai. Alex merece a sua confiança, mas ele não ficará disponível para sempre. Pode ter certeza disso. Nem o próximo o homem, nem o homem depois dele. Portanto, coloque seu passado horrível em uma caixa, tranque-a e esqueça. Está na hora.

Não respondi imediatamente, mas sabia que ela tinha razão.

— Você começou uma vida totalmente nova aqui. Com o tempo, encontraremos amigos novos e interessantes que virarão família. Eu sei que você fez muito progresso em relação ao abuso que sofreu. Eu via as marcas nas suas costas quando éramos crianças. Você me mostrou os hematomas no pescoço e nos braços. Eu sei que você viveu um inferno. Também sei que você poderia ter recorrido às drogas. Poderia ter se afogado no álcool. Mas não fez isso. Será que não vê? Mesmo então, dentro

de você, queria melhorar para que pudesse dar o fora do Maine e ficar longe dos seus pais. Então, chega. Aquela carta que acabei de ler. Você é uma tola se não reconhece como ele colocou o coração nela. Será uma tola se não se livrar do passado e der a esse homem a chance que ele merece.

— Eu disse a ele hoje que era namorada dele.

— Ótimo! É um progresso. Agora, deixe-me fazer a pergunta difícil. Você o ama?

Olhei para ela. — Por que isto é tão difícil para mim?

— Você sabe o motivo e eu também. Mas isso termina hoje. Responda. Você o ama? Só tem duas opções: ou ama ou não ama. Não é nenhuma ciência complexa. Neste momento, você deve saber.

Livre-se do cobertor de segurança e seja honesta, consigo mesma e comigo. Você o ama ou não?

— Eu não iria a essa festa no lugar dele se não sentisse alguma coisa.

— Só "alguma coisa"?

— Alguma coisa profunda.

— O que você sente?

— Tudo.

— O que é tudo?

Por um momento, eu me senti completamente exposta. Mas resolvi falar.

— Amor — disse eu. — Estou apaixonada por ele e morrendo de medo disso. Eu sei que é irracional porque, com a exceção daquele pequeno deslize na noite da festa no Metropolitan, ele foi maravilhoso comigo o tempo todo. E ainda assim eu me sinto insegura. Ainda tenho problemas para confiar nele. Mas a verdade é que estou apaixonada. Ele passou a ser tudo para mim. Penso nele o tempo inteiro. Eu me preocupo constantemente. Sinto a presença dele mesmo quando não está ao meu lado e sinto seu cheiro quando vou dormir. Ele está sempre comigo. E é claro que não quero perdê-lo por causa dos meus malditos problemas.

— Então deixe seus problemas para trás.

— Terei que fazer isso.

— A partir de agora?

— A partir de agora.

— Vamos fazer um teste. — Ela se levantou e foi até a cozinha. Quando voltou, tinha um bloco de papel e uma caneta nas mãos. — Tudo isso que você acabou de me dizer sobre o que sente. Você vai responder à carta dele e colocar tudo no papel. Depois, entregará a ele. Ele sairá do hospital amanhã. Vá ao apartamento dele. Quando for o momento certo, entregue a carta, dizendo exatamente o que Alex passou a significar para você. — Ela me entregou a caneta e o bloco. — Portanto, use o coração para escrever. Não precisa ser perfeito. Na verdade, não deve ser perfeito. Deve expor a sua alma. Diga a ele o que acabou de me dizer. Você precisa fazer isso antes que seja tarde demais.

— Eu amo você, Lisa.

Ela colocou a mão sobre a orelha. — O que disse?

— Eu disse que amo você.

— Ah, agora você ama?

Eu sorri para ela. — Amo.

— E isso foi tão difícil assim de dizer?

— Não.

— Ótimo. Eu também amo você. Eu sei que você não precisa de mais estresse no momento. Mas, antes que perca Alex, alguém tem que entrar na sua cabeça. Alguém precisa garantir que, um dia, você não olhe para trás e arrependa-se das decisões que poderia ter tomado e que não tomou por medo. Fico feliz em ser esta pessoa. Aposto como Blackwell também sentiu o mesmo. — Ela

começou a se afastar, mas parou. — Enquanto eu estiver no meu quarto escrevendo sobre o sofrimento dos mortos-vivos, escreva a carta sobre a alegria de estar apaixonada por Alex.

CAPÍTULO 7

Às seis horas, eu já tinha tomado banho, estava com os cabelos ligeiramente úmidos e pronta para a magia de Bernie. Foi quando Lisa saiu do quarto dela.

Eu fiquei olhando para ela. Quando Lisa resolvia se arrumar, era para valer. E, naquele momento, ela estava um arraso.

Os cabelos estavam puxados para trás e presos em um rabo de cavalo. Ela vestia uma calça *jeans* justa e uma camiseta curta branca que revelava praticamente tudo, pois não usava sutiã. Nos pés, usava meus sapatos Prada vermelhos de salto alto. E maquiagem suficiente para que parecesse ainda mais bonita do que já era.

— Aonde você vai? — perguntei.

— Só lá embaixo. Quero ter certeza de que você estará em segurança.

— Você não precisava se vestir desse jeito para me acompanhar... — Minha voz sumiu quando percebi exatamente o que ela pretendia. — Ah — disse eu. — Sério? Vai mesmo fazer isso? — Inclinei a cabeça na direção dela. — Vai descer para se apresentar, e os gêmeos, a Tank, não é?

— Tank?

— Mmm-hmm.

— Gêmeos?

Fiz um gesto na direção dos seios dela. — Está frio aqui dentro, não?

— Ora, deixe-me em paz — disse ela. Quero conhecer Tank. E daí? Fiquei sozinha por tempo demais. Você mesma disse que ele é gentil e gostoso. Preciso de alguém gentil e gostoso. Fiquei presa por tempo demais com aqueles zumbis gelados. Preciso de um homem. De preferência, um que esteja vivo.

— Bom, ele certamente é um homem. Espere até vê-lo.

— Ele é mais bonito que Alex?

— Ninguém é mais bonito que Alex.

— Se você não estivesse perdidamente apaixonada por Alex, Tank seria mais bonito que ele?

— Chegaria bem perto. Basta acrescentar uns vinte quilos de músculo e uns vinte centímetros.

Ela piscou para mim. — E onde vão esses centímetros?

— Você é ridícula. Alex não tem o menor problema neste departamento. E eu preciso me apressar.

Peguei a bolsa, saímos do apartamento e andamos pelo corredor em direção ao elevador.

— Você escreveu a carta?

— Sim.

— E como foi?

— Digamos apenas que está tudo lá agora.

— Estou orgulhosa de você. Como foi escrever tudo isso?

— De uma forma estranha, foi libertador. Eu trouxe a carta comigo. Quero levá-la na bolsa hoje à noite para sentir a presença dele.

— Agora me deu vontade de vomitar. Quem é você?

Ergui o olhar para o teto e suspirei. — Uma mulher apaixonada.

— Espero não ter criado um monstro.

Apertei o botão para chamar o elevador. — Creio que é isso que você faz.

— Não desse jeito.

— Então tenha cuidado com o que deseja.

A porta se abriu e entramos no elevador. Em questão de momentos, estávamos no saguão. E lá estava Tank, parado no centro do aposento em um *smoking* de corte perfeito que, de alguma forma, fazia com que parecesse ainda maior e mais intimidador. Achei que ele estava com uma aparência bela e refinada. Ouvi Lisa prender a respiração subitamente.

— Ah, meu Deus — sussurrou ela.

— Eu avisei — disse eu, sorrindo e acenando para Tank.

— Meus mamilos vão furar a camiseta.

— Isso seria interessante. Vamos. Ombros para trás, mas tente não espetar os olhos de ninguém.

Vou apresentar você.

— Não sei se eu vou aguentar...

Nós nos aproximamos dele.

— Você chegou cedo — disse eu.

— Caso você estivesse pronta mais cedo — disse ele. Tank olhou rapidamente para Lisa e de novo para mim.

— Eu agradeço. Esta é minha melhor amiga, Lisa Ward. Ela divide o apartamento comigo.

Também estava preocupada comigo e resolveu garantir que eu chegasse ao saguão em segurança.

Acho que estou protegida por todos os lados. Lisa, este é Tank. O nome dele de verdade é Mitch, que nem Mitchell, mas ele prefere Tank. Acho que dá para ver o motivo.

Lisa estendeu a mão, que ele apertou gentilmente. Em momento algum, os olhos dele se voltaram para os seios dela, apesar de parecerem obscenos naquele ponto. Em vez disso, ele sustentou o olhar dela. *Um cavalheiro.*

— É um prazer, Tank.

— Por favor, chame-me de Mitch.

— Por que eu não posso chamar você de Mitch? — perguntei.

— Porque eu sou o seu segurança — respondeu ele. — Tank é mais intimidador. Não estou protegendo Lisa.

— Mas pode, se quiser — disse ela.

Aquilo fez com que ele parasse por um momento e olhasse para ela com interesse. — Você precisa de proteção?

— Neste momento? Só de mim mesma.

Eu já a vira em ação incontáveis vezes, mas a habilidade de Lisa em flertar nunca deixava de me impressionar. Ela era totalmente direta em todos os aspectos da vida. — Você nunca adivinharia ao olhar para ela — disse eu —, mas Lisa é uma escritora famosa de livros sobre zumbis.

— Você escreve sobre zumbis?

— Sim. Escrevo sobre mortos-vivos.

— Suponho que dar vida a eles no papel é um desafio.

— Algumas vezes, sim, mas eu consigo.

— Isso certamente requer certas habilidades — disse ele. — Eu adoro filmes de zumbis e livros de terror. *A Noite dos Mortos-Vivos* é o meu favorito.

— Ah, mentira! Eu tenho um pôster original autografado e emoldurado desse filme no meu quarto. Alex me deu como presente de boas-vindas ao apartamento.

— Quem autografou?

— Romero!

— Por que o sr. Wenn não me dá presentes assim?

— Você precisa que Jennifer ajude você nisso.

Olhei para o relógio e decidi que era a hora. *Hora de descobrir que é só conversa fiada ou se ele está solteiro e interessado.* — Acho que devemos ir — disse eu. — Talvez vocês dois queiram conversar mais sobre coisas mortas-vivas tomando um café outro dia. Se quiserem, basta me avisar. Posso dar o número de telefone de vocês um para o outro mais tarde.

Ele olhou para Lisa com um meio sorriso. — Quer tomar um café qualquer hora dessas?

Solteiro. Interessado. Bingo.

Ela deu de ombros. — Ainda sou relativamente nova na cidade e não conheci muita gente da minha idade ou com os mesmos interesses. Seria muito bacana.

— Eu telefonarei para você esta semana.

— Eu adoraria. Tenho meu próprio horário de trabalho, pode me telefonar a qualquer hora.

— Entrarei em contato com você. — Ele olhou para mim e vi em seus olhos um brilho que não estivera lá antes. — Pronta?

— A pergunta é: você está?

— Como?

Sorri para ele. — Nada.

— Preciso levá-la até a Wenn antes que Bernie telefone perguntando onde está. — Ele olhou para Lisa. — Parece que você pretende sair. Se for a algum lugar que esteja no nosso caminho, terei o maior prazer em levá-la.

Ela era tão profissional no assunto que nem mesmo piscou. — Não se preocupe — disse ela. — Vou encontrar alguns amigos mais tarde. Só queria ter certeza de que esta garota estava em boas mãos. Obviamente, ela está. Então, terei notícias suas em breve?

— Ah, sim, terá notícias minhas — disse ele.

* * *

No carro, percorremos a Quinta Avenida em direção ao prédio da Wenn Enterprises. Ainda estava claro, mas menos quente. Eu estava nervosa por causa do que me aguardava naquela noite e fiquei imaginando se conseguiria lidar com tudo sem Alex. Mas havia algo em Tank que me ajudou a relaxar. Ele não era Alex, mas estava ligado a Alex. E até mesmo isso era reconfortante.

Pensei sobre o encontro inicial entre Tank e Lisa. Eu era muito protetora em relação a Lisa, mas a forma como ele se comportara com ela fora quase doce. Apesar de estar com os mamilos extremamente rígidos, em nenhum momento eu o vi descer os olhos para eles. Aquilo dizia muito. Sem falar no interesse mútuo que tinham em mortos-vivos. Portanto, no mínimo, o encontro inicial parecera promissor. Essa constatação me alegrou.

Decidi começar uma conversa para descobrir um pouco mais sobre ele antes de lhe dar o número de telefone de Lisa.

— Parece que você e Lisa têm algumas coisas em comum.

Ele me olhou pelo espelho retrovisor e voltou a atenção para a rua. — Parece que sim. Há quanto tempo ela escreve?

— Desde que consigo me lembrar. Ela escreveu o primeiro romance quando tinha uns dez anos, acho. Foi um sucesso tremendo com as crianças da escola, também falava de mortos-vivos. Mais livros se seguiram. Depois, ela foi para o ensino médio e perdeu o ritmo por causa das aulas. Logo depois de terminar a escola, escreveu um livro e tentou publicá-lo em Nova Iorque, mas não teve sorte. Portanto, decidiu seguir o caminho independente e publicou ela mesma na Amazon. E teve muito sucesso. Ela escreveu outro faz pouco tempo, mas estive tão ocupada ultimamente que não sei como está. Foi publicado recentemente. — Tive uma ideia. — Posso verificar pelo telefone. Espere um pouco.

Peguei o telefone, apertei o botão e falei com Siri. — Amazon.com — disse eu.

A voz mecânica de Siri respondeu: — Procurando amazon.com na internet.

— Acho que Siri é uma morta-viva — comentou Tank.

Eu ri alto. O *site* foi aberto e procurei o novo livro de Lisa. Depois de clicar aqui e ali, eu o encontrei... e fiquei chocada. Estava em décimo sétimo lugar na lista dos 100 livros mais vendidos na Amazon. Por que ela não me contara? Era uma notícia incrível. — O livro novo dela está em décimo sétimo lugar na lista dos mais vendidos. E só foi publicado há poucos dias. Ela não me disse nada, mas é típico dela. Humilde até o fim. Estou tão feliz por ela!

— Qual é o nome? Quero ler o livro antes de tomar aquele café com ela.

Ler o livro dela antes do café? Mais um ponto para você, Tank. — Quando Mundos Desabam.

— Excelente título. Qual é o outro livro dela?

— Quando Mundos Colidem.

— É continuação?

— Sim.

— Tenho um iPad com o aplicativo da Amazon. Vou comprar e ler os dois antes de telefonar para ela.

— São livros um pouco grandes.

— Sou um cara um pouco grande e consigo ler muito depressa.

Entendido. — Excelente. Vocês terão algo sobre o que conversar.

— Tenho a impressão de que teríamos algo a conversar mesmo sem os livros.

Esse cara marca um ponto atrás do outro. Preciso perguntar a Alex sobre ele. Blackwell o adora, o que já é um bônus. Ela o castraria se não gostasse dele. — Preciso mesmo chamar você de Tank? — perguntei.

— Não, se não quiser, mas funciona bem na nossa situação. Se precisar de mim e eu não estiver por perto, basta chamar "Tank" e saberei que preciso encontrá-la o mais depressa possível. É uma espécie de código entre nós. Em uma multidão, qualquer um pode se chamar Mitch, mas tenho quase certeza de que serei o único Tank nas redondezas. É assim que vejo.

Consegui entender aquilo com facilidade.

Quando chegamos à Wenn, pedi a Tank que subisse comigo.

— Preciso da opinião de um homem.

— Você tem Bernie.

— E eu o adoro. Mas será pouco provável que ele critique o próprio trabalho. Preciso saber de um cara hétero se Bernie acertou ou não.

— Não acho que o sr. Wenn gostaria que eu olhasse para você dessa forma.

— O sr. Wenn é um homem de negócios. Vou para um evento de negócios muito sério,

possivelmente cheio de tubarões. Blackwell não está aqui. Preciso de uma segunda opinião. Da sua opinião. Pode me ajudar? É só uma opinião.

— E quem disse que eu sou hétero? — perguntou ele.

Senti meu coração afundar ao pensar em Lisa, mas ele riu alto. Encontrei o olhar dele no espelho retrovisor e vi a diversão nele.

— Você se assusta fácil demais — comentou ele. — Subirei com você e darei minha opinião, desde que ela não chegue aos ouvidos do sr. Wenn. Todos sabemos como ele se sente a seu respeito, senhorita.

— Por favor. Jennifer.

— Jennifer.

— E não vai chegar aos ouvidos dele. Mas, mesmo se chegar, Alex é inteligente e confiante o suficiente para entender por que preciso da sua opinião. Vou encontrar Henri Dufort hoje à noite. Preciso que as coisas deem certo. Espero que meu cérebro seja suficiente, mas nunca se sabe. O vestido certo não fará mal nenhum. Só quero que seja brutalmente honesto comigo, ok?

— Ok.

* * *

Antes que eu saísse do carro, Tank verificou se a calçada da Quinta Avenida estava segura. Em seguida, ele rapidamente me conduziu até a parte de dentro do prédio. Meu coração batia com força. Logo chegamos ao 51º andar, onde Bernie nos esperava e onde eu pude relaxar.

Bernie era extremamente profissional. Ele me beijou no rosto e apertou a mão de Tank. Disse-me que ele e Blackwell tinham discutido o tipo de evento do qual eu participaria. Em seguida, levou-me para a sala improvisada, onde me mostrou o vestido que Blackwell sugerira.

Era vermelho, com um decote largo, sem mangas, uma faixa larga sob os seios e pregueado da cintura até o chão. Era lindo, mas eu tinha uma reserva óbvia.

— Cortei meu braço na outra noite. Está meio feio. Não acho que alguém queira olhar para a ferida.

Bernie pegou um cabide e retirou uma capa vermelha dramática que parecia quase etérea. Ela mais comprida que o vestido e ficava presa na garganta. Com o vestido, fazia um conjunto deslumbrante, de longe o meu favorito depois do vestido *Gatsby*. Eu era alta o suficiente para usá-lo, mas tinha pose para isso? Parecia quase uma fantasia de teatro.

— Minha querida, com esta capa, as pessoas só verão um ponto de exclamação vermelho no salão. Isso a tornará a estrela da noite. Posso garantir. É Giambattista Valli Couture. Ninguém estará usando nada parecido, pois é da coleção do ano que vem. Está na capa da edição de outono da *Vogue*, a que está nas bancas agora. Mas ninguém pode tê-lo ainda, pois não está disponível para o público. Bem, a maioria não consegue. Hoje à noite, você será a exceção premiada. Estará usando o vestido que todas as mulheres da moda estão desejando desde que a revista foi às bancas há duas semanas. As mulheres certas, que são a maioria das mulheres que Peachy convidou, conseguirão reconhecê-lo imediatamente. Você será a moda do futuro de tal forma que causará inveja e provavelmente ira, mas somente entre as mulheres. Os homens tropeçarão uns nos outros para olhar para você.

— Pressão nenhuma, hein? Como você o conseguiu?

— A srta. Blackwell o conseguiu.

— Como ela o conseguiu?

— Feitiços. Vodu.

— Estou falando sério.

— E isso importa? Agora, vista-se. As roupas de baixo estão sobre a mesa. Os sapatos, logo ali.

Tank e eu sairemos. E depois veremos como ficará o conjunto quando estiver pronta para o penteado e a maquiagem. Estou pensando em deixar seus cabelos soltos hoje. Olhos em tom cinzento. Lábios da cor exata do vestido. Joias muito simples, apenas uma pulseira de diamantes e brincos. Nada deve desviar a atenção do vestido. Henri Dufort não é nenhum tolo, saberá exatamente qual é a intenção. Mas uma mulher linda e confiante que tem a inteligência para acompanhar este tipo de vestido também não é tola. E esta é você, que o impressionará de diversas maneiras. E, ao fazer isso, estará abrindo o caminho para que Alex feche o negócio com Dufort.

* * *

Mais tarde, depois que Bernie terminou de arrumar meus cabelos e dar os retoques finais na maquiagem, encarei no espelho uma pessoa que não reconheci. Fiquei de pé com um pouco de esforço, pois meus quadris estavam doloridos por causa do tempo que passara sentada. Bernie colocou a capa em volta do meu pescoço e eu me virei para ele e para Tank.

— Bem?

— Bem, muito bem — disse Bernie. — Espero que haja um médico na casa.

— Tank?

Ele olhava para mim como se eu fosse de outro mundo. — Mantenha o telefone pronto para ligar para a emergência. Bernie não está brincando. Ninguém chegará a seus pés, srta. Kent.

— Talvez eu tropece na capa — disse eu. — Ela é tão comprida.

— Eis o que você fará — disse Bernie. — Use os braços para erguê-la e puxá-la para perto do corpo ao caminhar. Viu? Tente assim. Certo? Nada difícil. Se quiser ser dramática, e somente se tiver espaço para isso, abra os braços ligeiramente a capa flutuará — *flutuará!* — atrás de você. Mas tenha cuidado. Cuidado com outras pessoas que poderão "acidentalmente" pisar nela. Tente não circular demais para não acontecer um desastre. Fique no mesmo lugar o máximo que puder. Lembre-se, você é o ponto de exclamação. Não é preciso se misturar. As pessoas irão até você. Quando estiver parada, deixe que a capa fique como uma poça em volta de seus pés. Mantenha-a perto do corpo para que ninguém tropece e danifique o tecido. Entendeu?

— Entendi.

— Afinal de contas, é alta costura.

Sorri e balancei a cabeça na direção dele. — Terei muito cuidado.

Eu me virei e olhei para o espelho novamente. Nem parecia eu mesma. O que Bernie fizera era lindo e impressionante, mas era demais? — Isto é sexo puro, Bernie, misturado com uma dose grande de *glamour* dos anos 80. Dará certo em um evento desse tipo? Eu não a conheço, mas diria que Peachy Van Prout segue as regras da alta sociedade.

— Ah, ela segue, sim — respondeu Bernie.

— Não quero duvidar de você, mas esta não é uma aparência que está nas regras.

— Você tem razão, não está. É um visual que causará rebuliço. As pessoas falarão sobre ele.

Como é um evento de caridade e Peachy é uma vadia que adora a imprensa, pode contar que tirarão fotografias. Alguns dirão que é inadequado. Outros a defenderão por usá-lo. Quem se importa com o que eles pensam? Porque *esse* tipo de visual, Jennifer, não tem preço. Essa é a sua festa de apresentação. É você dizendo que não precisa de Alexander Wenn pendurado em seu braço. É você provando que não precisa dele para representar a Wenn. É agora que as pessoas a verão. Confie em mim. Blackwell e eu pensamos muito sobre o assunto e consideramos todos os ângulos do que poderá acontecer. Decidimos escolher este por um motivo. Henri ficará cativado. O restante das pessoas falará sobre você, bem ou mal. Espere até amanhã e veremos quem estará na *Page Six*. Veremos quem define a moda em Manhattan agora.

CAPÍTULO 8

Peachy Van Prout morava em uma das poucas mansões remanescentes na Park Avenue, localizada na Sixty-Eighth Street e muito maior do que as casas vizinhas. E, da forma como estava iluminada, com as luzes brilhando por toda a fachada inferior, parecia maravilhosa. Era uma mansão de pedras marrons, com oito janelas na parte da frente, cinco andares, um portão de ferro preto e portas de mogno. Parecia ao mesmo tempo elegante e simples, o que era exatamente o que eu esperava, dada a linhagem de Peachy e as expectativas que a acompanhavam.

— Aqui estamos — disse o motorista.

Tank olhou para mim. — Pronta?

— Pronta.

Com Tank ao meu lado, eu me afastei do carro. Uma brisa capturou minha capa e lançou-a para a direita em um brilho vermelho incrível que ondulou por alguns instantes até que eu conseguisse agarrá-la com o braço e controlá-la. Aquela acabou sendo minha entrada dramática e inesperada que algumas pessoas bem-vestidas na calçada que esperavam para entrar notaram, dando início aos comentários. Tank se aproximou, colocou a mão nas minhas costas e logo entramos, sem nenhum outro incidente.

— Aquela ali, bem à sua frente e à direita, dando as boas-vindas às pessoas, é Peachy — disse Tank. — O nome do marido dela é Robert.

— Ele me parece familiar.

— Ex-presidente do Citibank.

— É verdade, agora eu o reconheci. — Olhei à frente por entre a multidão, que se movia pelas luzes âmbar e subia a escadaria de mogno para o andar de cima. Supus que iam para o segundo andar em busca de coquetéis, mas não sabia ao certo. Quem saberia? Certamente, não aquela garota do Maine.

Não demorou muito e eu passara de Robert, que fora cordial, mas entediante, e chegara à frente de Peachy, uma loira alta e magra, provavelmente perto dos setenta anos, mas cujo cirurgião plástico fizera um excelente trabalho em seu rosto, que aparentava cinquenta. Ela usava um vestido dourado que brilhava sob a luz e complementava o tom da pele. Apesar de todas as coisas horríveis que ouvira sobre ela, achei que parecia linda.

Mas será linda por dentro?

— Olá — disse ela com a mão estendida. Não foi exatamente um aperto de mão. Foi mais um oferecimento da mão, com os dedos ligeiramente dobrados para baixo. Eu a apertei de leve e soltei-a enquanto ela me estudava.

— Sou Jennifer Kent — disse eu. — Acompanhante de Henri Dufort esta noite.

— É claro — respondeu ela. — Ouvi falar muito de você, Jennifer. É um prazer. Peachy Van Prout. Você é a companheira de Alex, certo?

— Sim, sou.

— Como ele está? Robert e eu lemos sobre o que aconteceu com vocês no *Times*. Pareceu

horrível e ficamos muito preocupados. Você parece bem e, devo dizer, muito linda. Como está Alex?

— Está melhor, graças a Deus.

— Fico feliz por você estar bem o suficiente para vir. E, depois do que passou, minha querida, você está maravilhosa. E eu conheço esse vestido. Não quero saber como você o conseguiu, mas tenho a impressão de que tem alguma coisa a ver com uma certa srta. Blackwell. Todos sabem que aquela mulher consegue fazer milagres. E essa capa, é tão dramática. Tão linda. Tão atual. Tão perfeita. — Ela se inclinou na minha direção. — Esta multidão é tão antiga. Precisamos de mulheres jovens como você para manter as coisas animadas no meio deste monte de quadris de titânio. Fico feliz por estar aqui.

No final das contas, ela era divertida e simpática.

Ela se virou para Tank. — Esse é seu...? — Ela parecia não saber o que dizer.

— Depois do que aconteceu naquela noite...

O reconhecimento brilhou nos olhos dela, que sacudiu a cabeça como que para me impedir de falar. — Não diga mais nada. Entendo e estou aliviada. Sou Peachy — disse ela para Tank. — E você é?

Ele pegou a mão dela, que pareceu minúscula em comparação. — Mitchell.

— É um prazer conhecê-lo, Mitchell. Suponho que pretende mantê-la segura.

— Com certeza, senhora.

— Você está muito bonito com essa roupa.

— Obrigado, senhora.

— Os coquetéis estão no segundo andar. O jantar será em duas horas no terceiro andar. Apenas cinquenta pessoas. — Ela olhou para ele com uma expressão preocupada. — Ah, meu Deus. Não planejei um lugar para você.

— Não é preciso, senhora. Ficarei no segundo andar, se não houver problema.

— É claro que não. E você não passará fome. No mínimo, o jantar será servido para você lá. Não deixarei que fique sem comer. E agora estou sentindo-me culpada. Lamento tanto não haver espaço na mesa.

Alex não gostava dela e Bernie a chamara de vadia que adorava a imprensa. Mas a minha primeira impressão foi de que ela era autêntica e gentil. Não precisava ser nada além de agradável comigo e com Tank, mas foi além disso. Eu me senti bem-vinda.

— Henri já chegou? — perguntei a ela antes de me afastar.

— Ele está no andar de cima em algum lugar. Chegou há uns vinte minutos. Estamos esperando duzentas pessoas para o coquetel e você verá que o andar de cima está cheio de gente. Mas você o encontrará em algum momento. Ele não fica parado. Aconselho a escolher um lugar e esperar que ele apareça.

— Obrigada.

Inesperadamente, ela pegou minha mão e admirou o vestido novamente. — Ninguém saberá o que fazer com você, Jennifer. Esteja preparada para isso. Ao usar esse vestido, você se arriscou. E ainda bem que fez isso. Estou tão cansada de pessoas do nosso meio sem entender o que há de novo e o que é tendência. Estou cansada do velho, do seguro e do entediante. — Ela ergueu o queixo ligeiramente. — E você não é entediante. Quero que volte logo, tomara que com Alex, mas também seria ótimo se Mitchell viesse. Prometo que haverá um lugar para você — disse ela para Tank. — Estou envergonhada por não ter um lugar hoje. Você tem esposa ou está saindo com alguém que queira trazer? — perguntou ela.

— Negativo sobre a esposa, senhora. Quanto a sair com alguém, há uma possibilidade, mas ainda

não sei ao certo.

— Minha nossa — disse Peachy. — Você soa tão militar.

— Eu era militar, senhora.

Ela colocou a mão no braço dele. — Muito bem. Espero que resolva isso logo, porque adoraríamos ter a presença de vocês todos para jantar.

* * *

— Ok, ela é muito simpática — disse eu.

— Concordo.

— Não me importo com o que Alex pensa dela. E não me importo nem um pouco se Bernie acha que ela é uma vadia que adora a imprensa. Ela foi simpática conosco. Você pode não saber muito sobre mim, Tank, mas venho do nada. Zero. Fico desconfiada de gente com a quantidade de dinheiro que ela tem, mas gostei dela imediatamente. Ela tem classe.

— Ela fez alguns bons trabalhos, também.

Olhei para ele ao seguirmos a multidão em direção à escadaria de mogno belamente entalhada.

— Quem é você, Tank?

— Não sou um Tank normal.

— Tem certeza que é hétero? Porque essa resposta foi muito atravessada.

— Tão hétero quanto se pode ser. Mas estive no meio desta multidão por seis anos. Por três anos, fui segurança de Diana. Nós ficamos amigos. Algumas vezes, ela era bastante ferina. Provavelmente, aprendi um pouco com ela.

— Como ela era?

— Você teria gostado dela. Acho que vocês duas teriam sido amigas. Era parecida com você, mas diferente.

Eu não sabia quase nada sobre quem era Diana. Se Tank estava disposto a falar sobre ela, eu estava disposta a ouvir. — Diferente como?

— Ela não era tão confiante. Não tinha o seu tino para negócios e nenhum interesse na Wenn. Era uma espécie de espírito livre. Fazia só o que tinha vontade.

— E o que era que ela tinha vontade?

— Esse é o problema — disse ele. — Não acho que ela sabia o que queria. Acho que ela foi absorvida pela Wenn, especialmente quando Alex assumiu a empresa depois da morte do pai.

— No caso de assassinato e suicídio?

Ele olhou para mim. — Isso mesmo. Ela sempre me pareceu um pouco perdida. É triste, mas sempre conseguiu esconder isso muito bem. Não sei como descrevê-la. Ela era complicada. Mas também era inteligente e, quando estava disposta a alguma coisa, podia ser bem travessa. Ela dizia coisas em alguns eventos que me faziam rir. Eu gostava dela.

— Lamento que Alex a tenha perdido. E os pais.

Tank não respondeu. Apesar de ser muito estoico, percebi que estava pensando em Diana e provavelmente sentia falta dela. Não quis deixá-lo mais chateado e chegamos perto da escada juntos em silêncio. Ele olhou para cima como se não tivesse me ouvido. Talvez tivesse sido próximo de Diana e lembrar-se dela fosse algo difícil.

— Tank, eu sinto muito. Não devia ter falado nela. Eu não sabia que vocês eram tão próximos.

Ele pigarreou e olhou para mim. — Você não é Diana, Jennifer. Você é diferente. Maravilhosa de seu próprio jeito. Alex não procurou uma mulher igual. Ok? Eu sei o que está pensando e pode tirar isso da cabeça. Você é mais intensa do que ela era. Não tem medo de pedir a opinião das pessoas, como ela frequentemente tinha. Obviamente você está aqui para deixar Alex orgulhoso. Nem sempre era o que acontecia com Diana. Algumas vezes, acho que ela se sentia em uma competição com ele e com o trabalho dele. Ela não ficava feliz com isso. Algumas vezes, sentia-se revoltada e causava problemas a ele.

— Como?

— Comportando-se mal. Sendo malcriada. Nem todos conseguem aguentar esse tipo de pressão e invasão. Mas, depois, o inesperado aconteceu e ela morreu. Acho que Alex sabia que ela era infeliz quando morreu. Acho que isso o afetou profundamente e foi por isso que ficou longe de um relacionamento por tanto tempo. Mas isso é só especulação da minha parte e espero que fique entre nós.

— Tudo permanece entre nós. Minha boca é um túmulo. — E eu estava falando sério. Sempre que alguém confiava em mim e pedia que eu mantivesse segredo, era o que acontecia. — Deixe-me perguntar uma coisa. Ela usaria algo parecido com esta roupa?

— Nem pensar.

— Então eu fui longe demais.

— Não. Você foi longe o suficiente. Bernie tinha razão, você verá. Eu vi ele e Blackwell tentando vestir Diana muitas vezes. Eles queriam que Diana se arriscasse e usasse a última moda, pois sabiam que ela tinha porte para isso e da visibilidade que isso lhe traria. Mas ela era conservadora demais e recusava-se a tomar parte. Achava que as pessoas deviam se interessar por ela não pelo que vestisse, mas por quem era como pessoa. Entendo como ela se sentia. Mas, nesta multidão, era uma perspectiva ingênua. Algumas vezes, ela perguntava em voz alta por que a imprensa a ignorava. Não conseguia entender que precisava surpreender todo mundo assumindo um risco. Não entendia que o que ela vestia e quem era frequentemente se encontravam no meio do caminho. Blackwell e Bernie sabiam disso, mas ela não; Diana não entendia como trabalhar com a mídia como eles. Não se importava com o fato de a Wenn precisar de visibilidade na mídia que ela poderia ter conseguido. Ela era linda e, se tivesse superado isso tudo, teria conseguido a publicidade de que a Wenn precisava. Você agradará o conselho inteiro amanhã, sem falar em Alex, pois será fotografada hoje à noite. Provavelmente mais do que imagina. Acho que você tem muita coragem.

— Acho que me perdi. Coragem?

— Isto aqui não é brincadeira. Você não viu nada ainda. Em todos os casos, você será celebrada ou criticada. As críticas frequentemente serão cruéis, especialmente nos blogues, que foi onde transformaram Diana em uma vilã. Mas também será celebrada. Consegue lidar com esse tipo de dicotomia?

Aquele homem era muito mais inteligente e experiente do que eu imaginara. Ele me surpreendia a cada minuto. — Não sei.

— Por causa do que está vestindo esta noite, seu nome estará por toda parte amanhã. As pessoas falarão de você e poderá ser qualquer coisa. Precisa saber disso.

— Bernie e Blackwell me prepararam uma armadilha?

— Não. Nunca. Eles não são assim. Eles veem isso como elevá-la. Você receberá a atenção da mídia que eles querem, mas o principal é o que a Wenn quer, a exposição e os negócios em que está trabalhando. É uma situação vencedora para todos se funcionar. Acho que eles prepararam você para vencer e tornar-se uma mercadoria conhecida na cidade. É a meta deles. Não acho que você tenha

entendido, Jennifer. Está prestes a se tornar famosa neste círculo.

— Agora estou abalada.

— Não foi essa a minha intenção.

— Preciso estar perto de pessoas diretas e honestas, Tank. Agradeço os seus comentários e a sua honestidade. Agora, só preciso chegar ao fim da noite sem desapontar ninguém. Pelo jeito, precisarei ser uma atriz.

— Será que um martíni ajudaria a diminuir a ansiedade?

— Você sabe que sim. Mas preciso ter cuidado. Preciso pensar claramente. Dois martínis são o máximo que me permitirei durante toda a noite. E fim. Não beberei mais do que isso. Conheço meus limites. Faça o possível para interceptar o mais discretamente possível qualquer bebida que se aproximar de mim, ok?

— Que tal se eu pegar o primeiro para você?

— Eu adoraria. Você pode tomar um também?

— Eu nunca bebo em serviço. Nunca.

— Que tal um copo de martíni cheio de água supergelada e uma rodela de limão para fazer de conta que está me acompanhando?

— Isso eu posso fazer — disse ele. — Mas, se sair nos jornais, você terá que explicar ao sr. Wenn.

— Não se preocupe, eu cuidarei disso — respondi. — Vamos pegar uma bebida. Ou melhor, pegue uma bebida para mim. Você pode tomar Aquafina ou sei lá o que estão servindo aqui.

Com a capa suspensa no braço, subimos a escadaria até o segundo andar, que se estendeu à nossa frente sem que eu conseguisse ver o outro lado de tão grande. As paredes eram revestidas de painéis de madeira escura e o ambiente tinha iluminação suave para agradar a quem precisasse ser agradado. Naquele momento antes de entrarmos no aposento, aproximei-me um pouco mais de Tank. — Olhe só quanta gente — disse eu. — E como esse lugar é imenso. Minha nossa, quem vive em um lugar assim?

— Peachy Van Prout — respondeu ele. — E os pais e os avós dela antes disso. Você sabe que ela herdou este lugar deles, não é? Eram do negócio de açúcar. Ainda são. Você já consumiu o açúcar deles em muitas coisas, de refrigerantes a molhos. Pense no alcance que isso tem. Cuidado com a capa.

Ele pegou minha mão para me ajudar a não pisar na capa e cair, o que, por sorte, não aconteceu. Quando olhei para cima para procurar o bar, vi dezenas de rostos virados para mim. Alguns dos olhares não eram muito gentis. Alguns mostraram surpresa, desejo, desgosto, fascinação. A mistura de reações era demais para absorver de uma vez só, mas eu precisava confiar em Blackwell e em Bernie e tive que absorvê-la. Os piores olhares, previsivelmente, eram os das mulheres, o que significava que eu vencera.

Algumas pessoas se acotovelaram e mais rostos surgiram. Em algum lugar à minha esquerda, um *flash* explodiu. E de novo. Eu estava ciente dos olhares que me percorriam de cima abaixo. E estaria mentindo se dissesse que não me sentia constrangida, mas também um pouco excitada. À minha direita, vi Immaculata Almendarez, cujos lábios se abriram ligeiramente. Ela avançou pela multidão para me ver melhor, lançando-me um olhar gelado que dizia claramente: *Você não pertence a este lugar. Especialmente sem Alex. Como ousa aparecer em meio ao meu povo?*

Sem querer desapontá-la, mexi os braços rapidamente e espalhei a capa como se fosse um par de asas. A câmera de alguém disparou várias vezes e deixei que meu olhar queimasse sobre Immaculata enquanto a capa se assentava à minha volta.

— O que foi isso? — perguntou Tank. — Você virou um super-herói, foi?

— Se eu fosse um, teria destruído Immaculata.

— Quem é ela?

— Desculpe o termo, mas ela é uma puta. Eu sei que é uma palavra dura e não a uso com frequência. Mas ela é uma puta. Já viu quem é?

— Como poderia não ter visto? Olhe só para o rosto dela. Obviamente, ela não gosta de você.

— Você está sendo gentil.

— O que quer dizer?

— Ela me odeia.

— Por quê?

— É uma longa história que não vale a pena contar.

— Então, quem é ela?

— Um touro — disse eu. — E sem coração. Resumo da história: ela queria Alex, mas ele não estava interessado nela. Por algum motivo, estava interessado em mim. Neste momento, a única coisa que ela deseja atacar sou eu. E o vestido.

— Bom, ele é vermelho.

— Por isso a referência ao touro.

— Devo atirar para matar se ela chegar perto de você?

Começamos a atravessar a multidão em direção ao bar, que ficava à esquerda. Ao longo do caminho, encarei Immaculata até que ela finalmente desviou o olhar, fez uma careta e provavelmente começou a falar mal de mim para quem quisesse ouvir. — E privar-me do momento que sei que acontecerá mais tarde? Nem pensar. Vou saborear cada segundo dele.

— Acha que ela virá até você? Com esta multidão toda?

— Especialmente com esta multidão. Eu sou inferior. E sei disso. Não pertencço a este lugar. Mas isso não significa que aguentarei as merdas dela.

— E é por isso — disse ele — que você não tem nada a ver com Diana.

CAPÍTULO 9

Eu estava começando o segundo e último martíni da noite quando finalmente vi Henri Dufort na multidão. Ele não era um homem alto, na verdade, era um tanto baixo, o que provavelmente fora o motivo de eu não tê-lo visto depois de passar mais de uma hora no mesmo lugar procurando-o na multidão densa. Mas houve uma mudança na maré. Eu o vi, olhei para Tank e disse: — Finalmente. Lá está ele. Acho que eu devia ir até lá.

— Você ficará bem — disse ele. — Peachy tem a própria equipe de segurança. Você notou?

— Não, não notei.

— Ela tem. Provavelmente porque o embaixador francês está aqui. E devo admitir que ela fez um excelente trabalho. Conteí pelo menos uma dúzia de homens e mulheres circulando, contando os detalhes de segurança dela e do embaixador. Não vou apontá-los para você. Basta saber que eu os observei e são impressionantes. Misturar-se neste tipo de evento é difícil, mas eles se saíram muito bem. Ficarei aqui no bar, de onde posso ficar de olho em você. Vá cumprimentar Dufort. Você ficará bem.

— Não me sinto bem. Sinto como se estivesse prestes a estragar tudo para Alex.

— O conselho não teria enviado você se achasse que isso aconteceria. O negócio com a Streamed foi ideia sua, não foi?

Eu assenti.

— E você se lembra de por que era uma boa ideia?

Não hesitei. — Claro que sim.

— Então, qual é o problema? É essa a confiança que você deve passar. Ora, vamos, Jennifer. Eu sei que negociar sozinha não é o que você faz, mas lembro-me de quando Alex começou logo depois da morte dos pais. Ele ergueu a cabeça e conseguiu o negócio.

— Não estou aqui para fechar um negócio. Estou aqui para manter as coisas em movimento e para responder às perguntas dele.

— Melhor ainda. Faça isso. Agora, vá logo.

Coloquei o martíni sobre o bar, segurei a capa de tal forma que nem eu nem ninguém pudesse pisar nela e comecei a percorrer a multidão. Um garçom parou ao meu lado com uma bandeja de prata cheia de taças brilhantes de champanhe borbulhante e perguntou se eu gostaria de uma. Recusei, mesmo morrendo de vontade de virar uma taça. Uma mulher mais velha tocou no meu braço quando passei por ela e comentou sobre o meu vestido: — Adorável — disse ela. — Muito lindo. — Eu agradei. Um momento depois, ouvi uma mulher dizendo para outra que eu era aquela do *Times*. — A garota de Alexander Wenn, creio eu. Sozinha aqui e tão bem vestida. O que será que ele acha disso...?

Finalmente cheguei perto de Dufort, um homem bonito e bronzeado com belos cabelos grisalhos. Ele conversava com um casal de aparência severa, que reclamava da dificuldade de encontrar bons empregados para a casa que tinham na costa da Turquia.

— Antigamente, eram centavos por hora naquele lugar, Henri — disse a mulher. — Centavos.

Agora, querem um dólar inteiro por hora. Um dólar! Para dobrar roupas e limpar sujeiras minúsculas! É ridículo. Será que não percebem como têm sorte de trabalhar para nós? De trabalhar em um oásis como aquele? De serem alimentados por nós? Você esteve em nossa casa, viu como ela é magnífica. Essas pessoas, que vêm do nada, *do nada*, têm o luxo de trabalhar quatorze horas por dia para nós, em vez de passar o dia suando nas favelas onde nasceram. Isso deve valer alguma coisa. Chegou ao ponto em que não aguento nenhum deles. Três das minhas criadas, Bilge, Erbil e Gülcan, são particularmente impossíveis. Deram a mim e a Gerald uma semana para aceitar o novo salário, senão irão embora. Quem faz isso? Quem fala conosco desse jeito? Como o restante da criadagem, elas também fedem a merda. Portanto, se forem embora, pelo menos nos livraremos disso.

— Talvez o dinheiro extra ajude essas pessoas a comprarem sabonete — retrucou Dufort.

— Ajude a comprar o quê?

— Sabonete — respondeu ele. — E talvez um sabão em pó, roupas novas ou desodorante, para que não sejam tão ofensivas a você.

A mulher piscou algumas vezes, abriu a boca para falar e piscou novamente. Um burburinho surgiu na multidão em algum lugar à minha direita. Vi as luzes das câmeras estourando. Mas aquilo acontecera tantas vezes, até mesmo comigo, que eu comecei a me perguntar se Peachy era realmente uma vadia que adorava a mídia, não importava o quanto eu gostava dela. Fiquei imaginando quem era a celebridade que estava lá. Mas não importava porque mais luzes começaram a estourar quando outra onda de reconhecimento percorreu o aposento e outro circo começou. Dufort deu de ombros para a mulher em frente a ele. Em seguida, ele me viu, reconheceu-me e pediu licença para o casal, dizendo que falaria com eles mais tarde.

Ele se virou para mim e beijou-me no rosto.

— Jennifer — disse ele. — Chegou no momento perfeito. Lamento que tenha ouvido aquilo.

— Sr. Dufort — disse eu quando ele se afastou. — Lamento ter chegado em um momento tão complicado.

— Henri. E por favor, aqueles dois chafurdam no drama como porcos na merda. Estão entre as pessoas mais ricas e mais sovinas que conheço. Só os tolero e interajo com eles por causa dos negócios. Caso contrário, eu os descartaria em um segundo. — Ele deu um passo atrás e olhou para mim. — Já sei que você é inteligente — comentou ele. — Posso também dizer que você é linda?

Corei ao ouvir o elogio, mas sabia que era melhor não ignorá-lo, e aceitei. — Não acho que alguma mulher teria objeções a tal elogio.

— Bem, você não deveria. É um belo vestido. Aposto como ninguém aqui sabe o que fazer com você.

— Vi vários olhares curiosos.

— Aposto que sim. E vários invejosos.

— E talvez alguns perplexos. Com esta capa, eu me sinto como um super-herói, Henri. É um pouco demais.

— E não deveria ser? Olhe em volta. O que não é um pouco demais?

Eu ri. — Você tem razão.

— Quem se importa com o que esta multidão pensa? Eu certamente não. E você também não deveria. São só pessoas, Jennifer, feitas de carne e osso. São pessoas com dinheiro e uma certa influência, claro. Mas a maioria das pessoas que vê à sua volta é hipócrita e muitas são perfeitas idiotas. Acredite em mim.

— Não vou fingir que sei muito sobre essas pessoas. Eu vim do nada.

— E daí?

— Não tenho nada a ver com elas.

— E o que quer dizer com isso? Olhe em volta. A maior parte do que vê aqui é dinheiro herdado.

Estas pessoas não fazem a menor ideia de onde vem o dinheiro que as sustenta, que, em sua grande maioria, foi dinheiro obtido pelos bisavós. Não por elas.

Eu não sabia muito sobre Henri pessoalmente. Mas ele estava sendo tão cáustico sobre as pessoas à volta dele que percebi que deveria haver um motivo. No fundo, estava me dizendo algo sobre ele mesmo. Decidi seguir meu instinto e abrir aquela porta. — Perdoo-me se eu estiver errada, mas tenho a impressão de que você trabalhou duro para chegar ao topo. Não foi?

— Do zero. Como acontecerá com você.

— Veremos.

— Ah, sim, veremos. Todos nós veremos. Você tem uma luz nos olhos. Conheço essa luz. Eu ainda a tenho. Ela se chama "determinação". Ou, de forma mais vulgar, "saia da minha frente".

Eu o julgara de forma totalmente errada. Achei que, por ser tão rico, seria arrogante e difícil. Pensei o mesmo de Peachy. Mas aquilo estava longe de ser verdade no caso dos dois. *Aprendi uma lição.* — Como você começou? — perguntei.

Ele estendeu as mãos e colocou uma delas sobre o coração. — Como uma criança pobre nascida nas ruas de Paris.

Eu ri do charme dele. — Quero dizer nos negócios.

— Ah, isso. Bem, é uma longa história e eu lhe darei a versão abreviada. Trabalhei duro, tive sorte, continuei trabalhando duro, tive azar, trabalhei mais duro ainda, tive sorte de novo, fui apunhalado pelas costas, fiquei pobre de novo, reergui-me, lutei, ganhei, perdi, ganhei e assim por diante. Não estou sendo exagerado, foi mais ou menos assim que as coisas aconteceram. Mas, com cada fracasso, eu aprendi. Absorvi o que deu errado e disse a mim mesmo que nunca mais deixaria que aquilo acontecesse. A maioria das pessoas não analisa os fracassos nem tenta imaginar por que eles aconteceram. Não percebem que entender por que os fracassos aconteceram é essencial para não cometer o mesmo erro duas vezes.

Ele sorriu para mim. Fiquei surpresa ao ver como ele era agradável. Talvez fosse um fator importante do sucesso dele: deixar as pessoas à vontade. Na última vez em que eu o vi, ele estava sentado em um trono dourado e as pessoas se aproximavam em massa, praticamente ajoelhando-se aos seus pés. Naquela noite, era como se ele fosse uma espécie de Cristo. Mas agora, depois de ouvi-lo conversar comigo de igual para igual, tive que me perguntar por que ele preparara aquele espetáculo horrendo. Talvez fosse o que as pessoas viam nele. Talvez fosse o que esperavam dele. Talvez fosse o que ele achava que precisava dar a elas. Quem saberia? De qualquer forma, eu não esperara aquela pessoa. Ele era aberto e gentil em uma cultura que não gostava de nenhuma das duas atitudes.

— Eu estava ansioso para encontrá-la hoje à noite — disse ele. — Especialmente depois que descobri que a fusão da Streamed com a Wenn Entertainment foi ideia sua. Foi uma ideia brilhante.

— Acho que as possibilidades são interessantes.

— Para dizer o mínimo. Desde que Alex me abordou com a ideia, minha equipe está fazendo pesquisas e estamos muito mais do que interessados. Se andarmos depressa, acho que temos uma chance de causar impacto onde a Netflix e outros concorrentes ainda não têm uma base.

— Fiz minha própria pesquisa e concordo. Você já tem a tecnologia em operação, que acredito ser universal, correto?

— Com algumas poucas exceções, sim, é. Disseram-me que, para que ela esteja pronta para ser

global, minha equipe de engenheiros e programadores precisará de apenas alguns meses, coisa rápida.

— Mais rápida do que eu esperava. A Wenn tem os contatos que podem ajudar você a abrir caminho nos países em que sua empresa ainda não entrou. Juntos, você e a Wenn, com a ajuda um do outro, podem criar a infraestrutura necessária para ter sucesso. Não acho que seja tarde demais para isso.

— Tudo está mudando para o mundo digital agora. A Netflix tem os Estados Unidos. Ótimo. Bom para eles. Mas, realmente, é um mercado global, como você sabe. Veja a Apple, por exemplo. Como o mundo compra música agora? Em lojas? Claro que não. E a Amazon, veja como estão mudando a forma como compramos livros. Cada vez mais pessoas compram livros *on-line* para ler em dispositivos eletrônicos. Os Estados Unidos sempre estará à frente do resto do mundo, o que nos dá uma vantagem. Não concorda?

— Concordo. Por que deveríamos limitar a Streamed apenas a vídeo? Por que não música, televisão e livros? A Amazon e a Apple não dominam todos os lugares. Essas são oportunidades globais que devemos considerar. Há países em que elas ainda não se infiltraram. Pelo menos, não de acordo com a minha pesquisa, que foi bem extensa.

— Concordo plenamente. Mesmo se só conseguirmos lançar a Streamed em alguns mercados principais e dominarmos esses mercados, ganharemos. Acho que Alex, você e eu seremos uma excelente equipe. — Ele fez uma pausa. — Ouvi falar sobre o que aconteceu com Alex e com você depois da minha festa de aniversário na outra noite. Lamento muito. Alex está bem? Ouvi dizer que ele está no hospital.

— Estava no hospital. Acabei de sair.

Virei-me rapidamente ao ouvir a voz familiar atrás de mim e dei de cara com Alex. Coloquei a mão sobre a boca em descrença. Ele usava um *smoking* e estava lindo. O rosto estava limpo, vi apenas alguns vestígios dos ferimentos sob o que parecia uma maquiagem muito bem aplicada. *Bernie e Blackwell*, pensei. Ele piscou para mim.

— Você está maravilhosa — disse ele. — Mas sempre está. Já tiraram muitas fotos? Suponho que sim, vendo como você está linda, meu amor.

Antes que eu pudesse responder, ele se virou para Henri.

— É bom ver você, Henri.

Eu queria me aproximar e abraçar Alex, mas aquilo teria sido inadequado naquela situação. Portanto, eu me contive. Em vez disso, peguei a mão dele e apertei-a com força. Ele respondeu da mesma forma e senti o calor passando entre nós. Fiquei estonteada de alívio. Alex estava bem. Naquele momento, eu tive certeza de que nunca fora tão feliz.

Henri Dufort não era tolo. Ele pegou a mão livre de Alex e apertou-a. — Você parece bem — disse ele.

— Estou me sentindo bem.

— E está apaixonado. É óbvio. Nós franceses sentimos a energia. Ela nos atinge. Sabemos como é importante. Os negócios são importantes, mas o amor também é. E você está apaixonado. Finalmente, está apaixonado de novo, Alex. Depois de todos esses anos. E com essa joia de mulher.

— Sim, estou.

— Isso é fantástico. Vá para casa e fique com ela. Não há necessidade de ficar aqui por minha causa. Leve-a para casa com você. Fiquem juntos. Não perderemos mais tempo. Jennifer e eu acabamos de ter uma conversa em perfeita sintonia. — Ele acenou com a cabeça na minha direção. — Essa moça é esperta. Ela me vendeu a ideia. É ela que eu quero para liderar o projeto. Você

também, claro. Mas eu sei que é sempre muito ocupado. Portanto, eu quero essa moça na minha equipe. Ela fará as coisas acontecerem. Não concorda?

— Completamente. Você estará em excelentes mãos com Jennifer.

— Então estou satisfeito por hoje. Neste momento, vocês dois precisam estar juntos.

Especialmente porque você acabou de sair do hospital e por causa do que aconteceu na minha festa de aniversário. Vão. Não serei tão gentil quando nos encontrarmos nos próximos dias. Vou querer resultados, planos e estratégias. Mas hoje à noite é o momento de ser humano. Eu me lembro de como era estar apaixonado, antes que a minha Claire falecesse. E só posso imaginar pelo que vocês dois passaram nos últimos dias. Peachy encontrará alguém para sentar ao meu lado. Olhe em volta, qualquer pessoa adoraria sentar àquela mesa. Com apenas algumas palavras, Jennifer já me deixou empolgado sobre o futuro da Streamed. Portanto, vão embora.

— Henri — disse Alex. — Não vim aqui para interromper a conversa.

Henri olhou para mim e depois para Alex. — O que vocês dois precisam é continuar uma conversa particular. — Ele começou a se afastar no meio da multidão, enfatizando o que queria dizer. — Nós nos encontraremos em breve. Na Wenn. Irei até você porque sei que ainda está recuperando-se. Sabe o que quero de você. Basta me mostrar em detalhes. Nós conversaremos, conquistaremos e avançaremos. Já estou feliz e pronto para os próximos passos, mas iremos avançar com sabedoria. Minha assistente entrará em contato com a sua. *C'est tout. Allons.*

E Henri Dufort desapareceu na multidão.

CAPÍTULO 10

Quando me virei para olhar para Alex, ele tinha aquele sorriso maravilhoso no rosto que me fizera tanta falta. Era como ele normalmente sorria quando íamos para um evento e, quando me via maquiada, penteada e vestida por Blackwell e Bernie.

Naquele momento, eu tinha ciência de que éramos o centro das atenções. Ainda assim, de forma estranha, parecia que éramos as únicas pessoas em um salão com centenas delas. Ele ergueu minha mão até os lábios e beijou-a. Por um momento, os lábios dele ficaram encostados na minha pele. Ele encostou o rosto na minha mão e fechou os olhos como se estivesse aliviado.

Estou apaixonada por você, pensei enquanto corria os dedos pelos cabelos dele. *Tudo o que me prendia ao passado se foi. Você é um homem bom, Alexander Wenn. Sinto muito por todas as barreiras que ergui, elas foram produto do medo. Eu me arrependo de todas elas. Confio em você, estou apaixonada por você e estou imensamente feliz por finalmente estar aqui ao seu lado.*

— Como? — perguntei. — Eles disseram que você passaria a noite lá. Como saiu do hospital?

Ele olhou para mim e deu de ombros. — Eu disse a eles que estava com saudades da minha namorada — respondeu ele. — Disse que acabaria tendo um ataque do coração se não a visse hoje à noite. Eles consideraram meu argumento e deixaram que eu fosse embora.

— Venha comigo — disse eu. — Ali, onde é um pouco mais reservado.

Peguei a mão dele e conduzi-o pela multidão até o canto esquerdo do salão, onde havia menos pessoas. Parei em frente a ele e encostei-me na parede para que ninguém me visse. De costas para o salão, ninguém conseguia ver o rosto dele. Não era a situação perfeita, mas era a mais discreta possível, considerando as circunstâncias. Eu ergui o corpo um pouco e beijei-o rapidamente nos lábios, pois sabia que qualquer sinal público de afeição não era bem visto naquele ambiente. Mas Alex não parecia se importar. Ele abaixou a cabeça e beijou-me mais profundamente. Quando nos afastamos, não pareceu uma coisa natural, era como se eu tivesse sido arrancada dele. Eu queria abraçá-lo, mas aquele lugar não me deixava fazer isso. Vi a minha frustração espelhada nos olhos dele.

— Não podemos fazer isso aqui — disse eu. — Sei que está machucado. Sei que não podemos fazer nada de íntimo hoje à noite. Mas se pudermos só deitar no sofá da sua casa...

— Nós vamos embora. Vou fazer amor com você. Estou bem.

— É cedo demais. Estou preocupada com você.

— O médico me deu o passe dourado. Estou bem.

Ergui a sobrancelha. — O passe dourado?

— Isso mesmo. Sou uma máquina. Contei meus planos ao médico e ele me disse para não fazer loucuras. Pedi a ele que definisse "loucura". Aquilo o deixou sem ter o que dizer. Ele verificou minha pulsação novamente e inspecionou meus olhos com uma daquelas luzinhas. Pelo jeito, não viu nada que o preocupasse e liberou-me. E disse: "vá fazer loucuras".

— Você não sabe como estou aliviada por ter você aqui e por saber que está bem.

— Quer ver como estou bem?

Ele me beijou de forma mais apaixonada do que antes, estendeu a mão para baixo e agarrou minha bunda, apertando-a. Senti a língua dele penetrando minha boca. E, quando a barba por fazer arranhou de leve a curva do meu pescoço, senti uma umidade quente se espalhar entre as pernas. Meu

corpo formigou e ficou vivo.

Eu sabia que não devíamos fazer aquilo ali. Sabia que era inadequado e que algumas pessoas se sentiriam ofendidas e irritadas. Mas Alex conhecia aquela multidão melhor do que ninguém e não pareceu se importar. Quando sussurrei no ouvido dele que queria ir embora, ele só rosnou e beijou-me de forma mais intensa.

Foi quando as luzes explodiram.

— Não pare aí — disse uma voz familiar. — Este é o seu grande momento, Bob. Isso mesmo. Continue fotografando. Ilumine-os. Capture esse momento obscuro de fogos de artifício mútuos. Todos estão falando nisso. Mas por que deixar a indiscrição deles só para nós? Vamos fotografá-la para que a cidade inteira a veja.

Por causa dos *flashes* rápidos, eu não conseguia ver quem falava. Mas conhecia aquela voz, pertencia a Immaculata Almendarez e estava claro pelo tom que estava enfurecida. Eu queria acabar com ela por fazer aquilo com Alex. Ninguém naquela cidade sabia quem eu era, mas certamente conheciam Alex. E o que ela estava fazendo era tentar humilhá-lo publicamente. Para minha surpresa, Alex não pareceu afetado pela comoção. Ele se virou para a câmera com um olhar que fez com que as luzes desaparecessem.

— Olá, Immaculata — disse ele.

Ela não respondeu.

— Então, subitamente, não consegue mais falar?

Pelo jeito, ela não conseguia e continuou muda.

Ele olhou para o fotógrafo. — Muito bem. Vamos pensar nela como o mundo pensa nela: uma bêbada insignificante, infeliz e amarga. Não sei quem você é, senhor, mas gostaria de lhe apresentar minha namorada, Jennifer Kent, com quem não encontro há alguns dias por motivos que você deve conhecer dos jornais. Ou não. De qualquer forma, está pronto para a última fotografia? Porque ela será a sua última fotografia. Pode ter certeza disso. Não vou enganar você. Nós lhe daremos uma fotografia a ser lembrada. E depois você poderá dá-la para o jornal para o qual trabalha.

— Para o *Post*, sr. Wenn.

— Então, o *Page Six*?

— Isso tem tudo a ver com o *Page Six*.

— Na verdade, o que está prestes a acontecer tem tudo a ver com o *Page Six*. Está pronto? E você, Immaculata? Está pronta?

— Vá para o inferno, Alex.

— E passar o resto da eternidade lá com você? Não, obrigado. Não vejo vergonha alguma em passar um momento com a mulher que amo. Portanto, tire a fotografia, se aguentar. E isso vale para vocês dois.

Notei que Tank parara ao lado do fotógrafo. Ele ficou tão perto do homem que o corpo musculoso e os ombros largos acabaram empurrando uma Immaculata muito furiosa para o lado.

Alex sussurrou em meu ouvido. — Beije-me da forma mais apaixonada possível, ok?

Mordi o lábio inferior. — Você não presta — disse eu.

— Só estou apaixonado. Por que não dividir isso com a cidade? Algumas pessoas estão esperando isso há muito tempo. Quero que vejam como tenho sorte.

— E como eu tenho sorte.

Ele inclinou a cabeça quando eu disse aquilo. Em seguida, passou o braço esquerdo cuidadosamente em volta da minha cintura e beijou-me com tanta intensidade que eu mal percebi quando as luzes começaram a explodir. Exceto, claro, pelas luzes na minha cabeça. Elas explodiram

de forma tão maravilhosa que quase me consumiram. Eu me perdi nas luzes e nele. Quando ele se afastou, o fotógrafo parou. Olhei para ele e vi Tank ao seu lado, com a mão no ombro do homem.

— Conseguiu a sua fotografia? — perguntou Alex.

— Consegui, sr. Wenn.

— Agora, faça-me um favor. Há duas formas de terminar esta história. Você pode usar uma das fotografias mais picantes que conseguiu antes com a ajuda de Immaculata, o que fará muito sucesso. Ou pode usar uma das fotografias mais românticas que nós acabamos de lhe dar. Não é segredo nenhum que a mídia desta cidade espera há quatro anos que eu me apaixone por outra mulher. Várias vezes, o seu jornal me perguntou quando e se isso aconteceria. Portanto, por que não responder a essa pergunta com uma dessas fotografias? Porque finalmente aconteceu. Se escolher este caminho, Jennifer e eu daremos uma entrevista para o *Post* depois que nos casarmos.

— Vocês vão se casar? — perguntou Immaculata.

— Sim, se ela aceitar. Mas, diferentemente de você, Immaculata, eu tenho respeito pelos outros. E respeito Jennifer demais para apressá-la. Assim que eu souber, avisarei a este jovem e ao jornal dele. — Alex se virou para o homem. — Isso é uma promessa, mas apenas se fizer a cortesia de escolher as fotografias certas. Se for feito um anúncio, garantirei pessoalmente que você seja o fotógrafo que cobrirá a entrevista. Isso deverá ajudar na sua carreira. O que acha?

— Quem decide o que usar, na verdade, são os meus editores.

— Eu entendo. É por isso que você precisa dizer a eles tudo o que acabei de prometer para você e vender essa ideia. A minha palavra tem valor e nós dois sabemos o quanto o meu casamento, se eu tiver sorte suficiente, valerá nesta cidade. Parece justo?

— Parece justo.

— Espero vê-lo mais cedo do que imagina, se é que entende o que quero dizer.

— Ela é uma mulher adorável, sr. Wenn.

— Obrigado. E sou um homem de muita sorte, considerando a qualidade de algumas mulheres desta cidade. Considere a mulher que trouxe você até nós, por exemplo. Portanto, espero vê-lo em breve.

— Farei o possível.

— Tome cuidado, Bob.

Enquanto Tank conduzia o homem para longe, eu o ouvi dizer: — O sr. Wenn se lembrou do meu nome...

Imediatamente, Immaculata tentou sair com eles. Como eu sabia que, se Alex colocasse as mãos nela, só resultaria em notícias ruins sobre ele, resolvi interferir e segurei-a pelo braço.

Ela me encarou. — Tire as mãos de mim, sua vadiazinha idiota.

— Saia daqui, Immaculata — disse Alex. — Saia daqui agora ou eu juro que vai se arrepender. Senão vou acabar com a sua vida na sociedade.

— Você não tem o que é necessário para isso — disse ela. — Desde que aquela imbecil da sua esposa morreu, você se tornou uma sombra ridícula de um homem que resolveu se contentar com esta vagabunda.

Um burburinho percorreu a multidão.

— Você chamou a esposa dele de quê? — perguntei.

Em desafio, ela jogou a taça de champanhe que segurava no meu rosto, causando outro burburinho na multidão. Eu agora tinha todo o direito de me defender. Com toda minha energia, joguei a mão para trás e dei um tapa com tanta força no rosto de Immaculata que ela caiu no chão.

— Polícia! — gritou Immaculata.

— É melhor irmos embora agora — disse Tank, entregando-me um lenço.

Eu sequei o rosto, falei a Alex para que ficasse afastado e abaixei-me até perto do rosto de Immaculata. — Se mexer conosco mais uma vez, juro que este será só o começo. Se xingar a esposa dele de novo, vou acabar com a sua raça.

Ela começou a se levantar de uma forma que parecia agressiva, pois estava com os dentes arreganhados. Decidi que realmente era agressiva e dei-lhe outro tapa, desta vez com tanta força que ela caiu de costas e começou a se contorcer no chão com as mãos sobre o rosto. Ela era tão dramática que começou a gemer e choramingar como se tivesse levado um tiro. Eu me abaixei novamente. — Você jogou uma bebida na minha cara. As pessoas aqui testemunharam isso. Eu me senti ameaçada e agi em autodefesa. Nós duas sabemos que Alex pode e vai arruinar você socialmente. Portanto, se eu fosse você, lamperia as feridas, reconheceria os erros e deixaria nós dois em paz.

— Vocês dois precisam ir embora — disse Tank para mim e para Alex. — Eu cuidarei da segurança e explicarei o que aconteceu. Eles estão vindo para cá.

Passei a capa vermelha sobre o rosto de Immaculata como se ela fosse um touro que acabara de ser atingido e estava sangrando no chão. — Está bem. Vamos embora.

Alex me encarava intensamente. Eu não tive certeza de reconhecer todas as emoções no rosto dele, mas uma delas eu reconheci: surpresa. Talvez até mesmo um toque de horror.

— Ninguém fode com você quando eu estou presente — disse eu. — Ninguém. — Peguei a mão dele e começamos a atravessar aquela parte da multidão que vira o que acabara de acontecer. Eles se viraram para olhar para nós ao passarmos. Ouvi algumas pessoas estalando a língua em desgosto, mas ouvi um homem dizer "Muito bem".

— Você está bem? — perguntou Alex.

— Só um pouco molhada. Nada que uma garota do Maine não consiga aguentar.

— Vocês, garotas do Maine, são bem duronas.

Olhei de lado para ele e vi um rastro de humor em seus olhos. — Aquela mulher tentou humilhar você.

— E você?

— Não me importo comigo. Eu me importo com você. Ela passou do limite.

— Passou, com nós dois. Você importa tanto quanto eu, Jennifer. O dinheiro não define uma pessoa nem como ela deve ser tratada. — Ele fez uma pausa. — Normalmente, não gosto de violência. Mas estou contente por você ter dado aquele tapa nela. Ela jogou a bebida em você, que respondeu à altura.

— Eu bati nela duas vezes.

— E com força. Ela realmente caiu depois daquele segundo tapa.

Respirei fundo para acalmar os nervos e olhei para ele enquanto nos apressávamos para ir embora. Ele apertou minha mão em uma tentativa de aliviar a situação. Eu precisava me acalmar ou acabaria arruinando o resto da noite, o que não pretendia deixar que acontecesse. Se deixasse, Immaculata teria vencido. Respirei fundo novamente e apertei a mão dele. — Ela gemeu como um porco, não foi?

— Ah, sim, como uma porca velha.

— Não me faça rir.

— Por que não? Você fica linda quando ri.

— Não com a maquiagem escorrendo pelo rosto.

— Na verdade, não está. Você está bem. Conhecendo Bernie, tenho a sensação de que ele só usa

os melhores dos melhores produtos. Nem dá para perceber que alguma coisa aconteceu.

Fizemos uma curva à esquerda em direção à escada.

— Você percebe que nunca mais seremos convidados para vir aqui? — perguntei.

— Está brincando? A essas alturas, somos a atração principal. Provavelmente, no próximo lugar a que formos, terão um ringue preparado.

Eu resmunguei. — O conselho lhe dará uma surra amanhã de manhã quando aquelas fotos forem divulgadas.

— Ninguém tirou fotos da briga. Só de nós dois no meio de um beijo. O que há de errado nisso? É uma exposição bem agradável para a Wenn. Se o *Post* for esperto o suficiente para usar as fotos certas, o conselho ficará feliz.

— Eles não ficarão tão felizes quando descobrirem o que aconteceu aqui esta noite — disse eu ao começar a descer a escada. Ergui o vestido e desci depressa, com Alex ao meu lado. — A essas alturas, acho que temos uma... certa reputação.

— Melhor do que não ter nenhuma.

— Qual é o problema conosco? Pelo jeito, causamos comoção em qualquer lugar aonde vamos.

— Veja as coisas desta forma: somos Burt e Liz da atualidade.

Eu ri daquilo. — Ah, não, isso não.

— É verdade.

— Bem, talvez em um certo nível — disse eu ao atravessarmos o salão em direção às portas que davam para a rua. — Mas quer saber qual é a principal diferença entre nós e eles?

— Claro.

Eu fiz com que ele parasse de andar.

— Eu nunca me divorciaria de você — disse eu.

CAPÍTULO 11

Ele olhou para mim como se estivesse prestes a dizer alguma coisa, mas coloquei um dedo sobre seus lábios. — Chame a segurança. Avise a eles que estamos indo embora. Vamos para o seu apartamento para que eu possa tomar um banho e tirar essa champanhe de mim. Depois, poderemos tomar um martíni e relaxar. Que tal?

— Tenho mais algumas coisas em mente, mas acho que temos a mesma ideia geral. — Ele pegou o celular e enviou uma mensagem com três números. — Eles estarão aqui em um minuto.

E estavam.

Quando chegaram, eles nos encontraram esperando na entrada. Havia quatro deles, todos com armas ocultas e treinados para matar. Fiquei imaginando se já tinham alguma pista sobre os tiros ou se algum dia conseguiriam alguma pista. Alex dissera que talvez nunca descobríssemos quem atirara em nós naquela noite. Dissera que, pela experiência que tinha, talvez o mistério não fosse solucionado. A ideia de que alguém pudesse fazer aquilo conosco, desaparecer de vista e deixar-nos com a sensação de que, a qualquer momento, estaríamos em perigo, era angustiante.

Eu estaria mentindo se dissesse que não estava nervosa quando saímos. Na verdade, parte de mim estava aterrorizada por estar tão exposta, mesmo com os homens à nossa volta como um casulo.

Saímos da mansão de Peachy Van Prout na Park, cruzamos a calçada rapidamente e entramos no carro à espera, que parecia ser à prova de balas. Sem incidente algum, chegamos à Wenn momentos depois em segurança.

Será que estão esperando, à espreita? perguntei a mim mesma quando entramos no elevador para ir para a cobertura. *E, se estiverem, quando aparecerão?*

* * *

Depois de tomar banho, sequei os cabelos rapidamente, passei um creme no rosto e escovei os dentes com uma escova em que Alex escrevera "Jennifer". Em seguida, abri a gaveta onde ele guardava as camisetas. Mas, em vez de camisetas, encontrei uma gaveta cheia de lingerie caras. Sorri ao vê-las e fiquei emocionada. Procurei alguma coisa que o agradaria.

Depois de um momento, achei a lingerie perfeita: uma camisola de cetim lilás com rendas delicadas que deixava as costas à mostra. Eu me senti sensual ao vesti-la. Era tão leve que parecia que eu estava praticamente nua. Melhor ainda, era comprida o suficiente para cobrir o hematoma na coxa. Mas não havia nada que eu pudesse fazer para esconder o corte do braço. Não havia como cobri-lo porque a ideia por trás das roupas íntimas delicadas que ele escolhera era esconder o mínimo possível.

Voltei para o banheiro, olhei-me no espelho e decidi que precisava dar um retoque nos cabelos e no rosto para complementar o que vestia. Depois de passar um pouco de base, um brilho nos lábios e uma loção nos cabelos para domá-los um pouco, olhei novamente para o espelho. Girei de lado observando a imagem refletida e achei que Alex aprovaria. Certamente eu esperava que sim. Depois de tudo pelo que ele passara, não queria desapontá-lo.

Quando fui para a sala de estar, encontrei-o deitado no sofá vestindo apenas um roupão branco de

algodão, que estava aberto no peito. E que peito! Exceto pelo roupão, com as pernas esticadas, era claro que ele estava nu. Ele preparara martinis, que estavam sobre a mesinha em frente ao sofá, brilhando sob as luzes de Manhattan logo além das janelas.

— Deixe-me olhar para você por um momento — disse ele.

Eu queria deixá-lo feliz e fiz o que ele pediu. Dei uma volta e soprei um beijo. — Há muita lingerie para uma garota só — comentei.

— Você terá bastante tempo para usar tudo que tem lá. E depois compraremos mais. Martíni?

— Isso foi uma pergunta?

Ele bateu de leve no sofá. — Venha até aqui antes que eu vá buscá-la.

— Sim, doutor.

— Acho que você é a única "enfermeira" que fiquei feliz em ver nos últimos dois dias.

Eu me aconcheguei contra ele e passei uma perna por cima da dele ao beijá-lo no pescoço e nos lábios. Ele me entregou o martíni. Brindamos e bebemos. A temperatura estava perfeita.

— Você é muito bom em preparar martinis — disse eu.

— Consigo prepará-los porque são bem simples. Fico perdido com qualquer coisa mais complicada. Mas obrigado.

— Obrigada você. Uma boa vodca pode curar o mundo.

— Basta isso?

— Em algumas situações. O que acontece na sua cama pode curar uma infinidade de outros problemas.

Ele sorriu.

— Alex, sinto muito por hoje à noite.

— Pelo quê?

— Eu não devia ter batido nela.

— Na primeira ou na segunda vez?

— Estou falando sério. Ela provavelmente me processará.

— Deixe que processe. Estou por trás de você.

— Não é isso que me preocupa. Somos um casal agora. Não quero envergonhar você e tenho certeza de que foi isso que fiz hoje.

— Ao se proteger? Ora, vamos, Jennifer. Ela jogou a bebida na sua cara. E tentou nos sacanear. Ela mereceu.

— Foi como uma cena de um filme ruim.

— Eu assistiria àquele filme de novo, mas mudaria uma coisa.

— O quê?

— Ela não jogaria champanhe em você. Foi um golpe baixo.

— Pelo menos, não era champanhe vagabundo.

— Nisso nós concordamos. Nada que não seja do melhor para Peachy.

— Acha que Dufort telefonará?

— Sem dúvida. Nós estabelecemos um relacionamento entre a Wenn e a Streamed. O negócio acontecerá. Agora, chega de falar sobre hoje à noite. Sei que está preocupada com o que aconteceu, mas não é preciso. Amanhã, no *Post*, o mundo verá exatamente o que sinto por você. E isso me deixa feliz.

— Foi um belo beijo aquele seu.

— Espere até mais tarde, depois destes martinis.

Passei meu braço sob o dele e aproximei-me mais um pouco. Ele pareceu gostar daquilo e

beijou-me de leve no rosto antes de me dar um beijo mais intenso na boca. Eu o queria naquele minuto, mas era a opção certa? O médico lhe dera o "passe dourado", mas ele estava bem o suficiente? Ou exigira ser liberado mais cedo? Eu nunca saberia e resolvi mudar de assunto.

— Tank é um cara simpático — disse eu.

— Ele é um cavalheiro e um brutamontes. É um dos melhores da minha equipe.

— Acho que ele gostou de Lisa.

Ele franziu a testa para mim. — Ele conheceu Lisa?

— Digamos apenas que Lisa não lhe deu escolha. — Conteí a ele o que ela fizera e como eles se conheceram. — Pelo jeito, ela está pronta para namorar novamente.

— Eu gosto muito dela.

— Fico feliz. Ela é demais. Sempre foi. Eu quero que ela seja feliz novamente. Chega de zumbis.

— Ergui a mão. — Deixe-me reformular essa frase, porque o novo livro dela é um *best-seller* e estou muito orgulhosa disso. O que eu quis dizer é que ela precisa de mais do que apenas os livros. Merece um relacionamento amoroso, algo que não teve no passado. Eu queria que você estivesse lá quando ela e Tank se conheceram. Foi uma química instantânea. Eles vão sair para tomar um café.

— Isso me deixa feliz. Já faz algum tempo que ele deseja encontrar alguém e assentar, mas é difícil conhecer pessoas na cidade. Normalmente, a melhor forma é por um amigo. Fico feliz por você tê-los apresentado.

— Como se eu tivesse escolha. No momento em que falei que ele era um ex-fuzileiro naval, não havia como detê-la.

Na entrada, onde eu deixara a bolsa sobre uma mesinha, ouvi o celular vibrar e apitar. Por um momento, fiquei imóvel. Podia ser Lisa, mas também podia ser outra ameaça.

— Não pegue o telefone — disse Alex.

Senti uma onda de medo me invadir. — Não acha melhor olhar? Se for outra ameaça, precisamos avisar à sua equipe. Não podemos ignorá-lo, Alex. Se for uma ameaça, a sua equipe precisa saber.

Eu me levantei e ele me seguiu até a entrada. Com o coração batendo forte, abri a bolsa, vi a carta que escrevera para ele e peguei o telefone. Alex estava parado atrás de mim, olhando por cima do meu ombro quando liguei o aparelho. Era um *e-mail*.

— Não reconheço o endereço.

— Dê-me o telefone.

— Vamos ler juntos.

Mas não havia nada a ler no *e-mail* propriamente dito. Desta vez, o assunto estava em branco. Percebi que só tinha um anexo. Soube, por instinto, que seria uma foto minha ou de Alex. Parei um momento para me preparar para o que viria a seguir e baixei o anexo. Era uma foto de Alex e eu na festa daquela noite. Fora tirada quando estávamos indo embora, depois da briga com Immaculata. Ainda estávamos no segundo andar. Sobre os nossos olhos, havia Xs pintados, o que me fez estremecer. No centro da foto, sobre nós, estavam escritas duas palavras: MORTO MORTA.

Entreguei o telefone a ele, fechei os olhos, respirei fundo e afastei-me da situação para que conseguisse pensar claramente. Não iria reagir de forma exagerada como fizera no passado. Se queria ficar com Alex, aquilo fazia parte do pacote. Agora, eu tinha consciência disso. E não pretendia viver sem ele. Portanto, era essa a vida que teria.

E assim será.

Era óbvio o que precisava ser feito.

— Peachy convidou duzentas pessoas — disse eu. — Precisamos conseguir a lista de convidados com ela hoje à noite. Entregue-a para sua equipe. Seja lá quem for que tem algo contra você estava

naquela festa. E estará naquela lista. Sua equipe precisa analisar a lista e verificar se a Wenn tem alguma interação negativa com alguém que estava lá.

— Pode ser dezenas de pessoas.

— Dezenas é melhor do que nenhuma. Quando a sua equipe conseguir os nomes, precisará compartilhar esta foto e a lista com o FBI. Deixe-me ver o telefone.

Ele me entregou o aparelho. Não olhei para nós, mas para os arredores. — Quando esta foto foi tirada, estávamos no meio do salão. Vê aquele espelho gigante ali? Eu me lembro de tê-lo visto. Era muito imponente. Lembro-me de ter olhado para ele. Ficava bem no meio do salão. — Movi os dedos sobre a tela para ampliar a fotografia e procurar mais dicas, mas a tela era muito pequena.

— Onde está o seu computador?

— No escritório.

— Vou encaminhar esta foto para o seu *e-mail* para que possamos vê-la melhor. Ok?

— Está bem, vamos fazer isso.

E foi o que fizemos. O escritório de Alex era grande e moderno, com paredes cinzentas, obras de arte coloridas e modernas e piso de bambu. Uma mesa de vidro enorme ficava virada para uma parede de janelas com vista para Manhattan, que brilhava de uma forma que não refletia a enormidade da nossa situação. Milhões de pessoas moravam naquela cidade e apenas uma, ou algumas, queriam nos ver mortos por algum motivo.

Sobre a mesa, estava um dos iMacs mais modernos, com tela grande, perfeita para o que precisávamos. Ele abriu o programa de *e-mail* e baixou a foto. Puxei uma cadeira e conseguimos ver muito mais coisas do que na tela do celular. Devido à luz âmbar de que Peachy gostava, a foto estava um pouco granulada, mas foi fácil distinguir os rostos na multidão.

Um deles me chamou a atenção imediatamente: Gordon Kobus, cuja companhia aérea a Wenn se preparava para tomar no que Alex já dissera que seria uma batalha feia. Na foto, Kobus estava de pé logo à direita do meu ombro, conversando com um grupo de pessoas, mas olhando diretamente para nós. Eu apontei para ele.

— Kobus — disse eu.

— Sim, é.

— Ele não parece particularmente envolvido na conversa.

— Não, não parece.

— Será que é ele?

— Eu não descartaria a ideia. Já passei o nome dele para o FBI e para a minha equipe. Talvez ele imagine que, se eu morrer, a Wenn não terá mais interesse na empresa dele. Mas isso não é verdade. O conselho tomará a Kobus Airlines comigo ou não. Eles reconhecem uma oportunidade inteligente quando a veem.

— Será que ele contrataria alguém para matar você? Para nos matar?

Alex passou os braços em volta de mim e puxou-me mais para perto. — Kobus é um filho da puta. É fácil vê-lo contratando alguém para fazer isso. É ele que está por trás dos *e-mails* e dos tiros? Não sei. Mas ele está sendo investigado. Infelizmente, ele é apenas um de muitos, Jennifer. Pode ser qualquer um.

— E Immaculata?

— Ela, acho que não, apesar de todo o drama que fez depois que contratei você. Mas não sou idiota. Ela obviamente não é certa da cabeça. Há algo de errado com aquela mulher que sugere que seja psicótica. Portanto, o nome dela está na lista. Afinal de contas, ela estava lá esta noite. E olhe só o que aconteceu. Ainda assim, uma parte de mim duvida disso. É um instinto. Não acho que ela iria

tão longe.

— Quem é ele? — Apontei para um homem mais jovem que estava no lado direito da fotografia. Estava logo atrás de mim e, portanto, o rosto dele estava bem nítido. Não estava olhando para nós, e sim para o fotógrafo. A boca era uma linha fina e sombria. Ele parecia tenso.

— Não faço ideia.

— Aquilo é uma bandeja na mão dele?

— Parece que sim. É uma curva prateada, mas não há nenhum copo sobre ela.

— Talvez tenha distribuído todos. Talvez seja um garçom.

— Ou é um garçom, ou está fingindo ser um.

— Com aquela multidão toda, ele deveria estar circulando, mas não está. Está simplesmente parado lá. É claro que não está se mexendo. E olhe a expressão no rosto dele.

— É bastante intensa.

— E olhe para os garçons à volta dele.

— São um borrão.

— O que fez com que ele parasse por nossa causa?

— Poderia ser um monte de coisas. Seu vestido. A sua aparência. Ele pode ter me reconhecido.

Pode ter notado que estavam fotografando-nos e ficou pensando quem éramos. A boa notícia é que temos uma excelente imagem do rosto dele. Pedirei que investiguem para ver se descobrem alguma coisa.

— Vê mais alguma coisa?

— Vejo um salão cheio de pessoas a quem eu irritei, Jennifer. Portanto, você tem razão. Vamos pedir a lista de convidados para Peachy e descobrir exatamente quem estava lá. Depois, veremos se, na lista, há pessoas além de Kobus com quem a Wenn está lutando agora, lutou recentemente ou no passado.

CAPÍTULO 12

Ao sairmos do escritório, Alex perguntou se eu queria mais um martíni.

— Acho que merecemos mais um martíni — disse eu. — Obrigada por enviar tudo para a sua equipe e para os seus contatos no FBI.

Ele entrou na cozinha. — Não vou brincar com isso, Jennifer.

— Eu sei que não.

— Você é a coisa mais importante pra mim.

— A coisa mais importante deve ser nós dois. De que adianta eu ficar sem você? De que adianta isso tudo sem você? Hein?

Ele não respondeu. Em vez disso, eu o ouvi pegando gelo, derramando líquidos e sacudindo-os com mais agressão do que o normal. Eu sabia onde a mente dele estava. Como eu, estava tentando imaginar quem estava nos ameaçando. Era um jogo para aquela pessoa? Ela poderia ter nos matado facilmente algumas noites antes, mas não o fez. Pretendia fazê-lo em breve? Eu achava que sim.

Alex entrou na sala de estar com dois copos de martíni. Ele me entregou um deles e colocou o outro sobre a mesinha antes de se sentar pesadamente no sofá. Parecia cansado e perturbado. Eu sabia que ele estava fazendo o possível para resolver a situação. Mas e se ele e sua equipe não conseguissem? A resposta era simples. Viveríamos em perigo. Eu estava disposta a morrer por ele? Apesar de soar absurdo, sim, estava. Ele significava tudo para mim. E eu sabia que ele faria o mesmo por mim.

— Eu escrevi uma carta para você — disse eu. — Hoje, mais cedo. Logo antes de sair para o evento de Peachy e de tudo dar errado.

Ele se virou para mim surpreso. — Você me escreveu uma carta?

— Foi uma resposta para a carta que você escreveu para mim. — Senti minhas entranhas se revirarem quando perguntei: — Você quer ler a carta? Ou quer que eu a leia para você?

Ele ficou em silêncio por um momento e disse: — Se não se importa, gostaria que você lesse.

Eu me levantei do sofá, peguei a carta da bolsa e sentei-me novamente, de frente para ele, antes de começar a ler. Meu coração batia com força no peito. A carta fora escrita de forma espontânea, mas vinha diretamente do coração. Era repleta de emoções verdadeiras. Cheia de tudo o que eu sentia por ele. — Você se importa de ficar de frente para mim? — pedi. — Quero olhar para você e ver o que sente enquanto eu leio.

Ele se virou e ficou de frente.

— É isto o que sinto por você e é assim que me sinto sobre nós. Você disse em sua carta que as pessoas não escrevem mais cartas de amor, mas que achava que elas eram importantes. Disse que achava que cartas de amor eram românticas e podiam definir um relacionamento. E melhorá-lo. Foi o que a sua carta fez comigo. Eu nunca escrevi uma carta de amor, obviamente, mas é tudo verdade. Está tudo aqui. — Respirei fundo. — Portanto, vou lê-la para você.

Ele se recostou no braço do sofá e não disse nada. Em vez disso, apenas me observou intensamente. Desdobrei a carta, sentindo-me agitada, aterrorizada, empolgada e nervosa. Eu não era uma boa escritora e sabia disso. Mas já lera a carta duas vezes. E, pelo menos, sabia que cada palavra era verdadeira.

— Querido Alex — comecei. — Como você está prestes a descobrir, não sou nenhuma

Steinbeck, que você citou na bela carta que me escreveu. Ele tinha um jeito com as palavras que eu nunca terei. Mas estas são as minhas palavras e elas vêm diretamente do meu coração.

— Desde o primeiro dia, quando eu o conheci, quando aquele homem na Quinta Avenida quase me derrubou, fiquei enfeitiçada. Naquele dia, nós nos conhecemos na Wenn, em um elevador. Quem diria então que o homem parado ao meu lado, que perguntou se eu estava bem, seria o meu primeiro e, espero, meu último grande amor? E que ele se apaixonaria por mim? Olho para trás, para estas várias semanas em que estivemos juntos, com uma espécie de enlevo. Mas agora, ao escrever esta carta, também olho para trás com um amor profundo por você. Com exceção de Lisa e talvez Blackwell, acho que você, dentre todas as pessoas, sabe o que significa para mim dizer estas palavras, deixar meus medos de lado e admitir que estou apaixonada por você. Eu nunca disse isso a ninguém porque estas palavras significam demais para mim. São preciosas. Eu as guardei para a pessoa certa, a única pessoa, por motivos que você já conhece. Mas, agora, finalmente posso dizê-las de verdade. Estou profundamente apaixonada por você. Você não faz ideia do quanto eu o amo. Provavelmente nunca conseguirá entender. Mas espero conseguir lhe mostrar com o meu amor e os meus atos.

Eu queria olhar para ele, mas não consegui. Sentia-me exposta e vulnerável demais para levantar os olhos e continuei a ler.

— Acho que lhe devo muitas desculpas pelas muralhas que ergui e pela forma como venho me comportando, proveniente do meu passado podre. Portanto, aceite minhas desculpas. Durante toda a minha vida, resisti ao amor. Durante toda a minha vida, achei que não merecia amor, pois foi o que me disseram incontáveis vezes. E eu, burramente, acreditei. Você sabe que tenho problemas para confiar, mas, mesmo assim, ficou ao meu lado e esperou, pois viu alguma coisa em mim. Não sei o que foi, Alex, e nunca saberei, é um mistério. Mas você foi paciente porque, por algum motivo, você me ama. Consigo sentir seu amor. Consigo sentir na maneira como você me olha, como me toca, como me beija e como faz amor comigo. E fico grata por isso. Sou a garota mais sortuda do mundo.

— Estou feliz por ser parte da sua vida e quero ser uma boa parceira para você. Resolveremos juntos o que está acontecendo agora. Quero que você saiba disso. Algumas vezes, eu não serei perfeita. Algumas vezes, terei medo do que está acontecendo. Mas preciso que saiba que estou com você e ao seu lado. E que nós superaremos isso. E a próxima vez, se acontecer. E todas as vezes em que isso acontecer.

— Eu o amo com todo o meu coração, Alex. Você é o meu primeiro e o último pensamentos e todos os pensamentos entre eles. Eu amo você demais. Obrigada por ser o namorado maravilhoso que é. Obrigada por ter saído da Wenn naquele dia para me ajudar a recolher os currículos que voaram. E especialmente obrigada por perguntar a Blackwell quem eu era. Se não tivesse feito isso, eu não saberia o que é o amor. Mas agora eu sei. Eu amo você. Jennifer. P.S. Nunca deixe de ter a barba por fazer, ok? Isso eu não aguentaria.

Eu ainda não conseguia olhar para ele. Fora o maior risco emocional que eu já correria na vida, muito superior a mudar para Nova Iorque. Sair do Maine e ir para Nova Iorque não colocara meu coração em risco como contar a verdade para ele sobre o que eu sentia. Dobrei a carta e tentei acalmar os nervos. Em seguida, ele estendeu a mão e cobriu a minha.

— Quer saber o que eu vejo em você? — perguntou ele.

Finalmente, ergui o olhar para ele e fiquei surpresa ao ver que os olhos estavam brilhantes com emoção e que a expressão era séria.

— Posso beber um pouco do martíni primeiro?

— Você pode, mas não precisa sempre recorrer ao humor para se desviar de um momento

possivelmente assustador, Jennifer. Eu sei que é da sua natureza se desviar dessa forma, o que não é um problema. Eu entendo. Mas você não precisa fazer isso. O que escreveu para mim foi lindo. Nunca me esquecerei. Será uma coisa sempre preciosa. Também me sinto grato e sei que tenho sorte, porque o que vejo em você é alguém com quem quero passar o resto da minha vida. Uma pessoa igual. Você é minha amiga, uma parceira maravilhosa, minha amante fantástica. Nunca achei que encontraria alguém assim de novo, mas encontrei. Não confio nas pessoas com facilidade por motivos que você também conhece. Mas uma vez tive o amor e eu o reconheci novamente em você. Isso levou quatro anos. Como eu já conhecia o amor, foi mais fácil para mim. O que vejo em você é uma mulher inteligente, sensual, amorosa e gentil que não tem medo de dizer o que pensa. Você é como fogos de artifício: colorida, brilhante e, algumas vezes, explosiva.

— Algumas vezes, explosiva demais.

— É quem você é. Prefiro estar com alguém que exprima os sentimentos abertamente do que uma mulher que sofra em silêncio, como minha mãe fazia. Você sabe o que isso custou a ela?

Eu sabia. Blackwell me contara, mas fiquei em silêncio caso ela não devesse ter contado. Não pretendia entregá-la. Ele finalmente me contaria. E deixei que fizesse isso.

— Isso lhe custou a vida. Meu pai deu um tiro nela e depois se matou. Foi por isso que eles morreram jovens. Talvez você já soubesse disso. Talvez alguém tenha lhe contado ou você tenha visto no Google. Não me importo porque, para o mundo, isso não é segredo algum. É algo tão conhecido quanto a própria Wenn. Mas aprendi muito com o relacionamento dos meus pais. Aprendi que ninguém deve viver como eles viveram. Eles se odiavam, eu lhe disse isso. Ainda assim, permaneceram juntos por todos aqueles anos por causa do dinheiro. No fim, o dinheiro venceu. O dinheiro e duas balas. Pense nisso. Eles morreram por causa do dinheiro. Meros pedaços de papel. Isso é totalmente ridículo e irracional.

— Alex... — disse eu.

— Não há nada a dizer. Você disse muito mais do que eu esperava ouvir. Posso ficar com a carta?

— É claro. Eu a escrevi para você. — Entreguei a carta a ele.

— Quero fazer amor com você agora. Fazer amor de verdade.

— Só se eu puder fazer a mesma coisa.

Ele sorriu ao ouvir aquilo. — Sempre minha igual — disse ele.

— Vou tentar não desapontar você, especialmente hoje à noite. Porque meu corpo tem muito a dizer. E provavelmente será algo intenso.

Com isso, fomos para o quarto dele. Se eu achara que já tínhamos feito amor, estava errada. Antes, exploramos o corpo um do outro. O que fizemos naquela noite foi algo tão cheio de emoções expostas que definiu o ato de fazer amor. Houve momentos em que chorei e momentos em que senti que ele estava chorando. Nós conduzimos um ao outro a locais novos e inexplorados. Entregamo-nos um ao outro completamente. E, quando terminamos, eu me senti completamente ligada a ele de uma forma como nunca me sentira ligada a qualquer outro ser humano. Era muito clichê, mas éramos assim.

Quando a manhã chegou, eu estava deitada nos braços dele, sentindo sua respiração na nuca. Uma ideia me ocorreu: na noite anterior, ao contar a ele que fora meu primeiro amor e ao realmente fazer amor com ele, eu perdera a virgindade pela segunda vez.

CAPÍTULO 13

Os dias seguintes passaram rapidamente.

Alex e eu voltamos ao trabalho. Finalmente ganhei meu próprio escritório e vi o motivo da espera. Para minha surpresa, ficava ao lado do escritório dele no 47º andar. Em algum momento, ele contratara uma equipe que construía um espaço de tirar o fôlego. Diferentemente do restante do andar, que era um espaço aberto decorado com tons de marrom muito masculinos, meu escritório era leve e brilhante, moderno e cheio de estilo.

Ao entrar, percebi que havia o toque de Blackwell. Sobre a mesa de vidro, havia um vaso de flores e um bilhete: "Espero que goste. Afinal de contas, tive muito trabalho. Com afeição, Barbara".

Imediatamente peguei o telefone para falar com ela.

— Jennifer — disse ela. — Olhe só para você. Telefonando do seu escritório novo. Espero que tenha gostado.

— Sabe que sim. Quando você erra?

— Bem, eu poderia começar falando do meu último casamento, mas não quero entrar nesse assunto. A lembrança é como uma gaiola com um animal furioso. Ele já está morto para mim.

— Pode vir até aqui e apreciar o lugar comigo?

— Estou tomando conta de alguém e preciso recusar. Há um certo jovem que precisa de ajuda para escolher umas roupas...

— Ora, por favor.

— Dê-me cinco minutos.

Quando ela chegou, vestindo um terno Chanel azul-marinho incrível, eu a cumprimentei com um beijo em cada bochecha. Quando me afastei, ela me olhou como se eu tivesse perdido completamente o juízo. Mas, mesmo assim, abraçou-me de forma desajeitada.

— Nossa, isso foi uma tortura muito curiosa — disse ela.

— Não, não foi, e você sabe disso.

— Alguma coisa encostou na minha bochecha. Diga-me que não foi o seu batom.

— Foi só o meu rosto, sei que não posso fazer isso.

— É verdade, você sabe. — Ela me estudou de cima abaixo. — É bom ver que está com uma ótima aparência. O que não era o caso na última vez em que a vi.

— Eu estava um desastre.

— Por um bom motivo.

— Mas as coisas mudaram.

— Foi o que ouvi dizer.

— Ouviu dizer?

— Jennifer, ele me conta todas as coisas importantes. Já lhe disse, eu o conheço desde que ele era criança. Sou como uma tia. Ele não me deu detalhes, mas disse que você escreveu a carta mais linda de todas.

— Eu abri o coração naquela carta.

— Eu sei.

— Estou apaixonada por ele.

— Eu sei que está. E pelos motivos certos. Qual é a sensação?

— Não tenho palavras.

Ela pareceu quase triste. — Eu me lembro desses dias. Quando você se dá conta do que sente, tem sorte se não bater contra as paredes. Tem sorte se conseguir trabalhar. É um êxtase. E espero que dure, Jennifer. De verdade. E estou falando muito sério.

— Obrigada. — Coloquei a mão no cotovelo dela. — E obrigada por me dar um sermão naquele dia no restaurante.

— Você precisava de um bom sermão. E dar sermão é o que faço de melhor. Estava prestes a dar um sermão naquele jovem há um momento, mas você me arrastou até aqui e salvou-o. Por enquanto.

— Não seja muito dura com ele.

— Veremos.

— Senti sua falta, sabia?

— Ninguém sente a minha falta.

— Eu senti.

— Bom, você é uma anomalia. Mas Deus sabe que você deu certo desde o início. Por que parar agora? — Ela abriu um sorriso malicioso. — Não sou de conversa de mulher, nunca. Mas devo dizer, Jennifer, que estou feliz por estar tudo bem entre você e Alex. Estou muito feliz. Sou muito a favor dessa união que está crescendo entre vocês. E estou orgulhosa de você. Depois do que passaram há algumas noites, com aquele tiroteio ridículo, sei como foi difícil se abrir naquela carta. Admiro você por isso. Mas os elogios acabam aqui. Especialmente depois daquela fotografia de vocês dois que apareceu no *Post*. Meu Deus!

— Pelo menos, eles usaram uma das fotografias que Alex sugeriu.

— Mesmo assim!

Eu ri.

— Por que você ri de mim o tempo todo?

— Porque você é engraçada. E também porque penso em você com "afeição".

— Pelo jeito, vou me arrepender para o resto da vida de ter escrito aquilo.

— Isso ficará entre nós.

— Vou cobrar isso.

Ela se virou para as quatro cadeiras brancas sofisticadas no centro da sala que ficavam em volta de uma mesinha de vidro redonda. Sobre ela, havia um buquê grande de peônias vermelhas perfeitamente arrumado em um vaso de cristal alto. Era difícil conseguir aquelas flores naquela época do ano, mas Blackwell sabia onde obtê-las.

— Você pelo menos teve a oportunidade de testar as cadeiras novas? — perguntou ela. — E aquele sofá ali? E chegou a ver a arte nas paredes?

— Não. Quis telefonar para você imediatamente quando entrei no escritório. Sabia que você estava por trás de tudo antes mesmo de notar as flores e o bilhete. Queria que estivesse comigo quando eu o explorasse.

— Considere isso como exploração. Vamos sentar e conversar por um minuto. Botar o papo em dia.

— Quer beber alguma coisa? Chá? Água?

— Reduzi todos os líquidos ao mínimo. Portanto, não, obrigada.

— Você está magra demais.

— São os enemas de *espresso*, que, por falar nisso, são fabulosos. Você poderia dar a volta no Central Park em quinze minutos depois de tomar um.

— Você já fez isso?

— Já pensei no assunto.

— Mas nunca fez?

— Confesso que não, nunca fiz.

— É meio que confessar um fracasso.

Ela fez um gesto indiferente com a mão. — Que seja.

Eu ri e balancei a cabeça. — Você precisa beber alguma coisa.

— Mais tarde. É tudo parte do meu programa. Venha, sente-se aqui. Lamento por não ter estado aqui na outra noite para vê-la naquela criação vermelha que comprei para você. Mas Bernie me telefonou e disse que não tinha palavras para descrevê-la, que estava fantástica. O que eu sabia que aconteceria. Infelizmente, aquela harpia jogou champanhe na sua cara. Mas ainda bem que deu uns tapas nela.

— "Ninguém deixa *baby* no canto".

— Não sei o que quer dizer com isso.

— É uma referência a um filme.

— Que filme?

— *Ritmo Quente*.

— É um filme pornográfico?

— Não, é um filme romântico. Foi um grande sucesso. Ora, você conhece. Todo mundo adorou na época.

— Eu não conheço. "*Baby* em um canto", isso soa ridículo. Mas deixe para lá. Nunca gostei daquela mulher, Immaculata. Para começar, que diabos de nome é esse? Immaculata. Parece nome de gente pobre. Soa como se ela devesse limpar privadas. Eu sei que isso soa racista, o que provavelmente é, e já peço desculpas por isso, não foi o que eu quis dizer. Mas uma amiga minha, há alguns anos, tinha uma cozinheira chamada Immaculata que era horrível comigo. Não sei por quê, mas ela nunca gostou de mim. Imagine só! Uma vez, ela me serviu um prato de ovos meio crus, que poderiam ter me matado com salmonela. Era um prato repleto de bactérias. E nunca mais esqueci o nome dela. — Ela revirou os olhos. — Mas vamos deixá-la de lado. Foi bom bater na sua Immaculata?

— Você não faz ideia — disse eu, cruzando as pernas.

— Ela tem sido uma pedra no seu sapato.

— Sim, tem.

— Ela está atrás de Alex desde o dia em que Diana morreu. Mulher horrível. Uma completa oportunista. Diferentemente de você, só o que ela viu em Alex foi a posição e o dinheiro, não o homem. Nunca Alex. Mas, também, a maioria não vê. Só o que as pessoas veem é o que ele poderia fazer por elas.

— Srta. Blackwell...

— Podemos, por favor, deixar disso? É Barbara. Já lhe pedi várias vezes.

— Não parece natural.

— Bem, não deveria mesmo. Mas, depois de algum tempo, parecerá. Portanto, é Barbara.

— Barbara. — Parei por um segundo. — É difícil dizer seu nome.

— Supere isso.

— Não perguntei a Alex porque não quero incomodá-lo com isso. Mas você sabe se há alguma pista do que está acontecendo?

— Olhe só, vou ser direta com você, Jennifer. Não fale comigo sobre essas coisas. Fale com

Alex. Ele é perfeitamente capaz de responder. Vocês dois agora são um casal. Não pode mais falar comigo quando tiver esse tipo de pergunta. Precisa confiar nele. Não gosto de dizer isso, mas a sua vida também está em risco. Portanto, você precisa se comunicar com ele. Pergunte como as coisas estão. Aja como parte de um casal. Vocês dois estão passando por isso. Se tiver uma pergunta, fale com ele. Ele lhe dirá o que sabe. De qualquer forma, se ele soubesse de alguma coisa, tenho certeza de que já teria lhe contado. — Ela ergueu um dedo. — Mas a questão não é essa. A questão é confiança. É transparência. É falar um com o outro e não esconder nada. É o melhor conselho que eu posso lhe dar. Se eu sei de alguma coisa? Não. Mas isto não significa que ele não saiba, então pergunte. De qualquer forma, por que você está com medo de perguntar a ele?

— Porque ele está preocupado com várias coisas no momento.

— Minha querida, posso lhe garantir que você é a preocupação número um dele. Se ele soubesse de alguma coisa, certamente lhe contaria. Eu conheço Alex.

— Está bem. Acho melhor esperar então.

— Acho que é uma boa ideia. Eu sei que ele lhe contará o que sabe assim que descobrir. Alex é um bom rapaz. Sempre foi, mesmo quando vomitava em mim depois de comer pudim demais aos quatro anos de idade. Ele sabe que você é parte disso e que está preocupada. Quando houver alguma notícia, você será uma das primeiras a saber. Até mesmo antes de mim, pelo amor de Deus. Portanto, vamos mudar de assunto. Como estão as coisas com Dufort e a Streamed?

— Fechamos o negócio ontem à tarde.

— Excelente. Foi uma criação sua. E agora?

— Hoje à noite, eu e Alex vamos nos divertir um pouco. Vamos jantar com Lisa e Tank.

— Lisa e Tank?

— Sim. Eles se conheceram um dia desses. Química instantânea.

— Eu gostei da sua amiga quando a conheci. Muito inteligente e chique. Adoraria vesti-la. E eu adoro Tank. Ele é um bom homem. E um gato.

— Lisa também.

— Então prepare a mesa, sirva bebidas, deixe o romance começar. Onde vão jantar?

— No db Bistro.

— Seu antigo emprego.

— Eu adorava o lugar. Foram muito bons comigo durante uma época difícil. Mal posso esperar para encontrá-los novamente.

Ela se levantou e alisou a saia. — Então aproveitem. Eis o que aprendi na vida, Jennifer. Ela é muito curta. Você e Alex precisam se esforçar. Encontrar tempo para se divertirem. Tirem uma noite por semana um para o outro. Não importa o que façam, mas não pode ser trabalho. Não cometa os mesmos erros que eu.

— Que erros?

— Nem sei por onde começar. Só vou lhe contar isso porque você passou a significar algo para mim. E porque não quero que cometa os mesmos erros que eu cometi na vida. Está bem?

Quando Blackwell ficava séria, eu sabia que seria uma tola se não lhe desse ouvidos. Apesar de adorar ser dramática, era uma das mulheres mais inteligentes que eu conhecera. — Está bem.

— De muitas maneiras, eu me arrependo da forma como vivi a vida. Quando olho para trás, vejo todo o trabalho, todas as noites em que fiquei até tarde, todas as manhãs em que acordei cedo demais e todas as conquistas. Mas o que mais consegui? Na minha idade, eu deveria ter uma infinidade de amigos, mas tenho apenas uns poucos. Acabei de me divorciar. Não viajei pelo mundo, como prometi a mim mesma que faria quando era jovem. Não fui mergulhar, uma das coisas que jurei fazer antes de

morrer. Nunca fui a Paris, Jennifer. Sim, isso também me surpreende. Eu, de todas as pessoas, nunca fui a Paris. E a lista continua. A minha vida foi dedicada ao trabalho. Tanto que conheço este prédio melhor do que à minha própria família. E, apesar de adorar o meu trabalho, posso lhe dizer que não valeu a pena. A única coisa que salva tudo isso são as minhas filhas. Mas elas agora são adultas e estão na universidade na costa leste. Só as vejo no verão e nos feriados. Só conversamos de vez em quando porque não somos próximas. Por que deveríamos? Sempre coloquei minha carreira em primeiro lugar.

— Você ainda pode mudar isso.

— Acho que é tarde demais.

— Nunca é tarde demais. Você ainda é uma mulher jovem.

— Jovem? Tenho cinquenta e cinco anos, Jennifer. Cinquenta e cinco. Ainda tenho esperanças de encontrar outro homem, mas sei que as chances não são muito boas. Quanto às minhas filhas, talvez haja alguma coisa que possa ser salva, mas isso significaria me afastar um pouco da Wenn. Isso significaria uma mudança de vida. Elas valem a pena? Ah, sim, valem. São tudo o que tenho. Tenho tantas coisas a resolver com elas que talvez demore anos. Mas preciso fazer isso e farei. Preciso ser a mãe que elas não tiveram enquanto cresciam. Em algum momento, em breve, começarei a me afastar da Wenn e cuidar dessas coisas. Das minhas filhas e da minha felicidade. Portanto, se você fosse minha filha, eu lhe daria este conselho: viva a vida. Aproveite a sua carreira. Ame Alex. Encontre o equilíbrio. Ame a si mesma o suficiente para saber que tudo isso é importante, não apenas uma parte. Não cometa os mesmos erros que eu.

— Eu amo você, srta. Blackwell.

O rosto dela congelou em choque por um momento. Rapidamente, ela apagou a expressão e voltou à Blackwell que eu conhecia. — Primeiro você ama Alex, agora me ama. Virou hippie agora, é? Sabe que não sei o que fazer com essas palavras. Se você aparecer com uma margarida nos cabelos, juro por Deus que vou arrancá-la.

— Estou falando sério. E não tenho mais medo de dizer isso. Você fez tanto por mim. Quando realmente precisei de você, fez tudo o que podia, inúmeras vezes. Tirou o véu e falou as verdades que eu precisava ouvir. Espero que um dia, em breve, eu possa fazer o mesmo por você.

— Eis o que você pode fazer por mim, Jennifer. Não engravide antes de casar com ele, está bem? Como você provavelmente me pedirá para vesti-la para a ocasião, é isso que pode fazer por mim. Eu já a enfiei em vestidos demais. Você consegue entender como é difícil enfiar essa sua bunda em roupas sofisticadas? Não há como fazer isso também com uma barriga. Não dará certo e não seria justo fazer isso comigo.

— Eu queria muito que você me levasse a sério.

A expressão dela mudou para algo menos leve. — Há um momento, eu fui muito séria com você. E levo o que você diz a sério. Todos nós temos máscaras, Jennifer. Nós as usamos todos os dias para nos protegermos do mundo, dos amigos, das emoções, de possíveis desapontamentos. Você usa a sua máscara muito bem.

Não havia como negar aquilo. Ela se levantou para ir embora.

— Antes de ir, quero que saiba de uma coisa — disse eu.

Ela parou na porta e virou-se para mim. — O quê?

— Uso você como exemplo, como gostaria de ter feito com a minha mãe. Mas ela nunca foi uma mãe para mim. Nunca tive uma mãe até que você entrou na minha vida.

— Eu fui horrível para você quando entrei na sua vida.

— Você não foi gentil, mas também não foi horrível. Vou lhe dizer o que é horrível. A minha vida

inteira foi horrível. E você nunca foi assim. Portanto, obrigada. Faça um favor a si mesma e considere tirar uma ou duas semanas de folga. Fique com as suas filhas. Mostre a elas a pessoa que mostrou a mim. Você me deu excelentes conselhos hoje. E em muitos outros dias. Portanto, goste ou não, é este o meu conselho para você. Vá ser a mãe maravilhosa, que eu sei que é, para as suas filhas. Como alguém que nunca teve uma mãe de verdade enquanto crescia, prometo a você que elas precisarão muito disso e que não será tarde demais. Na verdade, enquanto estão na universidade, enquanto o mundo inteiro parece assustador e contra elas, talvez seja a hora certa.

CAPÍTULO 14

Mais tarde naquela noite, Lisa e eu conversávamos ao nos aprontar para o jantar com Alex e Tank.

— Não sei o que fazer — disse Lisa ao correr de um lado para o outro na cobertura fazendo sabia-se lá o quê. Eu estava sentada na sala de estar observando-a. Eu já tinha tomado banho, prendera o cabelo em um coque firme e aplicara a maquiagem, mas ainda não me vestira para a noite. Usava um roupão de seda vermelha simples que Alex me dera. Lisa tomara banho, mas os cabelos ainda estavam molhados. Não tinha maquiagem alguma e vestia um roupão branco de algodão. Eu estava em um dos sofás com vista para a cidade e para todos os segredos que ela guardava naquela matriz de luzes. Bebi o martíni e pensei novamente em como tinha sorte por ter tal vista.

— O que eu deveria vestir? — perguntou Lisa.

— Um vestido bonito?

— Do que acha que Tank gostaria?

— Alguma coisa feminina. Seios dentro do vestido. Ele me parece ser um cavalheiro. Tenho a impressão de que gosta de recato. Portanto, bonita e *sexy*, mas não exagerada. De qualquer forma, o que o atrairá será a sua personalidade.

— O que você vai vestir? Que cor?

— Vou usar um vestido branco curto.

— Curto quanto?

— Logo acima do joelho.

— E os sapatos?

— Louboutins.

— Quais?

— Os pretos.

— Pode me emprestar os vermelhos?

— Pode pegar o que quiser.

— Amo você mais do que a uma boa vodca.

— E eu amo você mais do que a azeitonas mergulhadas em boa vodca.

Ela passou por mim apressada com o martíni na mão em direção ao meu quarto. Logo em seguida, saiu com os sapatos vermelhos na mão, sacudiu-os com um sorriso feliz e desapareceu no próprio quarto. Alguns momentos mais tarde, saiu dele com um vestido vermelho que combinava com os sapatos. O vestido tinha um decote discreto que expunha o suficiente para criar um mistério. Eu não sabia que sutiã ela estava usando, mas os seios estavam altos e apertados. O vestido ia até os joelhos e dizia claramente que ela não era uma vagabunda. Estava vestida de forma adequada para o primeiro encontro com Tank.

Fiquei orgulhosa ao vê-la voltar à ativa. Lisa só estivera com dois homens na vida, os dois ex-namorados. Ela dera o coração a eles que, por algum motivo, acabaram pisoteando nele. E agora, depois de dois anos sozinha, estava pronta para se arriscar e sair da concha novamente. Mesmo depois do que passara, ainda acreditava que havia um bom homem lá fora que a merecia. Eu a admirava por isso. Por outro lado, costumava admirar Lisa em tudo o que ela fazia na vida.

Quando ela terminou de secar os cabelos e aplicar uma maquiagem leve, saiu do banheiro e

parou à minha frente. — E então?

— Você está linda.

— A intenção era parecer gostosa.

— Você também parece gostosa de uma forma que acho que Tank gostará. Não gostosa puta. Só naturalmente gostosa.

— Quase escolhi gostosa zumbi.

— Nem sei o que isso seria.

— Tank saberia. Ele também entende dos mortos-vivos. — Ela fez uma careta para mim. — Devo chamá-lo de Tank?

— Você não se lembra? Quando você o apresentou aos mamilos, ele pediu que o chamasse de Mitch.

— Eu não o apresentei aos meus mamilos.

— Você não estava usando sutiã e o ar-condicionado estava no máximo quando saímos do apartamento. Digamos apenas que parecia que você tinha acabado de sair de dentro do congelador. Nós duas sabemos que você o apresentou a si e aos mamilos.

— Não importa. Então será Mitch. Você precisa terminar de se arrumar. Temos quinze minutos antes que ele e Alex cheguem.

— Uma sugestão — disse eu ao levantar.

— O quê?

— Bernie me ensinou muito. E Blackwell também. É o primeiro encontro, mas em um restaurante excelente e formal. Eu usaria um pouco mais de maquiagem nos olhos. Não muito, mas o suficiente para destacar esses olhos azuis. E talvez um pouco de cor nos lábios. Algo que combine com o vestido e os sapatos. Bem de leve. Não exagere.

— Está bem, vou fazer isso. Agora, vá se vestir.

Fui terminar de me arrumar para a noite.

* * *

No saguão, Alex e Tank estavam nos esperando. Havia também quatro outros homens um pouco afastados e perto da saída. Segurança. Eu respirei fundo e aceitei. Que opção eu tinha? Alex era a minha vida e aquilo também seria parte dela. Ponto.

— Meu Deus, ele é um garanhão — disse Lisa baixinho quando saímos do elevador. — Olhe só para ele. Quem tem um corpo desses?

— Ele tem.

— Eu sobreviveria ao apocalipse zumbi com ele.

— Não é?

Eu acenei para eles. — Olá, rapazes.

— Olá, garotas — respondeu Alex.

— Jennifer. Lisa — disse Tank.

Alex usava calça *jeans* azul-escura, uma camisa branca aberta no pescoço e um blazer preto. Ele sorriu para mim da mesma forma como fizera dezenas de vezes antes e meu coração derreteu um pouco. Eu o amava muito.

Tank usava uma camiseta polo branca, um blazer marrom que parecia largo o suficiente para

cobrir um campo de futebol e uma calça cáqui tão apertada nas coxas que mal parecia conter os músculos enormes. Tive que dar a mão à palmatória. Ele era incrivelmente *sexy*. Mas o que me deixou animada foi o fato de que ele só olhou para Lisa enquanto cruzamos o saguão.

Na última vez em que ele a vira, Lisa usava calça *jeans*, saltos altos e uma camiseta curta que não deixava nada por conta da imaginação. Mas aquela noite mudaria tudo. Ele nunca a vira vestida para a noite. Lisa sempre parecia bonita porque era naturalmente bonita. Mas ele ainda não vira no que ela conseguia se transformar com um pouco de esforço. E ficou claro pela expressão dele, que incluía os lábios abertos, que estava encantado. Eu me senti empolgada por eles. Quem sabia o que a noite lhes traria?

— Você está adorável — disse Alex ao se inclinar para me beijar.

— Você também.

— Que bom ver você novamente, Lisa — disse Tank. — Você está maravilhosa.

Ela pegou a mão dele. — Obrigada, Mitch. Você está muito bonito.

Quando ele ergueu a mão dela até os lábios para beijá-la, tive vontade de dizer "agora a coisa ficou séria".

Alex viu minha expressão e soube. Ele apertou a minha mão. Olhei para ele e vi o brilho malicioso em seus olhos. Depois, em uma voz incomumente animada, eu disse: — Vamos?

* * *

O jantar no db Bistro foi delicioso e nostálgico. Encontrei novamente Stephen, meu ex-chefe, que nos levou uma garrafa de Veuve Clicquot, um dos muitos champanhes que ele me fizera provar durante o pouco tempo em que eu trabalhara lá.

— Eu me lembro de como você gostava quando eu a deixava experimentar — disse ele ao servir as taças. — É por conta da casa, claro.

— Obrigada, Stephen — disse eu.

Ele piscou para mim. — Você e seus amigos são sempre bem-vindos aqui, Jennifer. O pessoal sente a sua falta.

— Também sinto falta de vocês todos. Deixe-me apresentar todo mundo. Este é meu namorado, Alex, nosso amigo, Mitch, e minha melhor amiga, Lisa. — Vi um movimento atrás dele e disse: — Um grupo de seis, Stephen. Entraram agora. Acho que deviam ficar na parte da frente do restaurante.

— Você pode tirar a mulher do restaurante, mas não consegue tirar o restaurante da mulher — disse Alex.

— Desculpe — disse eu. — Foi puro reflexo.

— É por isso que sentimos falta dela — disse Stephen. — Aproveitem o jantar. Voltarei um pouco mais tarde.

— Já gostei dele — comentou Lisa.

— Ele foi muito gentil comigo — respondi. — Foi um chefe maravilhoso. E conhece tudo sobre vinho e comida. Aprendi muito enquanto estive aqui. — Dei de ombros. — Mas estou falando demais. Só estou feliz por estar de volta.

Alex apertou meu joelho sob a mesa. — Estou feliz por você estar feliz — disse ele. — Se quiser ir lá dentro para dizer olá aos seus amigos, acho que todos nós entenderemos.

Eu beijei o rosto dele e disse-lhe que o amava. — Nossa comida ainda não chegou. Vocês se

importam se eu for lá agora? Eles estão ocupados e não demorarei mais de um minuto para dizer um olá rápido.

— Vá em frente — disse Alex.

Eu me levantei e olhei para Mitch. — Pode tomar conta de Lisa enquanto eu estiver lá? E de Alex, claro.

— Eu cuidarei de Lisa — disse ele com um sorriso.

Ele não estava brincando. Mesmo depois que voltei, era óbvio que ele pretendia cuidar dela pelo resto da noite. Apesar de conversarmos todos juntos, houve momentos em que Lisa e Mitch entraram em uma conversa própria. Observei minha melhor amiga rir e flertar, e percebi que era uma conversa espontânea. Ela não tolerava tolos. Era claro que estava divertindo-se muito. E ele também.

— Parece que está rolando alguma coisa ali — disse eu para Alex.

Ele ergueu a sobrancelha. — Quem diria que um casal poderia se juntar por causa do amor pelos mortos-vivos?

* * *

Mais tarde, depois que Mitch insistiu em pagar a conta, o que fez com que eu gostasse ainda mais dele, nós nos preparamos para ir embora. Alex pegou o celular e digitou alguns números. Momentos depois, um membro da segurança entrou discretamente no restaurante e ficou parado perto da porta. Os demais, eu sabia, estavam nos esperando do lado de fora.

Dei um abraço em Stephen, disse que voltaria em breve para vê-lo e preparei-me ao sairmos para a noite.

Aquela parte da West Forty-Fourth Street era ridiculamente movimentada, não apenas por causa do restaurante, mas também por causa do Hotel Algonquin à direita e o Hotel Iroquois à esquerda. O db Bistro ficava entre os dois. O Hotel Royalton ficava do outro lado da rua e o Hotel Sofitel ao lado dele. Para aumentar o caos e a sensação de claustrofobia, a rua em si tinha apenas três faixas, com estacionamentos dos dois lados, o que a deixava com cerca de uma faixa e meia de trânsito. Táxis e automóveis se amontoavam ao lutarem por uma chance de avançar.

Havia muitas pessoas na calçada. Uma jovem com um cachorro passou correndo com uma música de Madonna gritando nos fones de ouvido. Um senhor mais velho, que mancava ligeiramente, gritava no celular algo sobre como o dia fora horrível. Funcionários dos hotéis estavam na rua chamando táxis.

A equipe de segurança de Alex andou ao nosso lado e vi o carro parado em fila dupla à nossa frente, o que irritou os outros motoristas. Buzinas soaram e pessoas gritaram de dentro dos carros para que saísse da frente.

Ao avançarmos na direção dele, tudo passou a se mover em câmera lenta quando um de três homens que se aproximavam tirou uma arma do casaco. Uma onda de medo invadiu as pessoas na calçada. Os dois homens ao lado dele fizeram o mesmo. Com uma frieza aterrorizante, eles rapidamente ergueram as armas e miraram em Alex. Ao mesmo tempo, a equipe de Alex, incluindo Tank, sacou as próprias armas.

Mas eles foram um milissegundo lentos demais. Os lasers cobriam a distância entre os homens e Alex, flutuando na testa e em volta do coração dele, confirmando meus piores medos. Quem estava por trás daquilo não pretendia desistir. Estava falando sério. Fosse qual fosse o motivo, a pessoa

pretendia matar Alex.

— Abaixem as armas — disse o homem no centro do grupo para os seguranças de Alex.

Eu memorizei as feições dele. Tinha trinta e poucos anos, cabelos loiros, pele clara, roupas escuras, covinha no queixo, recém-barbeado. A voz era tão fria que não havia dúvidas de que sabia que, naquele momento, a vantagem era dele.

— A decisão é de vocês — disse ele. — Abaixem as armas ou ele morrerá. Vocês sabem que estamos no comando. Façam o que digo e talvez ele sobreviva. Mas somente se cooperarem.

— Façam isso — disse Alex.

Aterrorizada, eu olhei para ele. — Não — disse eu. — Eles matarão você.

— Se quisessem, já teriam feito isso. Eles querem alguma coisa.

— Você não sabe.

— Fique calma, Jennifer.

Olhei além dos homens e vi que as pessoas que estavam na rua um momento antes tinham se dispersado. Alguém telefonara para a emergência? Alguém precisava telefonar para a emergência. Aqueles homens não pareciam tolos. Sabiam que não tinham muito tempo até que a polícia chegasse. O maxilar deles estava rígido e as mãos, firmes. Eles me lembravam a equipe de Alex. Não eram homens comuns. Eram profissionais.

Profissionais trabalhando para quem?

Um carro parecido com a Mercedes de Alex parou em frente ao dele. Havia algo que fazia com que parecesse mais novo. A inclinação longa do capô? Os faróis destacados?

O homem com a covinha no queixo disse para Alex: — Diga ao motorista para sair do seu carro.

Alex se virou para o carro e acenou com a mão. — Saia.

Lentamente, o motorista saiu do carro e andou até a calçada. Os carros na rua passavam em alta velocidade.

— Solte sua arma — disse Alex.

O motorista jogou a arma na calçada. Ao fazer isso, a porta da frente do passageiro do carro dos homens se abriu e, logo em seguida, a porta de trás. Olhei para dentro e vi o motorista. Cabelos escuros, barba cheia e rente, quarenta e poucos anos. Ele olhou diretamente para mim e, instintivamente, desviei o olhar.

— Entre — disse o homem com a covinha no queixo para Alex.

— Não — disse eu.

Alex se virou para mim com uma mistura de ansiedade e tristeza. Seria a última vez que nos veríamos? Eu não consegui aguentar a ideia e afastei-a da mente.

— Que escolha eu tenho? — perguntou ele. — Se eu resistir, eles atirarão em mim. Se não resistir, talvez tenha uma chance.

Os lasers se separaram, passando a apontar para Alex, Tank e eu. Pelo jeito, Lisa era muito pequena para ser considerada uma ameaça. E, com apenas três deles, precisavam escolher quem eram as maiores ameaças. Estavam ficando sem tempo.

Um dos homens avançou.

— Largue a arma — disse ele para Tank.

— Faça isso — disse Alex.

Relutantemente, Tank soltou a arma.

— Entre no carro — disse o homem para Alex. — No banco de trás. Só você. — Ele olhou para Tank. — Se vocês nos seguirem, ele morrerá. Simples assim. A decisão é de vocês.

Antes que ele fosse tirado de mim, Alex ergueu as mãos para mostrar aos homens que não

carregava nada. Em seguida, inclinou-se para me beijar nos lábios. Foi um beijo duro, cheio de amor. Era o tipo de beijo que dizia adeus. — Eles não vencerão — sussurrou ele. — Você verá.

Meus olhos se encheram d'água. — Por favor, não vá.

Mas, momentos depois, Alex estava no banco de trás da Mercedes com o restante dos homens, e o carro se afastou em alta velocidade.

CAPÍTULO 15

Corri para a Mercedes de Alex, mas Tank me impediu.

— Jennifer! — gritou ele.

Abri a porta do passageiro e virei-me para olhar para ele, que recolhia a arma do chão.

— Esperaremos dois minutos — disse ele.

— Por quê? Precisamos segui-los, senão nós os perderemos de vista.

Mas Tank balançou a cabeça negativamente. — Se nós os seguirmos agora, especialmente com este tráfego, eles nos verão e matarão Alex. Não pense que não. Alex estava certo. Eles querem alguma coisa. Caso contrário, teriam atirado nele aqui mesmo, na rua. — Ele pegou o telefone e ligou-o. — Alex tem um *chip* em todos os sapatos que usa. Nós conseguiremos rastreá-lo com isso.

Ele ergueu o telefone para que eu visse a tela. Havia um ponto vermelho pequeno que piscava em um mapa da cidade. Olhando para ele, percebi que, com a exceção de Lisa, tudo o que era importante para mim estava refletido naquele ponto.

— Estão descendo a Quinta Avenida — disse eu.

— Dois minutos. Preciso que me dê ouvidos. Preciso que fique aqui com Lisa. Deixe que nós cuidaremos disso.

— É claro que não...

— Estou lhe dando uma instrução. Meu trabalho é mantê-la em segurança.

Mas eu pretendia ir junto para encontrar Alex. Virei-me para um dos homens parados atrás de Tank. — Fique com ela — disse eu, apontando para Lisa. — Leve-a para casa. Não deixe que nada aconteça com ela.

— Jennifer — disse Lisa.

Entrei no banco de trás da Mercedes antes que Tank conseguisse me impedir. — Eu ficarei bem — gritei para ela. — Vá para casa. Fique com ele até receber notícias minhas. Em nenhuma circunstância, saia do apartamento. — Olhei para Tank, que parecia furioso comigo. Mas não me importei. Alex vinha em primeiro lugar. — Passaram-se três minutos — disse eu. — Entre no carro antes que aconteça alguma coisa com ele. Vocês todos. Mexam-se!

* * *

Eles se mexeram.

Tank se sentou no banco da frente. O motorista pegou a arma e entrou no carro. Dois outros homens entraram no banco de trás, um de cada lado, deixando-me espremida entre eles. Não havia lugar para mais ninguém, o que deixou Lisa com dois homens para protegê-la. Aquilo me deixou um pouco aliviada.

Entramos no trânsito, quase colidindo com um táxi. Buzinas soaram. Nosso motorista acelerou, mas pisou com força no freio para não bater no carro da frente. O trânsito não se movia depressa o suficiente. Vi a luz verde do semáforo onde poderíamos entrar à direita, na Quinta Avenida, e seguir o carro em que estava Alex.

Mas a luz ficou amarela. E vermelha.

— Eles estão movendo-se para leste na Forty-First Street — disse Tank. — Quando entrarmos na Quinta Avenida, as coisas andarão mais depressa.

Depois de um momento, a luz mudou, os carros à nossa frente aceleraram e, finalmente, por um milagre, conseguimos virar à direita e entrar na Quinta Avenida, descendo a rua até chegar à entrada à esquerda para a Forty-First Street.

Em uma cidade consumida pelo trânsito, mesmo àquela hora da noite, com inúmeros semáforos que não cooperavam, temi que estivéssemos muito atrás para poder ajudar. Eu me inclinei para a frente e vi que havia outro ponto no mapa. Era azul e, naquele mapa iluminado minúsculo, não parecia estar muito longe do ponto vermelho.

— Somos nós? — perguntei.

— Somos nós.

— Estamos perto.

— É uma ilusão. Eles estão muito à nossa frente.

— Quanto à nossa frente?

— Três quarteirões. Eles estão na Third. Nós estamos na Madison.

— Três quarteirões não parecem..

— Olhe para o trânsito, Jennifer. Não está andando muito depressa, está? Pode ficar melhor ou pior. Reze para que não fique pior.

— Devemos chamar a polícia?

— Não.

— Por quê?

— Porque eles o matarão. Nós cuidaremos disso.

O carro avançou rapidamente pelo trânsito, mudando de uma faixa para a outra. Pedestres andavam à nossa frente e corriam para a calçada, xingando quando percebiam que não tínhamos a menor intenção de reduzir a velocidade.

Mas, depois de alguns momentos, não tivemos outra opção. Ficamos novamente presos no tráfego até parar, o que quase me deixou louca. Estávamos perdendo tempo.

— Eles pararam — disse Tank.

Eu me inclinei para a frente. — Onde?

— Entre a Second e a First.

— O que há lá?

— Não sei. É uma área, em sua maioria, residencial.

— Onde Gordon Kobus mora? — perguntei.

— Quem?

— Gordon Kobus. Da Kobus Airlines. Onde ele mora?

— É uma pergunta aleatória, mas procure no Google — disse Tank para o homem à minha esquerda. E, para mim, ele perguntou: — Qual é o seu interesse em Kobus?

— A Wenn está entrando em uma disputa hostil com ele. É só uma ideia, mas sei que Kobus está furioso e pronto para uma guerra. Até onde ele levará essa guerra? Até onde ele irá para proteger o que construiu? As ameaças que Alex e eu recebemos começaram logo depois que Kobus descobriu

que Alex queria a Kobus Air. É tudo o que tenho. A não ser que Immaculata esteja por trás disso, o que imaginamos ser um exagero.

— Kobus mora na Park Avenue — disse o homem ao meu lado. — Na Sixty-Seventh Street.

— Então não é Kobus — disse Tank.

— A não ser que ele seja dono de alguma propriedade aqui. Há alguma forma de descobrir?

— Faça a ligação — disse Tank para o homem.

Mas, antes que o homem conseguisse, muito à frente houve uma explosão tão intensa que vi uma bola de fogo subindo do centro da rua. Parecia algo saído de um filme, um cogumelo de fogo que subiu em direção ao céu e virou-se sobre si mesmo até que o fogo evaporou em nuvens de fumaça alaranjada. A onda de som foi tão forte que literalmente balançou nosso carro e fez com que todos os carros à frente parassem. Houve um momento arrepiante, um silêncio absoluto em uma cidade que banira o silêncio. Em seguida, as pessoas começaram a sair dos carros e correr em direção à explosão ou afastarem-se correndo dela, provavelmente acreditando que era um ataque terrorista.

Horrorizada, olhei por sobre o ombro de Tank para o celular na mão dele. Sem se mover, ele olhava para baixo. Inclinei-me para a frente e olhei para a tela. Senti um aperto imenso no peito.

O ponto azul que representava nosso carro permanecia, mas o ponto vermelho pulsante que representava Alex desaparecera.

CAPÍTULO 16

Mas, logo depois, a luz vermelha surgiu novamente. Ela piscou na tela antes de começar a pulsar novamente e mover-se para leste.

— Ele está vivo.

— Continuaremos a pé — disse Tank.

O motorista parou no meio-fio.

— Fique aqui, Jennifer. Preciso que me ouça. Preciso mantê-la em segurança.

— É claro que não ficarei aqui.

— Você não conseguirá nos acompanhar.

Chutei os sapatos para longe ao sairmos do carro. — Pois observe bem.

Corremos, mas Tank tinha razão. Eu não era páreo para a velocidade com que eles corriam. Mas não tinha a menor intenção de não estar lá quando encontrassem Alex. Eles não estavam apaixonados por ele. Eu estava.

Vi quando Tank olhou para mim por sobre o ombro e mandou que um dos homens fosse mais devagar para correr ao meu lado. Para me proteger. Os outros três homens corriam à nossa frente. Fiz o melhor possível para correr, o que não era nada mal, pois eu estava em forma.

Corri o mais depressa que consegui. Desviei dos carros que vinham na direção oposta, saltei sobre o capô de um deles para não ser atropelada e passei entre os demais. Eu só conseguia pensar em Alex. Eu sabia que podia estar correndo em direção à minha própria morte, mas não me importei. Se Alex morresse, o que eu faria sem ele? Mesmo se chegasse à explosão depois dos outros, o que aconteceria, talvez eu tivesse algo a oferecer. Se fosse preciso, daria a minha vida pela de Alex. Estava preparada para fazer isso. Ele merecia.

Corremos pela Forty-First Street até chegarmos a uma cena de horror inimaginável.

* * *

No meio da Second e da First, o carro em que Alex fora colocado queimara a ponto de ficar irreconhecível. Dois homens estavam no interior, com o fogo queimando os corpos a tal ponto que as chamas saíam pelas bocas abertas como se fossem línguas de serpentes.

Como aquilo acontecera? Alex tentara fazer alguma coisa? Devia ter tentado. Mas o quê? Ele arrancara a arma da mão de alguém e atirara neles? Atirara no motor e causara a explosão? Talvez eu nunca descobrisse.

Tank estava muito além da fumaça, que tinha um cheiro quase doce por causa dos corpos queimados. Vi que ele e os outros dois homens estavam com as armas empunhadas. Não muito longe, estava o East River. Ouvi gritos ao chegarmos mais perto e, logo em seguida, houve uma troca de

tiros. O caos se instalou quando o homem à minha esquerda pegou meu braço, puxou-me para a calçada e segurou-me.

Eu lutei contra ele. — Solte-me!

— Não.

— Eu preciso chegar até onde ele está. Qual é o seu problema?

— Você só ficará no caminho. Lamento, srta. Kent, mas não passará daqui. Deixe que eles façam o trabalho deles. — Mais tiros, dessa vez em rápida sucessão. — Quer mesmo ficar no meio daquilo?

Eu lutei contra ele, mas o homem era forte demais. — Você não sabe o que diabos eu quero. Você não faz ideia do que ele significa para mim. Quando cuspi no rosto dele, o homem ficou chocado o suficiente para que eu conseguisse soltar o braço. Dei um soco forte na virilha dele e assisti enquanto ele caía no chão. Não consegui acreditar no que eu acabara de fazer. Ele estava com o corpo dobrado, gemendo.

— Desculpe — disse eu.

Em seguida, peguei a arma dele e corri.

* * *

Atravessar a First Avenue na Forty-First Street teria sido um pesadelo durante o dia. Mas, à noite, não era tão ruim. Com a arma empunhada à frente do corpo, corri pela rua, desviando dos carros e indo na direção dos tiros que ouvira um momento antes.

Ao sair da rua, corri para o lado direito da calçada e olhei para todos os lados, procurando Tank e os homens dele. Mas não vi ninguém sob as luzes nem sob as sombras. Corri em direção à FDR Drive, olhei para a ponte que brilhava logo acima, virei para a esquerda e para a direita, tentando descobrir onde estavam. Naquele momento, ouvi um tiro à esquerda, rapidamente seguido de mais cinco.

Com o dedo no gatilho, contornei a esquina e vi dois homens caídos na rua, com o rosto virado para baixo. Ali perto, Tank parecia estar lutando com outro homem.

Todo o trânsito estava parado.

Sirenes encheram a noite.

As pessoas permaneceram dentro dos carros. Mas, como mantiveram os faróis acesos, consegui enxergar o suficiente para correr até a ponte, saltar sobre o suporte de cimento e correr na direção deles.

Tank lutava com o homem de cabelos loiros e covinha no queixo. Não havia sinal de Alex. Corri diretamente para eles, com os pés descalços machucados, e aponteí a arma para a cabeça do homem.

— Afaste-se dele — disse eu. — Agora mesmo ou juro por Deus...

Em uma fração de segundo, o homem se afastou de Tank e mirou a arma em mim. Por reflexo, eu atirei, mas ele também.

Dois tiros foram disparados ao mesmo tempo.

Ao notar que o homem loiro caía no chão, percebi, antes que tudo ficasse escuro, que eu também estava caindo.

CAPÍTULO 17

UM MÊS DEPOIS

Cidade de Nova Iorque
Outubro

No mês que se seguiu, eu me curei, sofri, senti uma perda inimaginável que se recusava a desaparecer, e planejei o futuro. Chegara o dia que eu mais temera: era manhã e eu precisava voltar ao trabalho.

A última coisa que eu queria era voltar para aquele prédio, onde todas as lembranças que eu e Alex criamos me atingiriam. Mas eu precisava fazer isso. A Wenn era o meu futuro. Na noite anterior, eu me preparara para tudo o que teria que enfrentar.

Como será sem Alex?

Eu não tinha resposta.

Lisa saiu do quarto e entrou na sala de estar. Ela cuidara de mim desde o tiroteio e andava à minha volta agora como se eu fosse partir para nunca mais voltar. Apesar de soar ridículo, considerando o estresse pelo qual eu passara, acho que uma parte dela temia que isso acontecesse.

— Você está bem? — perguntou ela. — Como está o seu braço?

— Está bem — respondi. — Ele atirou em mim, mas tinha uma péssima mira. Estou feliz porque o filho da puta está morto. Seja lá quem fosse. — Meus ombros abaixaram. — Desculpe, não pretendia falar assim. Só estou tensa.

— Eu entendo. Você está bonita.

Eu vestia um terno formal preto encomendado por Blackwell. Fora um presente que ela enviara no dia anterior, com um bilhete que dizia que estava ansiosa para me ver e dando-me as boas-vindas. Naturalmente, a roupa serviu perfeitamente.

— Como acha que será hoje?

Apesar de Alex ter sido declarado morto três semanas antes, eu ainda não conseguia imaginar nem absorver aquela realidade e não tinha uma resposta imediata. Estava concentrada em enfrentar o dia e tudo que surgisse com ele. Só olhei para ela. Não tinha palavras.

Alex levara um tiro. Quando acordei no hospital na manhã seguinte àquela noite, Tank me dissera que Alex tropeçara e caíra no East River por causa do impacto do tiro. Helicópteros tinham feito uma busca com holofotes em um esforço para encontrá-lo, a polícia varrera o local e mergulhadores tinham vasculhado o rio. Mas não encontraram nada. Tank dissera que eles fizeram o possível, mas isso não tornava as coisas mais fáceis para mim. O luto me invadiu, deixou-me de joelhos e muito mais arrasada do que meu pai jamais fizera. Depois de quatro dias de buscas, Alex fora declarado desaparecido e morto.

— Alexander Wenn, 30 anos, morto — informara o *Times* na primeira página. E o *Post*, da forma

típica cruel dos tabloides: — Alexander Wenn morto. Um tubarão oferecido aos tubarões?

Seguiram-se vários obituários, mas nenhum chegou ao cerne do homem que eu amava. Ninguém falou de Alex como pessoa. Ninguém revelou o homem amável, generoso e maravilhoso que eu conhecia e de quem sentia falta com um aperto no peito que quase me sufocava. Falaram brevemente sobre as conquistas pessoais dele, falaram sobre os pais e o fim súbito deles, mas ninguém falou de Alex como pessoa. Será que entendiam como ele erguera a Wenn naqueles anos? Não. Mas aquele dia chegaria. Eu faria com que entendessem.

Até aquele dia, ninguém fora levado à justiça, o que parecia inacreditável, apesar de Alex ter me dito que talvez nunca descobríssemos quem estava por trás das ameaças.

Eu me lembrei do que Alex dissera quando fomos atacados na primeira vez: *Nem todo mistério tem uma solução, Jennifer. Você precisa estar preparada para o fato de talvez nunca sabermos quem fez isso. Isso não é um livro nem um filme, em que tudo termina bem no final. Essas histórias são ilusões. Na vida real, as coisas frequentemente não dão certo. Quem nos atacou pode estar satisfeito com o fato de eu estar em uma cama de hospital. Pode ser suficiente para que a pessoa se sinta vingada. Pode terminar aqui, ou pode ter apenas começado. Até que eu fale com o meu pessoal, é tudo o que sei. E esta é a verdade.*

E houvera uma outra conversa: — *Quem quer matar você?* perguntei.

— *Pode escolher. A Wenn tomou dezenas de empresas e corporações. Tiramos muita gente do mercado. Pessoas perderam o emprego por nossa causa. Meu pai era um alvo frequente de ameaças. Como eu disse, isso não é novidade, com a exceção do que acabou de acontecer. Nenhuma ameaça chegou a esse nível. Mas, de resto, estou acostumado.*

— *Que tipo de vida é esta?*

— *A vida que herdei do meu pai.*

O que eu sabia agora era que Gordon Kobus não estava por trás daquilo. Por minha causa, ele fora investigado, interrogado e, no final, descartado como suspeito. O mesmo acontecera com Immaculata. Eu sabia que o envolvimento dela era muito improvável, mas não podia simplesmente descartá-la. Agora, sabia que podia. No fim das contas, Immaculata não era a vadia assassina que eu achava que era. O servidor de onde a fotografia fora enviada também estava limpo, bem como outros homens e mulheres que foram investigados. Quando eu estava no hospital, Blackwell me dissera que a investigação estava sendo feita e que poderia levar meses.

Meses? Sério? Mesmo para alguém tão importante quanto Alex? Eu rejeitei a ideia.

Olhei para o relógio. — Preciso ir — disse eu para Lisa. — Se não, vou me atrasar.

— Blackwell não aceitaria isso.

— A essas alturas, acho que ela seria mais mansa.

— Fico feliz por você a ter ao seu lado.

— E você também. Sentirei sua falta hoje. Você ficou ao meu lado por um mês. Obrigada por tudo o que fez por mim, Lisa.

— Estarei ao seu lado para sempre, Jennifer. Agora vá. Você conseguirá. Nós nos falaremos durante o dia.

Eu a abracei rapidamente, virei-me com os olhos cheios d'água e saí para enfrentar a minha nova vida.

Quando a limusine, que tinha um segurança no volante e outro sentado ao meu lado, deixou-me em frente ao prédio, Blackwell estava no saguão para me receber.

Vê-la foi uma surpresa boa. Eu não a via fazia duas semanas, não desde o dia em que ela fora ao apartamento para me ajudar a planejar minha nova função na Wenn. E foi um alívio vê-la. Não escondi a emoção. Quando a vi esperando no saguão, perto dos elevadores, apressei o passo e caí nos braços dela.

Por um momento, ficamos abraçadas sem dizer nada. Senti o calor dela e sabia que ela sentia o meu. Nossa jornada fora incrível. Do ódio uma pela outra ao respeito e ao amor que sentíamos agora. E eu a amava. Mais do que à minha própria mãe.

Depois de algum tempo, eu disse baixinho: — Senti tanto a sua falta.

Qualquer traço do humor cáustico que eu passara a associar a ela desaparecera quando ela disse: — Você é minha terceira filha, Jennifer. Algumas vezes, pela forma como tratei minhas filhas de verdade, sinto como se você fosse a minha segunda chance.

Ela se afastou um pouco e colocou um dedo sob o meu queixo.

— Você é bonita demais para chorar. Vamos, dê um sorriso. E limpe os olhos. Assim está melhor. Sei que tem sentimentos opostos sobre o dia de hoje, mas é um novo começo. Assustador, sim. Triste de muitas formas. Mas saiba que Alex sempre será uma parte essencial da sua vida e você irá em frente com ele ao seu lado. Não tenho dúvidas de que ele sempre estará ao seu lado. Agora, escute. O conselho me deu alguns papéis para que você assine e há outras coisas importantes que precisa saber. Portanto, vamos ao meu escritório conversar.

— Antes disso, quero ver o escritório dele — respondi.

* * *

Tomamos o elevador para o 47º andar, que, como sempre, tinha a iluminação suave. Também havia um cheiro de ar parado, como se o lugar tivesse sido esquecido.

Aquilo me ofendeu. Não estavam cuidando daquele andar como deveriam? Obviamente, não. Eu falaria sobre isso com Blackwell mais tarde. Olhei em volta procurando Ann, assistente executiva de Alex, mas não vi sinal dela. Quando Blackwell e eu chegamos à mesa dela, vi que estava vazia. Ela se fora.

— Onde está ela? — perguntei.

— Foi realocada.

— Para onde?

— Ela tem uma boa posição. Não se preocupe. Eu cuidei bem dela.

— Ela foi muito gentil comigo no dia em que a conheci. Lembro que ela me perguntou se eu queria um martíni e pensei, "quem diabos toma um martíni no começo da tarde?". Ela disse que prepararia um leve como seda e gelado como janeiro, e foi o que fez. Eu queria tê-la conhecido melhor. Pareceu uma pessoa especial.

— Ela é. E você a verá por aí. É uma mulher que eu recomendaria que conhecesse. É absolutamente profissional. Excelente casamento. Um filho pequeno adorável. Modos impecáveis. Trabalho perfeito. E sabe como se vestir. Vocês duas poderiam ser amigas. Acho que se dariam muito bem. — Ela apontou na direção do escritório de Alex. — Tem certeza disso?

Considerando todas as lembranças que estavam prestes a me atingir, eu estava com medo de entrar. Mas, para passar para o próximo estágio na minha vida, precisava ver o escritório uma última vez e deixá-lo no passado. Portanto, respondi: — Sim, tenho certeza.

* * *

Quando entramos no escritório, senti o cheiro suave de couro e um aroma ainda mais suave de fumaça de charuto, nenhum dos dois desagradável.

Alex não fumava, mas uma boa parte dos homens com quem se encontrara naquele escritório no decorrer dos anos obviamente fumava e o cheiro ficara entranhado. Mesmo agora, o cheiro estava lá e o efeito era quase calmante.

Não havia janelas, apenas paredes com painéis cobertos de pinturas e um abajur Tiffany que lançou sombras floridas suaves sobre uma mesa à minha direita quando Blackwell o acendeu.

A mesa de Alex estava bem à minha frente, sobre a qual estava um porta-retratos de moldura de prata que eu não me lembrava de ter visto antes. Fui até lá e vi que tinha uma fotografia nossa, tirada no primeiro evento a que fomos depois que eu fora contratada para fingir ser namorada dele. Mas antes de virar namorada de verdade. Estávamos sorrindo na fotografia. Blackwell se aproximou e colocou a mão no meu ombro.

— Tem certeza de que quer estar aqui? — perguntou ela.

— Algumas vezes, é preciso encarar o passado antes de poder se afastar dele de verdade. Eu sei o que vou enfrentar na Wenn. Nós duas sabemos tudo o que estou deixando para trás. Portanto, sim, quero estar aqui. Acho que preciso estar aqui e lembrar-me de nós como éramos antes daquela noite. O conselho acha que é simples. Acham que é fácil simplesmente deixá-lo para trás. Estou aqui para dizer que não é. Estou grata por estar aqui, no escritório dele, e reviver o dia em que Alex me entrevistou. — Eu me virei para ela. — Eu devo isso a você. Ninguém mais teria conseguido me trazer aqui. Obrigada, Barbara.

— Então, aí está — disse ela. — Depois desse tempo todo, quem diria? Você finalmente me chamou de Barbara sem que eu precisasse pedir.

Minha voz estava embargada quando olhei em volta e para a foto de Alex e eu antes de falar. — Isso mesmo. E você sabe o motivo.

Quando ela se aproximou e colocou as mãos sobre os meus ombros, comecei a chorar novamente. De forma incontrollável. Ela me segurou até que eu conseguisse me recompor. Eu me afastei da fotografia, deixei o escritório e o cheiro dele para trás, e iniciei o próximo capítulo da minha vida.

* * *

Depois de assinar todos os documentos no escritório de Blackwell, nós nos encaramos e percebemos que não havia mais nada a dizer. Pelo menos, por enquanto. Só prolongaria o inevitável.

— Então — disse ela. — Está com o seu passaporte?

— Sim.

— É só disso que precisa. Está pronta? Há alguém de quem gostaria de se despedir?

— Só você. Mas já fiz isso. E não foi uma despedida. Foi um "até breve".

— É verdade.

— Sabe de uma coisa? Nunca pensei que deixaria Manhattan. Pelo menos, não depois de ganhar o suficiente para conseguir morar aqui. Quanto a deixar Lisa, talvez seja a coisa mais difícil.

— Eu diria que sim. Sei que ama aquela garota. Mas ela e Tank parecem estar se dando muito bem. Ela não ficará sozinha.

— Espero que as coisas deem certo entre eles.

— O tempo dirá. Só depende deles agora.

Ela se levantou e alisou a saia com as mãos. Havia uma tristeza sombria nela que vi que tentava esconder. Ela pareceu mais velha. Estressada. Nenhuma de nós queria dizer adeus.

— Você precisa ir para o aeroporto — disse ela. — É um longo voo, mas o conselho espera que você comece a trabalhar amanhã. — Ela pegou o telefone e discou três números. — Jennifer Kent está pronta. Estamos descendo agora. Deixe o carro pronto e esperando na porta.

* * *

Quando saímos do elevador, atravessamos o saguão em silêncio até onde Tank nos esperava na porta. Ele estava vestido formalmente, com a arma junto ao corpo. Calças pretas, camisa preta, botas pretas. Músculos aparentes. Sólido e ameaçador como sempre. Talvez ainda mais depois do que acontecera com Alex.

— Não vou sentir falta de ir para as ruas de Nova Iorque sentindo medo — disse eu a Blackwell. — Pelo menos, há essa vantagem.

— Estamos afastando você do risco. Você voltará quando os monstros que fizeram isso a Alex e a você forem encontrados e levados à justiça.

E quanto tempo isso levará?

— Olá, Tank — disse eu ao chegarmos perto dele.

Ele acenou com a cabeça. — Jennifer.

Ele estendeu a mão para que eu a apertasse, mas empurrei-a para o lado e abracei-o, dizendo baixinho: — Cuide dela para mim, está bem?

— Pode deixar comigo.

Olhei pela janela. — Aquele é o carro?

— Aquele é o carro.

Respirei fundo, estendi a mão e apertei a mão de Blackwell. Com lágrimas nos olhos por tudo o que estava deixando para trás e por tudo o que estava à minha frente, deixei que Tank liderasse o caminho.

A calçada estava repleta de pessoas. Senti o sol no rosto e a brisa fresca no pescoço. Parecia que fora no dia anterior que eu saíra da Wenn depois da entrevista com Blackwell e de conhecer Alex para voltar para o apartamento na East Tenth Street, que era um forno em agosto porque eu e Lisa não tínhamos dinheiro para um simples ar-condicionado. Agora, o outono descera sobre Manhattan e a sensação era maravilhosa.

As janelas da limusine eram quase pretas, outra medida de segurança. Quando Tank abriu a porta para mim, vi o segurança sentado no banco de trás e o motorista no volante. Sem incidentes, entrei no

carro, sentei-me ao lado do segurança e afastei-me da porta depois que ela se fechou. Quando Tank entrou, o carro partiu.

E Alex, disfarçado de segurança, sentado ao meu lado, estendeu a mão e apertou a minha.

CAPÍTULO 18

Semanas de planejamento nos levaram àquele ponto. E, apesar de eu estar arrasada por deixar Lisa, Blackwell e Manhattan para trás, havia apenas uma direção que minha vida poderia tomar, que era passar o resto dela com Alex.

O que mais me preocupava era deixar Lisa. Ela ficaria bem? Eu ficaria bem sem ela? Eu garantiria que a cobertura fosse dela e que a Wenn absorveria a hipoteca e todas as tarifas que fossem necessárias para que ela sempre tivesse um lar. Mas aquilo não significava que eu a teria em minha vida todos os dias, como acontecera durante anos. Poucas pessoas conheciam a profundidade do nosso relacionamento. Ainda assim, quando discuti as opções com ela, concordamos que eu precisava ficar com Alex.

— Não vamos casar uma com a outra, Jennifer. Mas provavelmente daria mais certo do que a maioria dos casamentos, não acha?

— Só de nunca termos de discutir sobre ir às compras já seria uma grande vantagem — disse eu.

— E, como não haveria sexo, poderíamos ficar gordas.

— Blackwell não deixaria. Ela taparia nossa boca.

Ela me abraçou. — Vá viver a sua vida. Você ganhou uma segunda chance. Poucas pessoas conseguem uma. Não pretendo ficar no caminho e também não deixarei que você desista dela.

Eu sentiria muita falta dela e esse foi um dos motivos que tornou aquele dia tão difícil. Eu sabia que levaria meses, ou talvez anos, antes que a visse novamente, o que me deixou com uma sensação de perda tão grande que me senti arrasada.

E havia Blackwell. Eu também não queria deixá-la. Mas faria isso. Enquanto percorríamos a Quinta Avenida, fui tomada por tal mistura de emoções que, quando finalmente olhei para Alex, ele viu a inquietude em meus olhos e disse: — Eu sei. É difícil.

— É, mas estou tão feliz em ver você — disse eu. — Você não faz ideia.

Ele tirou o boné e inclinou-se para me beijar. No começo, foi um beijo gentil, mas ficou ardente quando nossos corpos finalmente puderam se tocar. Ele passou os braços em volta da minha cintura, puxou-me para o colo e gentilmente acariciou meus cabelos antes de olhar para mim. — Nós conseguiremos — disse ele.

— Não temos opção.

— Só você e eu em uma ilha particular. Um local que poucas pessoas conhecem ou do qual ouviram falar. É minúscula e remota. Algumas casas, uma pista de pouso e uma beleza indescritível. Nós cuidaremos da Wenn de lá. Juntos. É um mundo global, Jennifer, todo conectado pela internet. Já está tudo preparado para nós. Se pegarem o filho da puta que fez isso conosco, podemos voltar. Ou talvez decidamos ficar no paraíso e começar uma família. O que importa para mim é que, finalmente, poderemos ficar juntos sem ameaça alguma. Você não tem ideia de como senti a sua falta. Nem do quanto eu a amo.

— Sim, eu sei. — Eu o beijei ardentemente nos lábios, sentindo a barba por fazer e senti o corpo

formigar com a lembrança. — Consegue me sentir? — perguntei.

Ele assentiu.

— Não — disse eu. — Quero dizer, consegue sentir minha alma? E o meu coração? Foi isso o que eu quis dizer. Consegue me sentir?

— Eu sinto você.

— É esse tanto que eu amo você. Espero que consiga sentir pelo menos um pouco do que sinto. Espero que consiga absorver e que isso o preencha como você me preenche. Porque está acumulando-se há um mês e, neste exato momento, está sendo liberado.

Foi a primeira vez que eu e Alex nos encontrávamos depois que ele saíra do East River e escondera-se. A bala raspou no ombro esquerdo dele e ele caiu no rio, mas conseguira sair perto das docas que terminavam na Forty-First Street e desaparecera na noite antes que os helicópteros, os mergulhadores e a polícia comessem as buscas. O instinto lhe disse para fugir e foi o que ele fez.

Quando conseguiu telefonar para Blackwell e avisar que estava em segurança, a máquina da Wenn começou a trabalhar. Alex foi recolhido e recebeu assistência médica. Ficou decidido que, por enquanto, ele seria declarado morto. Foi levado a uma casa segura na cidade e instruído a não sair. Depois que saí do hospital, fui instruído a ficar no meu apartamento. Ninguém podia me ver. Alex e eu recebemos ordens para não entrarmos em contato um com outro até que preparassem um plano para nos tirar do país. Não falar nem estar com ele foi um inferno. Mas, depois daquele tempo todo, estávamos lá. Finalmente. Juntos.

— Para onde vamos? — perguntei.

— Para algum lugar do Pacífico. Não tem nome. É só uma ilha que eu tenho. Nunca dei um nome a ela.

— Seremos as únicas pessoas lá?

— Não. Ann, minha ex-assistente executiva, mudou-se para lá com a família. Estão lá agora e morarão de graça em uma das casas. Ela trabalhará para nós. O marido dela é um gênio dos computadores, mas quer parar de trabalhar na área. Cuidará dos jardins e dará aulas em casa para o filho deles. Ele acredita que há muito a aprender com o oceano e a terra.

— Eu gostei muito de Ann quando a conheci.

— Tenho a sensação de que nós nos tornaremos bons amigos. Sei o que está pensando porque Blackwell me contou sobre as preocupações que dividiu com ela. Como sobreviveremos em um lugar tão remoto? Nós sobreviveremos com os peixes fornecidos pelos vários pescadores das ilhas vizinhas. Há árvores frutíferas por toda a propriedade, tantas coisas que você nem acreditará. Água potável, carne bovina, frango e outros suprimentos serão entregues todos os meses por aviões. Congelaremos o que for necessário. Há uma horta que plantaram para nós e algumas coisas já estão quase prontas para colher. Algumas delas também poderão ser congeladas, incluindo as ervas de que achei que gostaria. Precisaremos suplementar durante alguns meses, mas isso não será um problema. Teremos um estilo de vida sustentável. Deixaremos Manhattan, as ameaças e os problemas para trás. A Wenn ainda é minha. A Wenn ainda é sua. A Wenn agora é nossa.

— Quando a mídia será avisada de que você está vivo?

— No momento em que pousarmos na ilha, a Wenn soltará um comunicado vago à imprensa de que estou vivo. Meus advogados documentaram provas de que estou vivo, pois a mídia exigirá isso. Gravamos um vídeo que eles receberão. Depois disso, o mundo saberá que ainda estou à frente da Wenn, mas ninguém saberá de onde. Ninguém conseguirá nos encontrar. Seremos só você e eu. Está disposta a aceitar isso?

Eu sorri para ele e toquei em seu rosto com a palma da mão. — Eu estaria aqui agora se não

estivesse?

Ele beijou a minha mão. — Tenho mais uma pergunta — disse ele.

— O quê?

Ele colocou a mão no bolso e tirou uma caixinha azul. Fechei os olhos ao imaginar o que viria a seguir. Ele abriu a caixa e vi o anel de diamante mais lindo do mundo. Não era exagerado. Não era pequeno. Era apenas brilhante e perfeito.

— Quer casar comigo, Jennifer? Quer ser minha esposa?

— Isso foi uma pergunta? — perguntei.

Vi um brilho malicioso nos olhos deles quando ele disse: — Na verdade, sim. Por motivos legais, eu preciso saber o que você quer.

— É claro que sim — disse eu. — É claro que quero ser a sua esposa.

— Você ouviu isso, Tank? — perguntou Alex ao colocar o anel no meu dedo. — Jennifer Kent concordou em se chamar Jennifer Kent-Wenn.

— Ouvi, senhor.

Mas eu balancei a cabeça negativamente. — Não concordei com isso.

Alex franziu a testa para mim.

— Concordei em ser a sua esposa. Mas nada de Kent. Só concordei em ser Jennifer Wenn. Sou totalmente sua.

— Você ouviu isso em primeira mão, Tank — disse Alex.

Mas, antes que Tank conseguisse responder, Alex já me puxara para o colo. Os lábios dele estavam sobre os meus e as mãos em minha cintura. E, ao partirmos de Manhattan para outro mundo, com novas aventuras e desafios, eu sabia, no fundo do coração, que tomara a melhor decisão da minha vida.

#

LIVROS DE CHRISTINA ROSS NO KINDLE

[CHANCE](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 1](#)

[ACABE COMIGO, LIVRO 2](#)

ACABE COMIGO, LIVRO 3

ACABE COMIGO, LIVRO 4

Acabe Comigo, Vol. 3 deveria ter sido o fim da série *Acabe Comigo* que, em três volumes, conta a história de Jennifer Kent e Alexander Wenn. Mas, devido à reação dos leitores, que queriam saber quem estava por trás das ameaças, a resposta será revelada em *Acabe Comigo, Vol. 4*, o maior livro da série. *Acabe Comigo: Edição de Natal* também terá muitas revelações. Esses dois livros encerrarão a série *Acabe Comigo*, mas somente em um sentido.

Agora é hora para novas histórias e personagens surgirem da série. Há, na verdade, um mundo completo de histórias a contar por causa desta série. Quando pedi a vocês, na minha [página no Facebook](#), para entrarem no mundo de Christina Ross, eu estava falando sério. Naquele mundo, faremos novos amigos sem deixar para trás os velhos amigos, como Jennifer e Alex.

Participe da minha lista de correspondência para não perder os próximos livros:
<http://on.fb.me/16T4y1u>

Adoro quando meus leitores entram em contato comigo! Escreva para o e-mail christinarossauthor@gmail.com ou na minha página de fãs do Facebook aqui: <http://on.fb.me/ZSr29Z>. Adoro conversar com meus leitores no Facebook. Também distribuo brindes lá. Espero ver você por lá em breve!

Se quiser deixar uma avaliação deste ou de qualquer outro dos meus livros, eu agradeço. Avaliações são essenciais para todos os escritores. Obrigada!

XO!

—Christina